



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

COMPREENDENDO A RELAÇÃO DAS PESSOAS COM AS ÁREAS NATURAIS DA SERRA DO CIPÓ (MG) EM
MEIO ÀS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO.

Por

DANIELA CAMPOS DE FILIPPO

NAZARÉ PAULISTA, 2013



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

COMPREENDENDO A RELAÇÃO DAS PESSOAS COM AS ÁREAS NATURAIS DA SERRA DO CIPÓ
(MG), EM MEIO ÀS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO.

Por

DANIELA CAMPOS DE FILIPPO

COMITÊ DE ORIENTAÇÃO

ALEXANDRE UEZU

SUZANA MACHADO PADUA

ZYSMAN NEIMAN

TRABALHO FINAL APRESENTADO AO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COMO REQUISITO
PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ECOLOGIA

IPÊ – INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS

Ficha Catalográfica

De Filippo, Daniela Campos

Compreendendo a relação das pessoas com as áreas naturais da Serra do Cipó (MG), em meio às transformações do espaço, 2013. 142pp.

Trabalho Final (mestrado): IPÊ – Instituto de Pesquisas ecológicas

1. Transformações do Espaço
2. Turismo
3. Unidade de Conservação
 - I. Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, IPÊ

BANCA EXAMINADORA

NAZARÉ PAULISTA, 2013

Prof. Dr. ALEXANDRE UEZU

Prof. Dra. SUZANA MACHADO PÁDUA

Prof. Dr. ZYSMAN NEIMAN

Prof. Dra. KÁTIA TORRES RIBEIRO

Dedico este trabalho, que é o resultado de um longo processo, à minha mãe
Cibele.

AGRADECIMENTOS

Tenho tanto a agradecer! Agradeço por ter feito este curso que é, na verdade, a realização de um sonho. E isto só foi possível graças à minha amada família, principalmente à Cibele, Maria Cezar, Carolina, Marisa, Amílcar, Francisco e Léo, que me proporcionaram tudo isso. Agradeço a cada dia pela compreensão e todo apoio de vocês sobre o caminho que escolhi trilhar.

Agradeço à Kátia, com quem é uma alegria compartilhar o fechamento desta etapa. Agradeço por ter me mostrado que nem sempre os caminhos da vida são óbvios e também por se dispor gentilmente a participar desta banca.

Aos meus orientadores, Alexandre Uezu, Suzana Padua e Zysman Neiman, eu agradeço imensamente por terem respeitado tanto as minhas escolhas durante este projeto quanto o meu ritmo para realiza-lo. A eles e também a cada um dos professores da ESCAS e pesquisadores do IPÊ pelos ensinamentos transmitidos, fundamentais na construção da profissional melhor que me tornei. Ao Seu João, Rose, Roseli, Maria Helena, Elaine, Eduardinho e todos os funcionários do IPÊ, pelo apoio e cuidado oferecidos neste período, o que tornou a estadia em Nazaré muito tranquila.

Aos queridos amigos Séfora, Marina, Gabriela e Sidney obrigado por tantos ensinamentos, pela ótima convivência e pela grande amizade que construímos.

Aos moradores da Serra do Cipó, fonte de inspiração para este trabalho, obrigada por me receberem tão bem e por permitirem que este estudo tenha sido realizado. Aos membros do CODEMA, COMTUR e Subcomitê de Bacia do Rio Cipó por terem permitido o acompanhamento das reuniões para a realização da pesquisa.

Agradeço também aos amigos Claudinho, Mateus, Lilian e Guilherme pelo constante incentivo e por todas as trocas de ideias tão enriquecedoras. Ao Claudinho também agradeço pela contribuição fundamental nos trabalhos de campo. À Chris Vilela, Cris Lopes, Jaque, Fina e Gilson, pelo constante e diverso apoio e incentivo. À Maria Stela e à D. Antônia da Fazenda Cipó pela revisão do texto e importantes observações sobre a história da Serra do Cipó. Ao querido Léo que se desdobrou durante o período deste curso, tenho muito a agradecer. Todo o seu amor, apoio, incentivo e compreensão diários me deixaram mais tranquila para esta caminhada.

“O *boarding master*, encarregado dos alunos na faculdade, (...) uma vez fez um sermão sobre um homem cuja casa era mal - assombrada. O homem fez de tudo para espantar os fantasmas, mas não conseguiu. Então resolveu deixar seu *kraal* [um povoado rural com cabanas e casas], amontoou tudo o que tinha numa carroça e saiu procurando outro lugar para morar. No meio do caminho, encontrou um amigo que lhe perguntou: “Para *onde* você está indo?” Antes que ele respondesse, veio uma voz lá de fora da carroça: “estamos pegando a estrada, saindo do nosso *kraal*.” Era uma assombração. O homem achou que tinha deixado os maus espíritos para trás, mas eles vieram junto. A moral da história é: “*Não fuja* dos problemas; *encare-os!* Porque se *você* não lidar com eles, estarão sempre com você. Encare o problema que surgir; enfrente com coragem. ””

Relato de Nelson Mandela no livro “*Conversas que tive comigo*”

SUMÁRIO

Conteúdo

AGRADECIMENTOS	7
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE FIGURAS	14
RESUMO.....	17
ABSTRACT	18
1. INTRODUÇÃO	19
2. OBJETIVOS	28
3. METODOLOGIA.....	29
3.1. Área de Estudo.....	29
<i>Localização</i>	29
<i>Descrição física</i>	31
<i>Um pouco sobre a história anterior ao século XX do distrito Serra do Cipó</i>	32
<i>Contexto da degradação e perda de hábitat natural no distrito Serra do Cipó</i>	34
3.2. Levantamento dos Dados.....	36
3.3. Análises dos Dados.....	44
4. RESULTADOS	47
4.1. Caracterização Socioeconômica	47
4.1.1. <i>Moradores</i>	47
4.1.2. <i>Turistas 01</i>	51
4.1.3. <i>Turistas 02</i>	55
4.2. História Comentada da Serra do Cipó.....	60

4.2.1. <i>Descrição do processo de transformação do espaço do distrito da Serra do Cipó, a partir do século XX</i>	60
4.2.2. <i>A população e o alimento</i>	76
4.2.3. <i>O distrito Serra do Cipó e o turismo</i>	83
4.3. <i>Relação das Pessoas com as Áreas Naturais</i>	92
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
6. DESDOBRAMENTOS DO ESTUDO.....	124
7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
ANEXO A	131
ANEXO A'.....	133
ANEXO B	135
ANEXO C	136
ANEXO D	137
ANEXO E	139
ANEXO F.....	140
ANEXO G	141
Por que fazer este projeto na Serra do Cipó? Uma breve apresentação da autora.....	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Informações sobre N populacional de Santana do Riacho e do distrito Serra do Cipó desde 1970. Fonte: IBGE.....	34
Tabela 2: Número de casas existentes na Serra do Cipó, por Setor Censitário, de acordo com IBGE (2010) e a porcentagem. Número de casas de moradores e de Turistas 02 em que as pessoas foram entrevistadas.	38
Tabela 3: Tema das perguntas e questões abordadas durante as entrevistas. Nem todas as perguntas foram realizadas para todos os entrevistados. Algumas foram realizadas apenas para moradores (M), Turistas 01 que não mantém casa de veraneio na Serra do Cipó (T01).....	40
Tabela 4: Idade dos moradores entrevistados no distrito Serra do Cipó.....	47
Tabela 5: Tempo em que os moradores entrevistados vivem na Serra do Cipó.....	48
Tabela 6: Idade dos Turistas 01, que não mantém casa na Serra do Cipó, entrevistados.....	52
Tabela 7: Tempo em que Turistas 01 entrevistados conhecem a Serra do Cipó.....	53
Tabela 8: Número de pessoas que citou cada motivo para explicar o motivo pelo qual visita a Serra do Cipó.....	55
Tabela 9: Idade dos Turistas 02 entrevistados no distrito Serra do Cipó.....	55
Tabela 10: Frequência em que Turistas 02, com residência, visitam a Serra do Cipó.....	57
Tabela 11: Motivos pelos quais os Turistas 02 entrevistados visitam a Serra do Cipó.....	59
Tabela 12: Motivos pelos quais os Turistas 02 entrevistados mantêm uma casa na Serra do Cipó.....	59
Tabela 13: Número de áreas naturais citadas e citações 'per se' e por indivíduo em cada grupo. Áreas naturais mais citadas por grupo.....	94

Tabela 14: Porcentagem de respostas por grupo à pergunta: Com que frequência você visita essas áreas? Fa = 1 vez por mês ou mais; Fb= De 2 ou 3 vezes por ano; Fc= 1 vez por ano; Fd = menos que 1 vez por ano ou é a primeira vez que visita a Serra do Cipó.	100
Tabela 15: Porcentagem de respostas por grupo à pergunta ‘O que as áreas naturais da Serra do Cipó representam para você?’	101
Tabela 16: Tabela explicativa sobre as respostas à pergunta ‘Utiliza algum elemento do cerrado da Serra do Cipó? Caso sim, quais?’	107
Tabela 17: Lista das atividades de conservação e o respectivo número de Turistas 01, Turistas 02 e Moradores que as realizam.	117

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O distrito da Serra do Cipó (listrado), localizado no município Santana do Riacho (contorno preto), está inserido na APA Morro da Pedreira (laranja) e uma pequena porcentagem inserida no PARNA SCipó (roxo).	30
Figura 2: Identificação das regiões do distrito da Serra do Cipó por Setor censitário. Fonte: IBGE, 2010 modificado.	37
Figura 3: Localização dos pontos amostrais em cada setor censitário. À direita, ampliação dos setores 1, 5 e 6 para melhor visualização.....	38
Figura 4: Média de moradores que se mudaram para a Serra do Cipó por ano, nas diferentes décadas.....	48
Figura 5: Escolaridade dos moradores entrevistados. E.F.= Ensino Fundamental; E.M.= Ensino Médio; C.T.= Curso Técnico; Pós= Pós Graduação. IN = incompleto; COM=Completo.	50
Figura 6: Escolaridade dos Turistas 01 entrevistados. E.F.= Ensino Fundamental; E.M.= Ensino Médio; C.T.= Curso Técnico; Pós= Pós Graduação. IN = incompleto; COM=Completo.	52
Figure 7: Cidades onde os Turistas 01 moram. Grande BH: 12 são de Belo Horizonte e 4 da região Metropolitana. Outras Cidades: 1 de Itajubá; 2 de Brasília; 1 da Alemanha.....	54
Figura 8: Meios de hospedagem em que os Turistas 01 entrevistados estavam. Quatro turistas estavam apenas passando o dia, no distrito.	54
Figure 9: Escolaridade dos Turistas 02 entrevistados. E.F.= Ensino Fundamental; E.M.= Ensino Médio; C.T.= Curso Técnico; Pós= Pós Graduação. IN = incompleto; COM=Completo.	56
Figura 10: Cidades onde os Turistas 02 moram. Grande BH: 15 moram em Belo Horizonte e 2 em outras cidades da Região Metropolitana. Outras Cidades são: Sete Lagoas, Lagoa Santa, Paraopeba.	57
Figura 11: Quatorze Turistas 02 pretendem se mudar para a Serra do Cipó: quatro nos próximos cinco anos; três nos próximos 10 anos; um daqui a mais de 10 anos; seis pretendem se mudar, mas não sabem quando.....	58
Figura 12: Tempo em que Turistas 02 conhecem a Serra do Cipó e mantém casa neste lugar.	58
Figura 13: Resultado da análise de agrupamento sobre a relação das pessoas com as áreas naturais da Serra do Cipó. A identificação dos	

setores que cada indivíduo mora com o respectivo tempo em que vive na Serra do Cipó encontra-se no ANEXO D.	93
Figura 14: As dez áreas naturais mais citadas pelos entrevistados ao serem questionados quais áreas naturais conheciam.....	98
Figura 15: As dez respostas mais citadas e os respectivos número de entrevistados ao serem questionados sobre o que gostam nas áreas naturais da Serra do Cipó.....	103
Figura 16: O número de pessoas que respondeu à pergunta: O mais incomoda nas áreas naturais? *fatores naturais citados: chuva, pernilongo, carrapato.....	104
Figura 17: Utiliza algum elemento do cerrado da Serra do Cipó? Caso sim, qual?	109
Figura 18: Respostas mais citadas à pergunta “Como você gostaria de ver as áreas naturais no futuro?” *como antigamente, as pessoas que responderam assim é porque gostariam de ver as pessoas plantando novamente, as pessoas morando no Retiro de novamente.....	110
Figura 19: Número de: a) Moradores; b) Turistas 01 e; c) Turistas 02 que avistaram animais da Serra do Cipó. *aves contam com passarinhos e pássaros	112
Figura 20: Nomes de peixes mais citados pelos: a) Moradores e; b) Turistas 02 e o respectivo número de pessoas que citou cada uma das espécies.	113
Figura 21: Animais que já foram consumidos pelos moradores da Serra do Cipó.	115

LISTA DE ABREVIACOES

AME	Associação Mineira de Escalada
APA	rea de Proteção Ambiental
CODEMA	Conselho Municipal de Conservação e Defesa do Meio Ambiente
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
PARNA SCip	Parque Nacional da Serra do Cipó
UC	Unidade de Conservação
UIAA	União Internacional de Associações de Alpinismo

RESUMO

A relação entre seres humanos e o meio em que vivem, tendo em vista o espaço físico e suas representações são denominadas pelo geógrafo Milton Santos como espaço. Estas relações estão em constantes transformações, e o entendimento a respeito das mesmas gera informações úteis para o planejamento local, este importante para a conservação da biodiversidade. No presente estudo serão apresentadas as transformações do espaço no distrito da Serra do Cipó (Santana do Riacho, MG), e a forma com que as pessoas se relacionam com as áreas naturais deste lugar. Este distrito está localizado na Serra do Espinhaço e tem o território em duas UCs federais, a APA Morro da Pedreira e o PARNA SCipó. Possui elevadas taxas de espécies endêmicas e recursos hídricos em abundância, além disso, é um local conhecido como destino turístico devido, principalmente, às áreas naturais compostas por cachoeiras. São objetivos desta pesquisa: descrever o processo de transformação do espaço a partir do século XX; compreender a relação das pessoas com as áreas naturais deste lugar e; verificar se há aspectos socioeconômicos que influenciam nesta relação. Para a coleta de informações utilizou-se a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Ao todo, foram 120 entrevistas, sendo 80 com moradores (4,2% da população do distrito) e 40 com turistas. Entre os turistas, 20 mantêm residência na Serra do Cipó, portanto, das 601 residências do distrito, 16,63% foram visitadas para as entrevistas. Na análise dos dados, optou-se por utilizar análises qualitativa e quantitativa, uma vez que são complementares. Para a análise qualitativa utilizou-se a história em forma de narrativa comentada para a descrição das transformações do espaço da Serra do Cipó desde o último século. Para a análise quantitativa, realizou-se a técnica de agrupamento através do Coeficiente de Similaridade Jaccard e assim, verificar se há proximidade na forma com que as pessoas se relacionam com as áreas naturais. O distrito da Serra do Cipó no início do século XX era formado por grandes fazendas, sendo que os primeiros loteamentos datam da década de 1970. Após a década de 1980, foram várias as mudanças que aconteceram no distrito como: criação do parque e da APA, asfaltamento dos acessos ao distrito, chegada do turismo e expansão imobiliária. Observou-se que turistas e moradores se relacionam diferentemente com as áreas naturais. Entre os moradores, aqueles que vivem no mesmo setor censitário se relacionam de forma semelhante com as áreas naturais, indicando que o local onde as pessoas vivem é um fator relevante para esta relação. Observou-se também, que quando moradores de diferentes setores censitários apresentaram-se no mesmo grupo, tem em comum o tempo que vivem na Serra do Cipó, sendo este outro fator relevante para a relação das pessoas com as áreas naturais. Um planejamento participativo, que leve em consideração a biodiversidade e a cultura local se faz necessário tendo em vista a velocidade das transformações do espaço.

Palavras-chave: Transformações do Espaço, Turismo, Unidade de Conservação.

ABSTRACT

The relationship between humans and their environment, considering the physical space and its representations, are called space by the geographer Milton Santos. These relationships are in constant change, and understanding them generates useful information for local planning, which is important for biodiversity conservation. In this study, the transformations of space in the district of Serra do Cipó (Santana do Riacho, MG) and the way people relate to the natural areas of this place are presented. This district is located in the Serra do Espinhaço and has in its territory two federal PAs: APA¹ Morro da Pedreira and PARNA² SCipó. It has high rates of endemic species and abundant water resources. In addition, it is known as a tourist destination due mainly to its natural areas with the presence of waterfalls. The objectives of this research are: to describe the process of spatial transformation, starting from the twentieth century; to understand the relationship between people and the natural areas of this place; to check for socioeconomic factors that influence this relationship. In order to collect information, it was used participant observation and semi-structured interviews. In total, 120 interviews were conducted, being 80 with residents (4.2% of the district population) and 40 with tourists. Among the tourists, 20 of them hold a residence at Serra do Cipó, so, from a total of 601 households in the district, 16.63% were visited for interviews. For the data analysis, qualitative and quantitative analyzes were carried out, since they are complementary. For the qualitative analysis, the story in commented narrative form was used to describe the spatial transformation of Serra do Cipó since the last century. Regarding the quantitative analysis, there was a clustering technique using Jaccard Similarity Coefficient to check for similarity among the ways people relate to the natural areas through the years. The district of Serra do Cipó, in the early twentieth century, consisted of large farms, with the first settlements dating back to the 1970s. After the 1980s, there were several changes that have happened in the district, such as: the creation of the PARNA and the APA, the paving of the access to the district, the arrival of tourism, and the housing expansion. It was observed that tourists and residents relate differently to natural areas. Among the residents, those living in the same census tract, relate to the natural areas in a similar way, indicating that the place people live is an important factor for this relationship. It was also observed that, when residents of different census tracts were located in the same group, they had in common the period of time living in Serra do Cipó, which is another relevant factor to the relationship between people and natural areas. Participatory planning, which takes into account biodiversity and local culture is necessary, considering the speed of spatial transformation.

Keywords: Spatial Transformations, Tourism, Protected Area.

¹ Portuguese abbreviation for Environmental Protection Area

² Portuguese abbreviation for National Park

1. INTRODUÇÃO

A palavra *relação* significa “*vinculação de alguma ordem entre pessoas, fatos ou coisas; ligação, conexão*” (Houaiss, 2007). Sendo assim, nós seres humanos nos relacionamos uns com os outros e com o meio onde vivemos desde o momento de nosso nascimento, de forma que influenciemos e somos influenciados pelo mundo que nos cerca. São várias as ciências que buscam compreender essas relações, pois uma vez compreendidas podem ser analisadas, discutidas e melhor trabalhadas, seja pela busca de mudanças em atitudes pessoais, programas de educação e planejamento de políticas públicas.

O conjunto das relações humanas para com todo o ambiente (espaço físico) existente e vice-versa é tratado pelo geógrafo Milton Santos (2007) como espaço. Estas relações são permeadas por diferentes significados e valores. Deixa-se claro que até mesmo os espaços não ocupados, denominados pelo autor como espaços “vazios”, não são neutros. Ao se tratar de áreas integralmente protegidas, como por exemplo, os Parques Nacionais, o entendimento é de que mesmo contendo áreas intangíveis, teoricamente sem moradores e sem visitantes, não os faz serem espaços neutros. Socialmente, para grupos de pessoas e instituições estas áreas possuem diferentes significados e valores. O que para uns é uma área de conservação da biodiversidade (“não humana”), para outros se trata de um local relacionado à sua história de vida e a repressão do Estado que lhes impede de ter acesso àquela terra; áreas de beleza cênica; ou fonte de recursos naturais.

Sendo assim, todos os espaços - construídos ou não construídos, com ou muitas vezes teoricamente sem a presença humana - são indivisíveis e cercados por múltiplas e superpostas influências, sejam elas locais, regionais, nacionais ou mundiais, possuindo e emanando da mesma forma interesses diversos, seja de ordem econômica, política e/ou ideológica (Santos, 2007).

Para estudar e compreender os objetos materiais existentes no espaço é necessária a compreensão dos processos sociais que os tornaram presentes ali. Outra característica importante para a compreensão do espaço são os seus

ritmos - o tempo social - ou seja, a duração dos processos sociais que deixa marcas na paisagem. A paisagem, como porção do espaço, por sua vez é o resultado de marcas do tempo. O tempo social da sociedade em que vivemos é em partes controlado pelo Estado e por grandes instituições privadas. Este controle por vezes é proibitivo e chega à sociedade através das leis, por exemplo. Em outros momentos, este controle é realizado através de investimentos ou incentivos aos investimentos (Santos, 2007).

Por mais que os processos sociais sejam controlados pelo Estado ou pelas instituições privadas, o seu desencadeamento ocorre em diferentes velocidades e intensidades, dependendo do ambiente em que estão inseridos, da velocidade em que as informações são transmitidas e da compreensão destas informações por parte da sociedade inserida neste espaço. Estes processos podem ter fechamentos distintos, também. Portanto as marcas dos processos sociais serão heterogêneas no espaço, e por isso a escala é outra característica importante para o seu estudo (Santos, 2007).

Como as transformações do espaço acontecem devido a alterações sinérgicas, em que as necessidades da sociedade, as relações sociais e o espaço geográfico (físico) se modificam ao longo do tempo, não há necessariamente a possibilidade da existência de um fator inicial. Tais fatores atuam como “bola de neve”, em que um influencia o outro. Sendo assim, para Costa e colaboradores (2003), espaços em que novas atividades econômicas são incorporadas passam por intenso processo de transformação desses valores e conseqüentemente por conflitos de interesses.

A chegada do turismo em comunidades rurais é um fenômeno que exemplifica bem as transformações e os conflitos em espaços com abundância de recursos naturais e beleza cênica. Costa e colaboradores (2003) explicam que o conflito ocorre justamente porque a atividade turística nestas áreas depende de “forças- contrárias entre si”, ou seja, que demandam a manutenção e a exploração dos elementos da natureza.

Uma forma de realizar a atividade do turismo em áreas naturais levando-se em consideração a conservação ambiental e o bem estar das populações locais é denominada pela *The Ecotourism Society* (2012) como ecoturismo. Esta seria

uma forma dos turistas vivenciarem a realidade das populações locais e também minimizar os seus impactos socioambientais. O bem estar das populações do local em que se está visitando está relacionado com a integração das mesmas nos processos de desenvolvimento econômico e com o respeito para com as tradições locais (Mendonça & Neiman, 2002). Diferentemente do que propõe este conceito do ecoturismo, as instituições que o promovem possuem um histórico de ações mais relacionado às concepções empresarias e, junto com o Estado, atuam no turismo de acordo com a demanda do consumidor-turista (Cruz, 2007). As comunidades que vivem nos destinos turísticos se inserem direta ou indiretamente nesse processo, que possui princípios capitalistas, de forma a se enquadrar para atender a essa demanda de mercado (Cruz, 2007) e passam a ter novas necessidades também. Portanto, ter como atividade econômica o ecoturismo nem sempre é garantia de haver respeito à cultura local e à conservação ambiental.

Os turistas que praticam o ecoturismo, por sua vez, geralmente vivem nos grandes centros urbanos, cidades com baixa qualidade ambiental. Nestas, há sobrecarga de sistemas como trânsito e poluição, o que ocasiona uma baixa qualidade de vida. Essas pessoas vão à busca de locais mais próximos às áreas verdes, porém nem sempre se desapegam dos padrões urbanos, e geram novas demandas e possibilidades de transformações no espaço em que visitam (Guimarães & Dacanal, 2006). Além disso, no Brasil é comum a falta de planejamento nos diversos âmbitos da ocupação territorial, incluindo a prática do ecoturismo, o que resulta na apropriação irracional do espaço pelos turistas (Coelho, 2006). Estas novas interferências, além de afetar o seu espaço geográfico, podem afetar negativamente os locais e as pessoas pela não manutenção das tradições e na perda de valores culturais pelas populações locais, alterando a qualidade ambiental, o modo e a qualidade de vida das pessoas que ali vivem (Guimarães & Dacanal, 2006).

Nos territórios que possuem usos turísticos - assim como em todos os outros - o Estado, as instituições privadas e a sociedade civil com diferentes graus de organização participam de processos sociais e de transformações espaciais de forma e intensidade diferentes. Existem vários exemplos no Brasil de incentivo ao turismo por parte do Estado, como por exemplo, a promoção de

infraestrutura e de marketing, e a normatização das práticas econômicas, turísticas, e ambientais. As instituições privadas, por sua vez, aproveitam estes incentivos do Estado ou, até mesmo em algumas ocasiões realizam estas mesmas ações. Outros agentes importantes em territórios que possuem usos turísticos são os próprios turistas, que muitas vezes são os responsáveis pela colocação de um território como destino turístico e os mantêm como tal, uma vez que são os consumidores neste processo. Nestes espaços turísticos há também as comunidades que vivem nestes locais, que possuem sua cultura intimamente relacionada com as características ambientais da região. As transformações destas comunidades se tornam fortemente influenciadas pela cultura e necessidades dos turistas (Cruz, 2007).

Tais comunidades, ao receberem turistas que possuem hábitos de consumo diferentes das mesmas buscando atendê-los neste padrão, passam por diversas modificações em suas atividades diárias em curtos períodos de tempo (Antônio & Guimarães, 2008). Contudo, os processos que influenciam as mudanças na transmissão de conhecimento entre as gerações de uma comunidade não têm apenas causas locais relacionadas ao ecoturismo. Guimarães e Dacanal (2006) mostram, em seu estudo sobre o Patrimônio Material e Imaterial em uma comunidade tradicional caiçara, como o avanço da quantidade e a velocidade das informações disponíveis na sociedade é um processo globalizado. Sendo assim, o tempo necessário para a estabilização da tradicionalidade não acompanha todo esse processo veloz.

É comum, na Serra do Espinhaço, cadeia montanhosa que vai de Outro Preto (MG) à Chapada Diamantina (BA), o processo de rápida transformação social e econômica de povoados compostos por pequenos agricultores após a chegada do turismo. Diversos estudos sobre este assunto foram realizados em Lapinha da Serra, localizada no mesmo município que o distrito da Serra do Cipó, ou seja, Santana do Riacho (Gontijo, 2003; Lopes, 2009; Ribeiro, 2013). Tanto em Lapinha da Serra quanto em outros povoados do Espinhaço a facilidade do acesso rodoviário através da abertura de estradas e, posteriormente, a pavimentação das mesmas, proporcionou o aumento do turismo e, mais especificamente, o aumento de novas construções como casas de veraneio ou de moradores antigos que veem no aluguel de imóveis uma fonte de renda,

principalmente na primeira década do século XXI. Ribeiro (2013) destaca em seu estudo como as relações de trabalho mudam com a monetarização das relações sociais e de trabalho, impulsionadas pelo turismo nestes locais. Se até a segunda metade do século XX as relações de trabalho eram permeadas por trocas de dias de serviço e por mutirões, agora o dinheiro está cada vez mais presente. O aumento das possibilidades de trabalho para atendimento ao turista e para a crescente demanda de construção civil ocorreu nos dois locais em detrimento às práticas de lavoura. Assim, os jovens não seguem o trabalho que os mais velhos realizam e as relações interpessoais vão se modificando. A forma com que os moradores se relacionam com as áreas naturais também muda. Se antes as pessoas plantavam e retiravam dali mesmo o material para construir suas casas, agora tais materiais são importados de outras regiões e adquiridos com o dinheiro de serviços prestados ou do aluguel de casas, principalmente aos turistas (Ribeiro, 2013). Ribeiro (2013) chama a atenção para o fato de a relação dos moradores dos vilarejos com as áreas naturais mudar também a partir do momento em que as restrições de uso da terra, com propósitos conservacionistas passam a acontecer. A forma com que as populações produzem na lavoura ou buscam na mata os recursos de que necessitam passa a ser proibida e é substituída pela compra de mercadorias. Esta nova forma de obter seus recursos básicos faz parte de um ciclo econômico muito maior espacialmente e planetariamente muito degradante. Esta restrição de uso vem através da presença de órgãos de fiscalização ambiental, na criação das Unidades de Conservação ao longo da Serra do Espinhaço e na forma de denúncias feitas pelos novos moradores vindos de áreas urbanas e acostumados a outras formas de produção e consumo diferentes das tradicionalmente praticadas em tais povoados (Ribeiro, 2013).

Este não é um caso isolado de como o turismo influencia a forma de vida em pequenas comunidades. O caso da APA de Cairuçu também mostra os reflexos do turismo em comunidades caiçaras. Localizada no município de Paraty (RJ), a APA de Cairuçu é gerida pelo ICMBio e compartilha território com UCs de outras categorias: Reserva Ecológica, APA municipal, Estação Ecológica federal e parte de um Parque Nacional (Coelho, 2006). Coelho (2006) descreve que a APA de Cairuçu, criada em 1983, protege áreas de

ecossistemas costeiros como a Mata Atlântica e nas praias da região estão presentes dezenas de comunidades caiçaras. Uma das atividades econômicas predominantes no município protegido pela APA está o turismo. Tal atividade interfere diretamente na cultura caiçara, através da mudança de práticas e valores culturais.

Coelho (2006) lista como causas de dificuldade de gestão da APA de Cairuçu a não conclusão do Plano de Manejo até o momento as poucas restrições exigidas por esta categoria de UC. Algumas ações foram realizadas para minimizar os impactos socioambientais, como a criação da Reserva Ecológica Estadual da Juatinga, em 1992. Mesmo assim, uma série de conflitos relacionados à valorização das terras vem ocorrendo de forma crescente desde meados do século XX. A autora destaca que o melhoramento da acessibilidade à localidade através do melhoramento da rodovia BR-Rio Santos, foi um dos principais motivos que impulsionou a especulação imobiliária na região. A facilidade de acesso em uma região de natureza exuberante contribui para uma mistura que aumenta a procura turística, não apenas para visitação, mas como segunda residência (Coelho, 2006).

Um exemplo mais extremo em que o turismo levou a um processo intenso de urbanização de uma área rica em recursos naturais é o caso de Porto Seguro (BA) descrito por Costa e colaboradores (2003). O turismo em Porto Seguro iniciou-se na década de 1970, com o chamado turismo “alternativo”. Já a partir da década de 1980 o perfil do turista modificou-se e, atualmente, o local é conhecido pelo turismo de “massa”. A região oferece tanto praias de beleza cênica naturais, quanto locais com maior infraestrutura de entretenimento que são continuamente reestruturados a fim de atender à demanda turística durante todo o ano. Em vinte anos, a pacata vila de pescadores teve um aumento populacional de 92,86%, o que resultou em diversas e relevantes mudanças na estrutura do município. A ocupação dos ecossistemas costeiros, como o mangue e a orla marítima ocorreu pelas construções de favelas e de casas de veraneio. O aumento da população foi tanto de turistas quanto de pessoas que moravam em outros municípios baianos que aproveitaram as crescentes oportunidades de trabalho. A entrada de migrantes para trabalhar em Porto Seguro foi significativa, pelo fato de que não se exigia nível básico de

qualificação e também pelo oferecimento de lotes por parte do poder público municipal. Os impactos socioambientais aumentaram juntamente com a urbanização de Porto Seguro. A sazonalidade de turistas é outra questão a ser discutida, já que além da população residente, há a população flutuante no período de feriados e, principalmente, durante o verão. Questões como desmatamento e ocupação da Mata Atlântica, especulação imobiliária, crescente produção de resíduos sólidos e dejetos e a precariedade das estruturas de saneamento básico promovem o questionamento sobre a real sustentabilidade da atividade turística (Costa *et al.*, 2003). O planejamento municipal é de extrema relevância nestes casos, porém, este é apenas um dos exemplos de como o “boom” turístico ocorre muitas vezes de forma acelerada, e que não condiz às reais condições de preparação dos municípios brasileiros em lidar com tamanho aumento populacional num pequeno período de tempo.

Tendo em vista esta realidade, o histórico de uso e ocupação do solo também é necessário para a compreensão de como ocorre o processo de formatação da paisagem, conseqüentemente, do espaço (Foster, 2006). A identificação dos vários fatores sociais e econômicos que motivaram e motivam as decisões relacionadas ao uso da terra, além do levantamento dos fatores que causam os impactos no ecossistema a ser trabalhado, são fundamentais para a definição e o planejamento de ações necessárias para a conservação (Groom & Vynne, 2006). Sendo assim, a conservação no nível de paisagem é uma oportunidade de integrar informações e criar um amplo plano de conservação, incluindo análise de paisagem, e a compreensão das questões socioeconômicas e decisões políticas (Dunning *et al.*, 2006).

Sabendo-se da velocidade com que podem acontecer as transformações do espaço com uso turístico, o levantamento da relação entre esses períodos e os seus valores, se faz como objeto de estudo fundamental para que a história seja registrada e não seja confundida com o presente (Santos, 2007). Neste sentido, para Santos e colaboradores (2007), as relações de nossa espécie com a natureza vêm, ao longo da história, se tornando menos harmônica. Esta afirmação, porém não deve ser generalizada, já que o tempo social não é o mesmo para todas as sociedades, nem a forma com que se relacionam com o meio onde vivem (Santos, 2007). Além disso, a modificação do espaço pelo ser

humano não pode ser considerada como sinônimo de destruição (Santos *et al.*, 2007). Neste contexto, tanto a forma com que os recursos naturais são utilizados, quanto o tamanho da população humana devem ser considerados.

O esgotamento de recursos naturais, assim como outros eventos de declínios e até mesmo de colapso de algumas sociedades, muitos deles influenciados por problemas ecológicos influenciam na mudança e na forma com que nos relacionamos com a natureza (Diamond, 2010). Algumas destas sociedades, por exemplo, estão atualmente muito mais informadas sobre os danos ambientais que ocasionam e em muitas há legislação ambiental pertinente, visando-se a manutenção dos recursos naturais.

Não necessariamente precisamos entrar em colapso para termos uma interação menos impactante com os elementos da natureza. O estudo a respeito das transformações do espaço, como propõe Santos (2007), pode fornecer conhecimentos fundamentais para um melhor planejamento territorial. O conhecimento sobre como as comunidades se relacionam com os elementos naturais, carregado de saberes próprios também contribui para que haja uma relação mais harmoniosa entre os seres humanos e o meio onde vivem. Dentro desta discussão, Neto e Carniello (2007) propõem o conceito de “rede de intenções”, em que é necessário o entendimento sobre a pluralidade das situações cotidianas do local em estudo. A relação entre a cultura de um povo e a diversidade biológica, elemento inerente desta “rede de intenções”, é denominada pelos autores como um “*sistema co-existente de conhecimento*” das populações humanas sobre os seres vivos. Almada (2012) descreve bem estas relações em seu estudo sobre duas comunidades quilombolas: a do Açude, situada no Cerrado mineiro e a de Camburí na Mata Atlântica paulista. O autor mostra como os fatores biofísicos de cada ambiente estão relacionados com a forma com que as comunidades conhecem e manejam as espécies nativas. A documentação das informações a respeito destas relações entre ser humano e o meio em que vivem, incluindo as outras espécies, da forma com que são utilizadas e dos significados atribuídos a elementos da natureza são dados importantes e que podem ser utilizados para subsidiar políticas públicas locais, identificar impactos socioambientais e suas respectivas mitigações/

compensações, assim como auxiliar na detecção de áreas prioritárias para a conservação (Neto & Carniello, 2007).

A ampla gama de caminhos para a compreensão das relações entre os seres humanos com o meio onde vivem e o fato de que este conhecimento leva a resultados que podem auxiliar a gestão do espaço que leve em consideração as questões socioambientais é a inspiração do presente estudo. Buscou-se, portanto levantar como aconteceram as transformações do espaço na Serra do Cipó a partir do século XX e como as pessoas se relacionam com as áreas naturais deste lugar.

2. OBJETIVOS

Os objetivos deste estudo são:

- a) Descrever o processo de transformação do espaço do distrito da Serra do Cipó, a partir do século XX;
- b) Compreender a relação que moradores e turistas da Serra do Cipó têm com as áreas naturais da região, relacionando com alguns de seus aspectos socioeconômicos;
- c) Verificar se há aspectos socioeconômicos que influenciam a relação de moradores e turistas com as áreas naturais da Serra do Cipó.

3. METODOLOGIA

3.1. Área de Estudo

Localização

A Serra do Cipó está localizada na porção meridional da Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, e é conhecida pela elevada biodiversidade, alta taxa de endemismo, abundância de recursos hídricos e belezas naturais. Nessa região, está inserido o distrito Serra do Cipó, pertencente ao município Santana do Riacho, sobre o qual se trata o presente estudo.

O distrito da Serra do Cipó está inserido em duas Unidades de Conservação (UCs) federais (Figura 1), sendo elas o Parque Nacional da Serra do Cipó, criado em 1984, e a Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira, de 1990, ambas geridas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Além dessas, há o Parque Natural Municipal Mata da Tapera e duas Reservas de Particulares do Patrimônio Natura - RPPNs (ICMBio, 2009). A Serra do Cipó está também inserida na Reserva da Biosfera Serra do Espinhaço, o que revela o reconhecimento mundial sobre a importância de conservá-la.

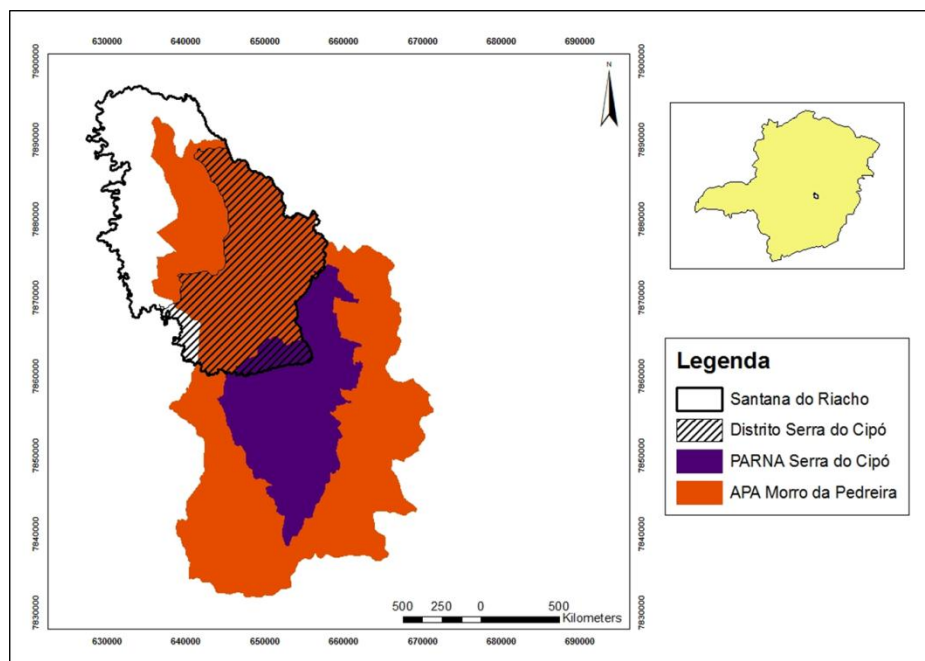


Figura 1: O distrito da Serra do Cipó (listrado), localizado no município Santana do Riacho (contorno preto), está inserido na APA Morro da Pedreira (laranja) e uma pequena porcentagem inserida no PARNA SCipó (roxo).

A portaria do Parque Nacional está localizada em Jaboticatubas, portanto à margem esquerda do Rio Cipó. Porém, o núcleo urbano mais próximo, com estruturas para receber turistas é o distrito da Serra do Cipó (Nascimento, 2010). A presença da portaria do Parque e de outros atrativos turísticos, a proximidade da capital mineira (100km de Belo Horizonte) e programas do governo do estado e de outras organizações para a melhoria de infraestrutura (p.ex.: a construção do asfalto em 1987, 2005 e 2012) e de divulgação do turismo local, fazem com que o distrito Serra do Cipó receba grande quantidade de turistas durante todo o ano. À frente do desenvolvimento de estruturas urbanas, o interesse dos turistas e de novos moradores pela região e a mudança na cultura local promovem não apenas mudanças nas atividades geradoras de renda, mas também no uso da terra, como é o caso da recente expansão e especulação imobiliárias. É visivelmente crescente o número de novos moradores, e principalmente o número de casas de veraneio.

Descrição física

O clima do distrito da Serra do Cipó é tropical de altitude do tipo Cwb de acordo com a classificação de Köppen (1931), com verões chuvosos e estação seca bem pronunciada no inverno. A precipitação anual média varia entre 1300 e 1600 mm concentrada entre os meses de novembro e março (ver ICMBio, 2009).

O distrito da Serra do Cipó tem os seus limites em áreas com diferentes características geológicas e biológicas. Na sua porção sul, onde está localizado o rio cipó o solo arenoso é predominante e a altitude 800m. Uma característica marcante desta área é a presença, de lagoas marginais em forma de ferradura que nada mais são do que antigos braços do rio Cipó. Até a Cachoeira Grande, onde estas lagoas são predominantes, toda a baixada do rio Cipó é uma planície de acumulação Quaternária inundável que é alagada na época das chuvas (ICMBio, 2009). A Cachoeira Grande, por sua vez, funciona como se fosse uma barragem natural e após a sua queda, várias cascatas se formam em um complexo de cachoeiras de diversos tamanhos, como a Lajeado, Chica e Alta.

Está localizada no município também uma grande área de campos rupestres, conhecida pela população como “alto da serra”. Esta área, inserida completamente na Serra do Espinhaço, teve sua formação no período Proterozóico e é caracterizada pela formação quartizítica, com terrenos rochosos, solos rasos e arenosos. São encontradas áreas com altitude entre 900 e 1500m, o que culmina em condições climáticas específicas por influências orográficas. Sua vegetação é peculiar, com alta taxa de endemismo principalmente de espécies das famílias botânicas Asteraceae, Xyridaceae, Velloziaceae, Melastomataceae, Cyperaceae (ICMBio, 2009).

Entre a baixada do rio Cipó e o alto da Serra, encontram-se colinas e suaves morros com solo ácido e alto teor de alumínio que, por serem pedregosos são chamados pela população de “cascalho”. São vastas áreas de Cerrado com suas diversas fitofisionomias: cerrado *sensu strictu*, cerradão, campo limpo,

campo sujo (ICMBio, 2009). Estas áreas, apesar das terras pouco férteis possuem a presença de espécies frutíferas do cerrado.

Entremeados nestas áreas, tanto ao longo do rio Cipó quanto no sopé da serra são encontradas enclaves de Calcário. Estas são cobertas por matas secas e com diversas cavernas típicas dos ambientes cársticos e que promovem solos mais férteis como é o caso das proximidades do Morro da Pedreira e as margens do córrego Soberbo (ICMBio, 2009).

Na vertente leste aos campos rupestres da Serra do Cipó encontra-se o bioma Mata Atlântica com suas espécies típicas como a embaúba-brancas (*Cecropia hololeuca*) e o indaiá (*Attalea oleífera*) (Ribeiro et al., 2009). A umidade da vertente leste aos campos rupestres faz com que os mesmos tenham também espécies endêmicas e que, portanto, não ocorrem na vertente oeste, como é o caso da canela de ema gigante (*Vellozia gigantea*) e algumas orquídeas de gêneros típicos da Mata Atlântica (*Grobya* e *Sophronites*) (Ribeiro et al, 2009).

Um pouco sobre a história anterior ao século XX do distrito Serra do Cipó

De acordo com a Carta de Sesmaria Roça Grande do Cipó (1746), o primeiro proprietário da região, que hoje é o distrito Serra do Cipó (= Cardeal Mota)¹, foi o Sr. José Ferreira, que em 1746 recebeu a outorga de terra, do que na época era a Sesmaria do Cipó (comunicação pessoal Maria Stela Ferreira dos Santos). Estas terras tinham várias léguas de extensão e abrangiam os atuais municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas (Cardoso, 2008), estando Santana do Riacho à direita e Jaboticatubas à esquerda do Rio Cipó.

A primeira construção da região é datada do século XVIII. Esta e outras instalações que deram o início à povoação dessa região ainda existem e estão

¹- O nome do distrito Serra do Cipó foi votado em Lei Municipal na Câmara dos Vereadores de Santana do Riacho, sem a consulta pública. Pela instância estadual o distrito continua com o nome Cardeal Mota.

localizadas na Fazenda Cipó, que fica na margem esquerda do Rio Cipó. Em 1963, com a emancipação do município que até então era denominado Riacho Fundo passou a se chamar Santana do Riacho, sendo o seu limite sul o Rio Cipó. Dessa forma, o município Santana do Riacho que inclui o distrito Serra do Cipó ficou à margem direita do Rio e a Fazenda Cipó e construções de outras famílias que têm relação histórica com a Serra do Cipó na margem esquerda, pertencente ao município Jaboticatubas (Cardoso, 2008; Costa *et al.*, 2003). Por esse motivo, apesar da grande influência dessa Fazenda Cipó na história do distrito Serra do Cipó, essa não pertence à área de estudo deste trabalho.

Desde os primeiros moradores da localidade, no século XVIII, era comum o plantio de mamona para extração do óleo e comercialização para a iluminação pública de vilas e cidades como Ouro Preto, Mariana, Sabará e Diamantina. A partir do século XIX, iniciou-se a extração do azeite da palmeira nativa macaúba (*Acrocomia aculeata*) que na década de 1940 era vendido para fábrica de sabão em Santa Luzia e que a partir de 1956 iniciou-se a produção e comercialização de sabão na própria fazenda (comunicação pessoal Antônia Terezinha dos Santos). Outras atividades econômicas importantes neste período foram o plantio de arroz, feijão, milho, algodão e criação de gado, produtos estes que eram vendidos para a região metropolitana de Belo Horizonte. O escoamento das mercadorias era realizado por tropeiros, até a década de 1920, feito por trilhas que consistiam o único acesso à região (Cardoso, 2008).

Nos tempos mais recentes, principalmente a partir da década de 90, essas atividades foram sendo substituídas por atividades relacionadas ao turismo (Cardoso, 2008). Nos dias atuais as atividades pastoreia como a criação de gado bovino e equino, e a agricultura de perfil de subsistência persistem, porém em pequena proporção e com perfil de subsistência, não mais com excedente para venda.

Contexto da degradação e perda de hábitat natural no distrito Serra do Cipó

O tamanho populacional no distrito da Serra do Cipó é crescente, como mostra a Tabela 1. Nos últimos 20 anos, a população aumentou 52,47%, taxa maior do que o próprio crescimento populacional do município Santana do Riacho como um todo (18,18%), atingindo 1.941 habitantes em 2010, como apontado no último recenseamento (IBGE, 2010). Até o momento, não há dados oficiais em relação ao número de turistas que visitam a Serra do Cipó (informação da Secretaria de Meio Ambiente e Turismo de Santana do Riacho, 2012).

Tabela 1: Informações sobre N populacional de Santana do Riacho e do distrito Serra do Cipó desde 1970. Fonte: IBGE.

Ano	Santana do Riacho			Serra do Cipó		
	N População Residente	Crescimento Populacional (N)	Crescimento Populacional (%)	N População Residente	Crescimento Populacional (N)	Crescimento Populacional (%)
1970	4179	-	-	-	-	-
1980	3191	-988	-23,65	-	-	-
1991	3404	213	6,67	1273	-	-
2000	3739	335	9,84	1533	260	20,42
2010	4023	284	7,59	1941	408	26,61
1991-2010	-	619	18,18	-	668	52,47

A Serra do Cipó está inserida nos biomas do Cerrado e Campos Rupestres e, em menor área, Mata Atlântica (ICMBIO, 2009). As modificações derivadas da ocupação humana geram a degradação e a perda de hábitat, que promovem influências diretas e indiretas na perda da biodiversidade local, como descrito anteriormente.

Não apenas o distrito da Serra do Cipó, mas toda a região em que está inserido foi atendida pelos programas mais recentes do governo de Minas Gerais constituídos, principalmente, pelo asfaltamento e duplicação de rodovias (Processo) e pelo acesso à energia (Energia para Todos). Outro projeto denominado Vetor Norte, visa promover o desenvolvimento urbano do norte da

Região Metropolitana de Belo Horizonte, através da Linha Verde (duplicação da rodovia MG-010 até o Aeroporto Internacional de Confins). A construção da chamada Cidade Administrativa tem unido todo o setor administrativo do estado de Minas Gerais, antes disperso em prédios na capital. Todas essas iniciativas melhoram a acessibilidade dos moradores locais aos centros urbanos maiores (Lagoa Santana e Belo Horizonte) nas diversas situações do dia a dia, e também favorecem a chegada de turistas. Além disso, a partir dessa proposta, o número de empreendimentos vindos da iniciativa privada aumentou na região. Ainda existem programas de incentivo ao turismo que promovem circuitos em que a região está inserida, como o Instituto Estrada Real e o Circuito Serra do Cipó, que divulgam a região.

É importante esclarecer que os programas descritos acima promovem transformações que chegam ao sul do município, junto à rodovia MG-010 que passa pelos municípios de Jaboticatubas, Lagoa Santa e Belo Horizonte. Ao norte do distrito, também seguindo a rodovia MG-010, está o município Conceição do Mato Dentro. Em 2005, o asfalto que liga a Serra do Cipó até Conceição do Mato Dentro ficou pronto, o que facilitou o acesso para as regiões mais ao norte do Espinhaço como Serro e Diamantina. Além disso, Conceição do Mato Dentro recebeu, em 2006 (Becker *et al.*, 2011), o projeto Minas-Rio, que visa a retirada de 26,5 milhões de toneladas de ferro por ano que serão levado até o Porto de Açu (Rio de Janeiro) através do maior mineroduto do país (Brasil & Oliveira, 2012), gerido a princípio pela MMX e a partir de 2010 pela Anglo Ferrous. Em 2012, foi realizada uma audiência pública como processo necessário à concessão de mineração no município Morro do Pilar. Este município fica a nordeste do distrito, com acesso pela mesma rodovia MG-010, cujo asfalto foi concluído no mesmo ano. Esses acontecimentos fizeram com que houvesse também uma mudança no movimento do distrito, principalmente em relação ao público que “está de passagem” como o tráfego de caminhões, caminhonetes de empresas e carros de passeio que utilizam a rodovia MG-010 como caminho.

Paralela e concomitantemente a esse desenvolvimento urbano promovido por programas de iniciativa pública e privada, existe um interesse das pessoas pelas áreas naturais com a finalidade de descanso. É perceptível a quantidade

de loteamentos construídos nos últimos cinco anos na região, o que vem ocasionando grandes modificações na paisagem.

A paisagem tem sido transformada a ambientes cada vez mais antrópicos. Cada um está neste lugar com alguma intenção e as relações das pessoas com o ambiente natural são diferentes. Concomitantemente, as mudanças ocasionadas na paisagem podem promover alterações na relação de todos com o lugar. Diante desse fato, é preciso identificar quais foram essas modificações na paisagem e compreender também como as pessoas se relacionam com as áreas naturais. Tais informações poderão ser utilizadas num planejamento da região que leve em consideração a tendência de ocupação e, assim, se torna possível propor áreas importantes de serem conservadas, além de estabelecer diretrizes para uma ocupação que leve em consideração o modo de vida das pessoas.

A proposta deste trabalho, portanto, não é buscar explicações para as mudanças que vêm acontecendo no modo de vida das pessoas e na paisagem da região. Em minha visão, essa busca seria difícil de apontar e de mensurar, por se tratar de algo que é resultado de um conjunto de fatores, inclusive por uma tendência que pode ser comparada ao que vem ocorrendo em uma escala global. Pretendo aqui contextualizar e relacionar os fatores que impactam a região, com a finalidade de contribuir para ações futuras, sejam de gestão municipal, das UCs ou de programas de educação.

3.2. Levantamento dos Dados

O presente estudo foi realizado no distrito da Serra do Cipó, inserido no município Santana do Riacho, em Minas Gerais. Foram considerados os limites do distrito definidos no censo do IBGE de 2010 (IBGE, 2010), contemplando-se assim as suas áreas rurais e urbanas. A Figura 2 mostra quais são as regiões/comunidades estudadas de acordo com a divisão em setores do IBGE (2010).

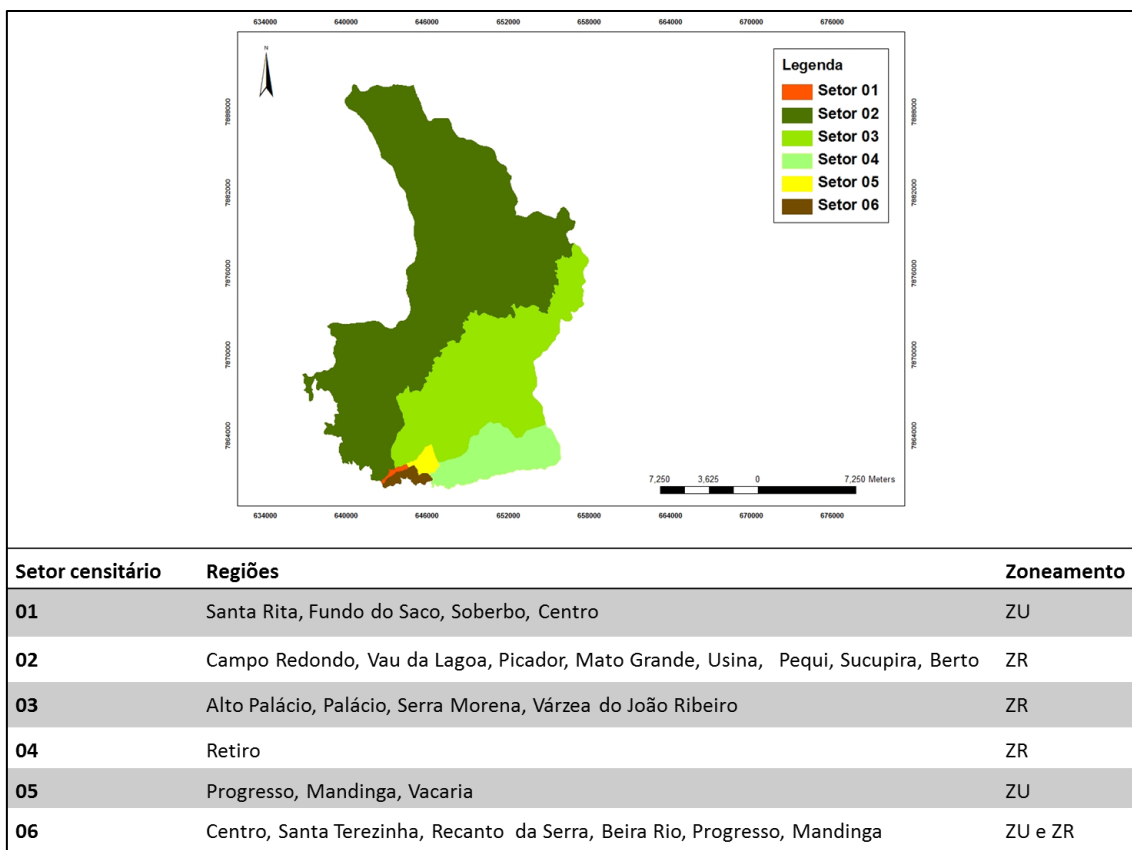


Figura 2: Identificação das regiões do distrito da Serra do Cipó por Setor censitário. Fonte: IBGE, 2010 modificado.

Foram realizadas entrevistas no período entre abril e setembro de 2012 com 80 moradores o que representa 4,2% da população do distrito da Serra do Cipó e 40 turistas. Os turistas foram subdivididos em dois grupos de 20 pessoas cada: aqueles que não mantem casa de veraneio na serra do Cipó e por isso ficam hospedados em outros locais ou apenas passam o dia no distrito são os Turistas 01 (T01) e; aqueles que mantem casa de veraneio na Serra do Cipó que são os Turistas 02 (T02).

A amostragem de moradores e T02 foi estratificada, ou seja, o número de casas de entrevistados foi proporcional ao número de casas de cada setor censitário (IBGE, 2010), como mostrado na Tabela 2. Ao todo, foram visitadas 16,63% das casas do distrito.

Tabela 2: Número de casas existentes na Serra do Cipó, por Setor Censitário, de acordo com IBGE (2010) e a porcentagem. Número de casas de moradores e de Turistas 02 em que as pessoas foram entrevistadas.

Setor censitário	N de casas do distrito Serra do Cipó (%)	N de casas de moradores	N de casas de Turistas 02
01	146 (24,29)	19	5
02	114 (18,96)	15	4
03	60 (9,98)	8	2
04	5 (0,83)	1	0
05	147 (24,45)	20	5
06	129 (21,46)	17	4
TOTAL (%)	601(100%)	80 (13,31%)	20 (3,32%)

Após a definição do número de moradores e T02 por setor que seriam entrevistados, foram plotados pontos aleatórios no mapa do distrito Serra do Cipó (Figura 3). Esses pontos aleatórios foram sorteados através da extensão Hawth's Tools, no programa ArcGis 9.3. As casas mais próximas a esses pontos foram visitadas para entrevista.

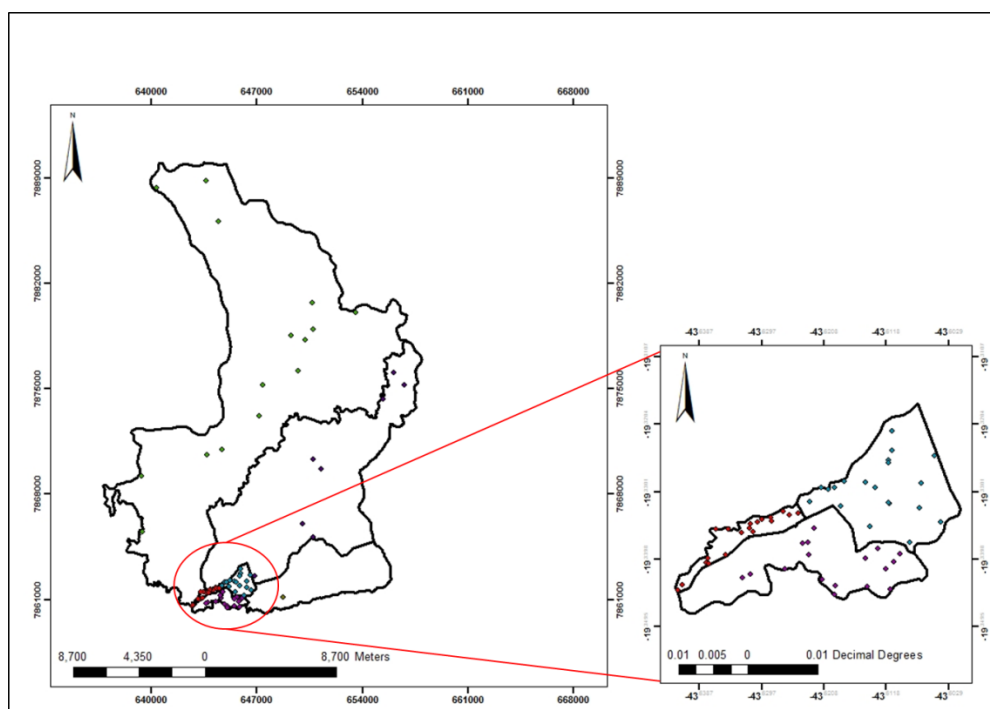


Figura 3: Localização dos pontos amostrais em cada setor censitário. À direita, ampliação dos setores 1, 5 e 6 para melhor visualização.

A observação participante caracterizada pela convivência constante do pesquisador com a comunidade a ser pesquisada, em que há um entendimento do ponto de vista de tal comunidade (Amorozo & Viertler, 2010) foi inerente, uma vez que a pesquisadora é moradora da Serra do Cipó há quatro anos e desenvolveu pesquisas e atividades de educação no Parque Nacional e na Escola Estadual Dona Francisca Josina localizada no distrito e que atende a população local. Isto facilitou o contato com os moradores entrevistados e a forma de conduzir as entrevistas. Ao mesmo tempo, o fato de algumas pessoas conhecerem a pesquisadora pode ter influenciado nas respostas.

As perguntas realizadas durante as entrevistas (apresentadas na Tabela 3) continham duas partes. A primeira estruturada, que consistiu em perguntas preestabelecidas sobre o perfil socioeconômico do entrevistado (ANEXO A) e a segunda semiestruturada (ANEXO B), composta da relação das pessoas com as áreas naturais da Serra do Cipó. Consideraram-se aqui como áreas naturais aquelas áreas não construídas, sendo ou não atrativos turísticos. Nesta segunda parte da entrevista, algumas perguntas foram preestabelecidas, porém outras perguntas também foram realizadas, como forma de iniciar ou aprofundar um assunto, além de até mesmo perguntar sobre outras questões pertinentes à temática da pesquisa (Albuquerque *et al.*, 2010; Drummond *et al.*, 2009). Quando se julgou necessário, perguntas semelhantes às preestabelecidas foram feitas com a finalidade de realizar um teste de consistência (Ditt *et al.*, 2009).

Tabela 3: Tema das perguntas e questões abordadas durante as entrevistas. Nem todas as perguntas foram realizadas para todos os entrevistados. Algumas foram realizadas apenas para moradores (M), Turistas 01 que não mantém casa de veraneio na Serra do Cipó (T01)

Grande tema das questões	Questões abordadas	Grupo para o qual as perguntas foram realizadas. (M, T01, T02)	Perguntas*
Perfil Socioeconômico	Sexo	M, T01, T02	PS1
	Idade		PS2
	Estado Civil		PS3
	Número de filhos		PS4
	Escolaridade		PS5
	Com o que trabalha.	M, T01, T02	PS12 (M) PS13 (T01,T02)
	Está em casa própria ou alugada.	M, T02	PS9 (M) PS10 (T01)
	Se possui outro imóvel que aluga. Quantas pessoas moram na mesma casa e o no mesmo lote. Qual(is) a(s) fonte (s) de renda da família. Se cria algum animal ou tem plantação.	M	PS10 PS11A PS11B PS13 PS14
	Em qual cidade mora	T01, T02	PS6

...Cont.			
Grande tema das questões	Questões abordadas	Grupo para o qual as perguntas foram realizadas. (M, T01, T02)	Perguntas*
Relação com a Serra do Cipó	Tempo em que mora na Serra do Cipó. Cidade natal e caso não seja da Serra do Cipó. Qual bairro que mora e por quanto tempo.	M	PS6A PS6B PS6C PS7 PS8
	Há quanto tempo conhece a Serra do Cipó. Com que frequência visita. Vai ficar na Serra do Cipó por quanto tempo. Onde se hospeda. Está em grupo de amigos ou família. Porque visita a Serra do Cipó.	T01, T02	PS7 PS8 PS9 PS10 PS12 PS14A
	Onde é a casa que mantém na Serra do Cipó. Há quanto tempo mantém casa na Serra do Cipó. Pretende se mudar para a Serra do Cipó. Porque manter uma casa na Serra do Cipó.	T02	PS11A PS11B PS11C PS14B

...Cont

Grande tema das questões	Questões abordadas	Grupo para o qual as perguntas foram realizadas. (M, T01, T02)	Perguntas*
Transformações do lugar	Qual a história do terreno onde é a casa onde está.	M, T02	1
	Áreas que frequentava e que não pode mais ir.	M, T01, T02	10
	Se sente beneficiado com o turismo.	M	16
Relação com as áreas naturais	Durante o dia passa por áreas naturais. Realiza alguma atividade no dia a dia em áreas naturais.	M	2
	Quais áreas naturais conhece. Com que frequência as visita. Em qual ocasião as visita. Qual é a área predileta.	M, T01, T02	3 4 5 9
Relação intrínseca	O que a área representa. O que mais gosta nas áreas. O que mais incomoda nas áreas naturais.	M, T01, T02	6 7 8
Relação utilitarista	Utiliza algum elemento do cerrado. Caça ou pesca.	M, T01, T02	11 12 13

...Cont			
Grande tema das questões	Questões abordadas	Grupo para o qual as perguntas foram realizadas. (M, T01, T02)	Perguntas*
Cuidado com as áreas naturais	Realiza alguma ação para a conservação das áreas naturais.	M, T01, T02	14
Sonhos para o futuro	Como gostaria de ver as áreas naturais no futuro.	M, T01, T02	15

*De acordo com Anexos A e B

Com moradores e T02, foi realizada uma visita na casa do entrevistado com o objetivo de apresentar a pesquisa e agendar um retorno para a aplicação da entrevista. Na maioria das vezes, a pessoa que recebeu a pesquisadora preferiu realizar a entrevista no mesmo momento ao invés de agendar para uma futura ocasião. Neste “primeiro contato”, a pessoa a ser entrevistada era escolhida entre os parentes ou se oferecia por iniciativa própria, nunca sendo definida pela pesquisadora. Em caso de encontrar a casa vazia, a visita era repetida diversas vezes até encontrar algum morador ou proprietário. Apenas quatro pessoas se recusaram a realizar a entrevista. Nestes casos, buscou-se uma segunda casa mais próxima.

Com o objetivo de contemplar os mais diversos perfis de turistas que frequentam a Serra do Cipó, as entrevistas com os Turistas 01 aconteceram em três atrativos turísticos (Cachoeira Grande, Cachoeira Véu da Noiva e Morro da Pedreira), no comércio local e em uma pousada, durante os finais de semana e feriados. Os turistas eram escolhidos aleatoriamente e abordados pela pesquisadora para breve apresentação da pesquisa e questionamento em relação à aceitação em participar ou não do estudo.

Antes do início das entrevistas era perguntado ao entrevistado se a pesquisadora poderia ou não anotar e gravar a conversa. Nem todas as pessoas aceitaram que suas falas fossem gravadas, e os argumentos incluíam timidez, vergonha em relação à oralidade e às normas gramaticais ou, no caso de turistas, por estarem num momento de lazer e sentirem que a gravação traz um tom de formalidade e desconforto à entrevista. Nessas ocasiões as respostas foram apenas anotadas. Em alguns momentos a própria pesquisadora optou por não gravar a conversa (não sendo o entrevistado, então questionado a respeito), por perceber que até mesmo a pergunta poderia interferir de forma negativa no andamento da entrevista. Após a realização da entrevista era entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO C), que é uma autorização para a utilização das informações relatadas na entrevista para a presente pesquisa. A leitura do termo era realizada assim como a posterior assinatura da entrevistadora e entrevistado. No caso dos entrevistados que não sabiam ler, a autorização foi gravada. Posteriormente, as respostas foram transcritas em tabelas para facilitar as análises.

As reuniões mensais do CODEMA e COMTUR foram assistidas no período entre fevereiro e outubro de 2012, com o intuito de observar como as áreas de naturais da Serra do Cipó são abordadas pelos conselheiros e para ter uma visão mais ampla em relação às questões ambientais do distrito, não apenas tendo a visão de quem vive, mas também das pessoas que influenciam na tomada de decisões locais.

3.3. Análises dos Dados

As análises das informações obtidas foram qualitativas e quantitativas, por compreender que estas se complementam. De acordo com Ditt *et all* (2009), contemplar os dois tipos de análise é uma forma de não perder informações e enriquecer as discussões abordadas.

A análise qualitativa consistiu numa narrativa em que a história da Serra do Cipó a partir do século XX foi contada. Para tal narrativa foram entremeados

relatos dos entrevistados, bibliografia e a vivência da autora. Uma das principais bibliografias utilizadas foram trechos do livro “Memória de um Recenseador”, de José Carlindo S. Ferreira (1999). Ele foi morador da Fazenda Cipó e recenseador na Serra do Cipó em 1950, 1960 e 1970 e em seu livro relata suas impressões sobre as paisagens por onde passou e sobre as pessoas que recenseou.

A análise quantitativa dos dados foi realizada através de agrupamento (cluster analysis), que tem como objetivo agrupar os indivíduos com base na sua similaridade (Krebs, 1999; Gotelli & Alison, 2011), neste caso, na similaridade das respostas. Para esta análise, selecionou-se as perguntas referentes à “relação das pessoas com o cerrado” (Box 1) e as respostas foram transformadas em variáveis categóricas do tipo sim/não (Box 2).

Box 1: Lista de perguntas que foram consideradas para a análise de agrupamento:

- Quais áreas naturais você conhece na Serra do Cipó?
- Com que frequência você visita essas áreas?
- O que essas áreas naturais representam para você?
- O que você mais gosta nas áreas naturais?
- O que mais incomoda nas áreas naturais?
- Utiliza algum elemento do cerrado da Serra d Cipó?
- Como você gostaria de ver as áreas naturais no futuro?

Box 2: Exemplo da transformação das perguntas para a análise de agrupamento.

ID	Qual elemento utiliza?		ID	Utiliza Mangaba?	Utiliza Pequi?
1	Mangaba, Pequi	TRANSFORMA EM	1	Sim	Sim
2	Mangaba		2	Não	Sim
3	Pequi		3	sim	não

Para a análise de agrupamento, considerou-se o Coeficiente Binário de Jaccard expressado pela fórmula (Krebs, 1999):

$$S_j = \frac{a}{a + b + c}$$

em que:

S_j = Coeficiente de Similaridade de Jaccard

a, b, c = Considerando-se 2 amostras (1 e 2), a é o nº de respostas positivas para as 2 amostras; b é o número de respostas que são positivas para a amostra 1 e negativas para a amostra 2 e; c é o número de respostas positivas para a amostra 2 e negativa para a amostra 1.

Para a realização da análise de agrupamento utilizando-se o Coeficiente de Jaccard, a tabela de dados binários foi transferida para o programa estatístico R e a biblioteca “vegan” instalada. O script utilizado está detalhado abaixo, no Box 3:

Box 3: Descrição do script do programa R para a realização da análise de agrupamento. Fonte: Pedro, 2010.

```
#instalar biblioteca 'vegan'  
install.packages("vegan")  
library(vegan)  
#análise de agrupamento pelo coeficiente de Jaccard  
clust<-vegdist (dados, method = "jaccard")  
# plotar resultado docluster  
plot(hclust(clust, method="average"), hang=-1)
```

4. RESULTADOS

4.1. Caracterização Socioeconômica

4.1.1. Moradores

Foram entrevistados 80 moradores de diferentes idades (Tabela 4), sendo 40 do sexo feminino e 40 do sexo masculino; 54 pessoas casadas, 17 solteiras, 4 divorciadas e 5 viúvas. Em relação ao número de filhos, 23 entrevistados possuem acima de 3 filhos, 20 não possuem filhos, 17 possuem 2 filhos, 12 entrevistados possuem 1 filho e 8 possuem 3 filhos.

Tabela 4: Idade dos moradores entrevistados no distrito Serra do Cipó.

Idades dos entrevistados	Nº de entrevistados
Entre 13 e 22 anos	3
Entre 23 e 32 anos	13
Entre 33 e 42 anos	14
Entre 43 e 52 anos	17
A partir de 53 anos	33
Total	80

Entre os moradores entrevistados 56,25% nasceram na Serra do Cipó ou vivem neste lugar desde a infância. Entre os 35 (43,75%) dos entrevistados moradores que se mudaram para a Serra do Cipó, 23 o fizeram após 2000 (Tabela 5). Em relação à origem dessas pessoas que se mudaram, 22 moravam em Belo Horizonte antes, e 13 em outras cidades do interior de Minas Gerais, como Jaboticatubas, Conceição do Mato Dentro, Paraopeba, Mar de Espanha, Baldim, Dom Carvate, Lagoa Santa.

Tabela 5: Tempo em que os moradores entrevistados vivem na Serra do Cipó.

Há quanto tempo vivem na Serra do Cipó	Nasceram ou moram desde criança	Se mudaram	TOTAL
Desde antes da década de 1980	37	3	40
Entre 1980 e 1989	2	4	6
Entre 1990 e 1999	6	5	11
Entre 2000 e 2009	-	16	16
Entre 2010 e 2012	-	7	7
TOTAL	45 (56,25%)	35 (43,75%)	80 (100%)

Observa-se que a média de pessoas que escolheram morar na Serra do Cipó é crescente, passando de 0,06 pessoas ao ano antes da década de 80 a 2,33 pessoas ao ano entre 2000 e 2012 (Figura 4).

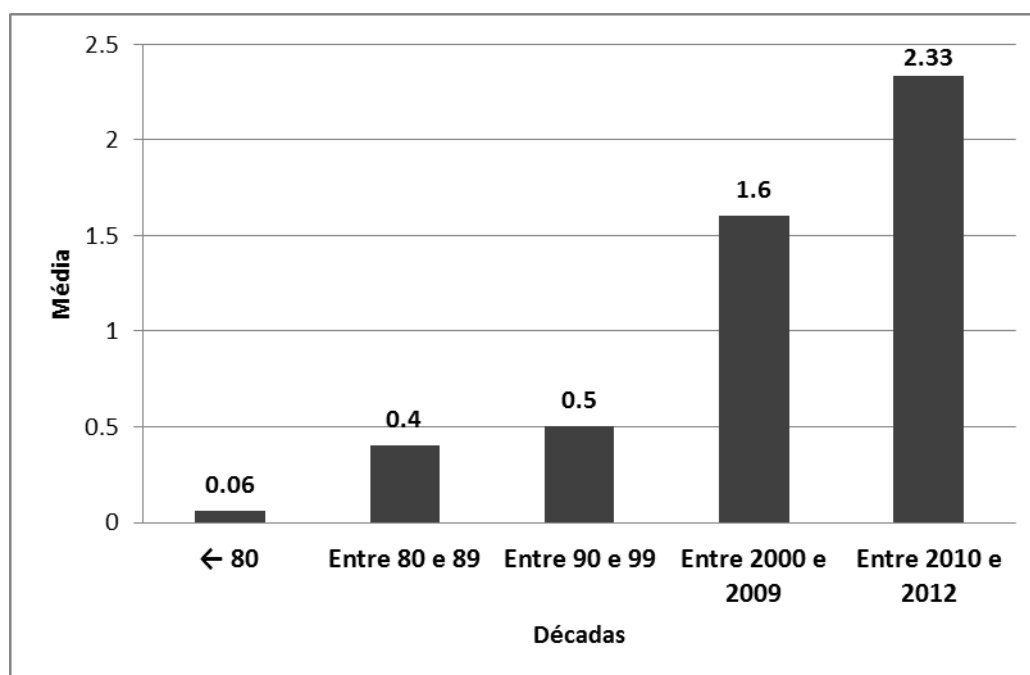


Figura 4: Média de moradores que se mudaram para a Serra do Cipó por ano, nas diferentes décadas.

O motivo mais comum encontrado para que as pessoas tenham se mudado para a Serra do Cipó está relacionado a possibilidade de novas oportunidades trabalho. Essas pessoas que vão a trabalho são acompanhadas por seus parentes, como é o caso de duas pessoas entrevistadas. A busca pela tranquilidade e contato com a natureza é crescente e foi a segunda maior causa da chegada de novos moradores neste lugar (14 pessoas), sendo que o diferencial para escolherem a Serra do Cipó é ou porque conhecem a região há mais tempo, ou pela proximidade de Belo Horizonte. Entre as pessoas entrevistadas, 1 se mudou para a Serra do Cipó para estudar no Curso Técnico em Meio Ambiente, oferecido pela Escola Estadual Dona Francisca Josina.

A escolaridade dos moradores da Serra do Cipó é heterogênea, consequência do histórico da escola no distrito (Figura 5). Entre as pessoas entrevistadas, oito tem acima de 50 anos, que viveram na Serra do Cipó desde criança, época em que moravam “no alto da Serra”, sendo a única escola existente a instalada na Fazenda Cipó, no atual município de Jaboticatubas, bem distante de onde viviam. O maior número de entrevistados (22 pessoas) possuem o Ensino Fundamental Incompleto e 17 não estudaram. Estes números são consequência de uma realidade rural recente, em que as pessoas tinham pouco acesso à escola, principalmente as meninas, e que todos, inclusive as crianças, tinham que ajudar na roça. Entre os entrevistados, três possuem o Ensino Fundamental Completo, dois o Ensino Médio Incompleto, dez o Ensino Médio Completo. No ano 2009, a abertura do Curso Técnico em Meio Ambiente com ênfase em Turismo possibilitou que a população local pudesse continuar estudando após o término do Ensino Médio. Além disso, este curso é o motivo de algumas pessoas de outras cidades irem morar na Serra do Cipó. Este curso mudou a realidade da escolaridade local, refletindo também na pesquisa já que quatro pessoas entrevistadas concluíram este curso e duas o estão cursando. Em relação ao Ensino Superior, 12 pessoas possuem o 3º grau completo, sendo que apenas 1 destas nasceu na Serra do Cipó, as outras 11 são pessoas que vieram para a Serra já com o curso superior em busca de uma vida mais tranquila ou acompanhando familiares. São pessoas que também se mudaram para a Serra do Cipó em busca de uma melhor qualidade

de vida quatro entrevistados com Pós Graduação. Apenas uma pessoa entrevistada está cursando o 3º grau, esta é uma moradora que nasceu na Serra do Cipó. O número baixo de graduandos reflete tanto a realidade em relação à escolaridade das pessoas do local, mas também a dificuldade encontrada pelos moradores em cursar a graduação, já que os jovens que decidem fazer um curso superior, em sua maioria vão para outras cidades (Belo Horizonte, São João Evangelista, Sete lagoas, etc.) e acabam permanecendo nesses locais pelas maiores possibilidades de trabalho.

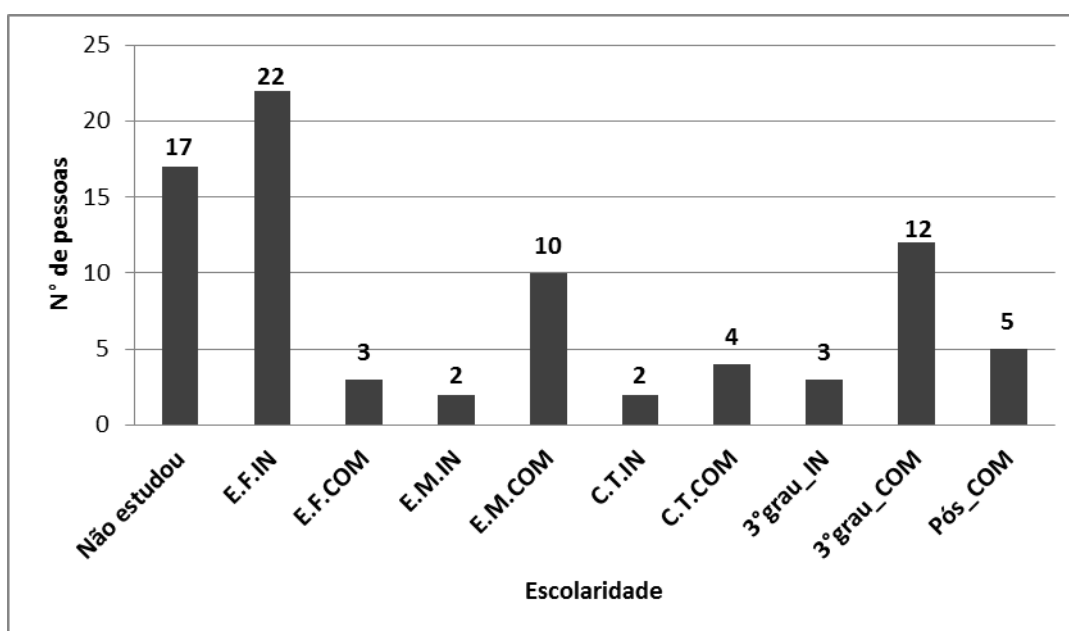


Figura 5: Escolaridade dos moradores entrevistados. E.F.= Ensino Fundamental; E.M.= Ensino Médio; C.T.= Curso Técnico; Pós= Pós Graduação. IN = incompleto; COM=Completo.

Sobre a caracterização da residência em que as pessoas moram, oito entrevistados moram em casas alugadas, 66 em casas próprias e seis pessoas moram na casa do patrão. Destas residências, 41 são constituídas de 1 casa por terreno; 14 são constituídas por 2 casas no mesmo terreno; nove por 3 casas no mesmo terreno; quatro por 4 casas no mesmo terreno; e duas por 5 casas no mesmo terreno e duas por 6 casas no mesmo terreno. Entre as residências visitadas, seis são também pousadas e; em uma residência a proprietária aluga quartos aos finais de semana e feriados, como complemento da renda. O aluguel de imóveis em outros terrenos também faz parte da uma fonte de renda de 14 entrevistados.

Das pessoas entrevistadas, 10 são aposentadas, sendo que destas, uma também trabalha na lavoura e três possuem pousada. Além destes, sete pessoas tem em pousada a principal e/ou única fonte de renda. Pousadas também fazem parte de duas fazendas em que os respectivos donos foram entrevistados, sendo as atividades nestes locais mistas voltadas para o turismo e para a criação de cavalo, o cultivo de cana, a fabricação cachaça, entre outras atividades rurais. Foram entrevistadas também seis pessoas que cuidam do lar (dono (a) de casa), cindo que trabalham com serviços gerais, quatro trabalham na Escola Estadual, três que trabalham em restaurante, três com comércio/vendas, três artesãos e um funcionário da prefeitura. Dos entrevistados, quatro são estudantes, sendo que, destes, além de estudarem dois também trabalham como jardineiro e com construção de telhados, cada um. Estes dados demonstram uma realidade local em relação à ocupação do solo na área urbana do distrito: a especulação imobiliária crescente nos últimos cinco anos, devido ao aumento do turismo, mas também devido à abertura de nova estrada e asfaltamento da mesma entre o distrito Serra do Cipó e a sede do município Santana do Riacho, passando dentro de terrenos de fazendas. Moradores locais acabam construindo suas casas no terreno de familiares. Aqueles que possuem um terreno veem na construção de casas para alugar, seja para turistas ou para moradores, uma garantia de fonte de renda.

“Sinto, porque a minha sobrevivência vem daqui. Eu vendo lotes. E o turismo valorizou demais o imóvel. De uns 5 anos pra cá valorizou demais os terrenos.” (Morador do setor 5 desde entre 2000 e 2009)

4.1.2. Turistas 01

Foram entrevistados 20 Turistas 01 (que não mantém casa no local), sendo 10 do sexo feminino e 10 do masculino. Percebe-se que o perfil de turistas que frequentam a Serra do Cipó é bem diverso. Em relação ao estado civil, 10 entrevistados são casados, oito solteiros, um divorciado e um viúvo. Além disso, são diversas as gerações que visitam a Serra do Cipó, como é possível

visualizar na Tabela 6 a faixa etária dos entrevistados. A escolaridade dos Turistas 01 que frequentam a Serra do Cipó também é heterogênea, porém todos possuem de média a alta escolaridade (Figura 6).

Tabela 6: Idade dos Turistas 01, que não mantém casa na Serra do Cipó, entrevistados.

Idades dos entrevistados	N° de entrevistados
Entre 23 e 32 anos	6
Entre 33 e 42 anos	5
Entre 43 e 52 anos	2
A partir de 53 anos	7
Total	20

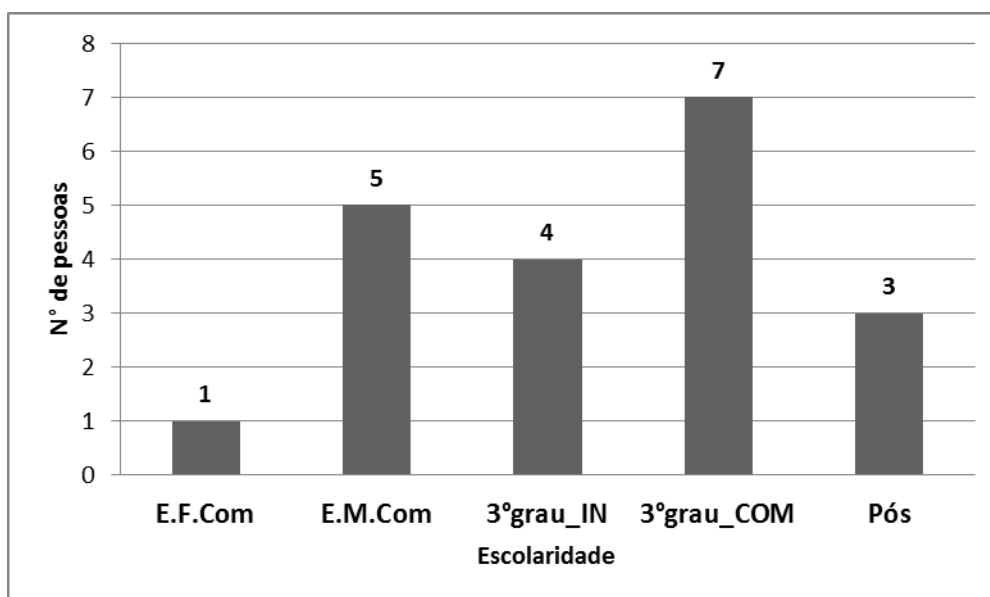


Figura 6: Escolaridade dos Turistas 01 entrevistados. E.F.= Ensino Fundamental; E.M.= Ensino Médio; C.T.= Curso Técnico; Pós= Pós Graduação. IN = incompleto; COM=Completo.

Para um dos Turistas 01 entrevistados, aquela foi a primeira vez que esteve na Serra do Cipó, os outros já conheciam o distrito e suas belezas naturais. Chama a atenção que o maior número de turistas conhece a Serra do Cipó

desde a primeira década do século XXI, que é a mesma época em que moradores locais afirmam ter ocorrido um “boom” do turismo na região (Tabela 7).

Tabela 7: Tempo em que Turistas 01 entrevistados conhecem a Serra do Cipó.

Há quanto conhecem a Serra do Cipó	N
Desde antes da década de 1980	3
Entre 1980 e 1989	4
Entre 1990 e 1999	3
Entre 2000 2009	7
Entre 2010 e 2012	3
TOTAL	20

O maior número de turistas vem da capital mineira, seguido de outras cidades da região metropolitana de Belo Horizonte (Figura 7). O principal meio de hospedagem em que ficam são as pousadas. Há um grande número de pessoas que vão à Serra do Cipó apenas para passar o dia, não se hospedando no distrito (Figura 8). Esses números são explicados pela proximidade em relação à Belo Horizonte e à facilidade de acesso.

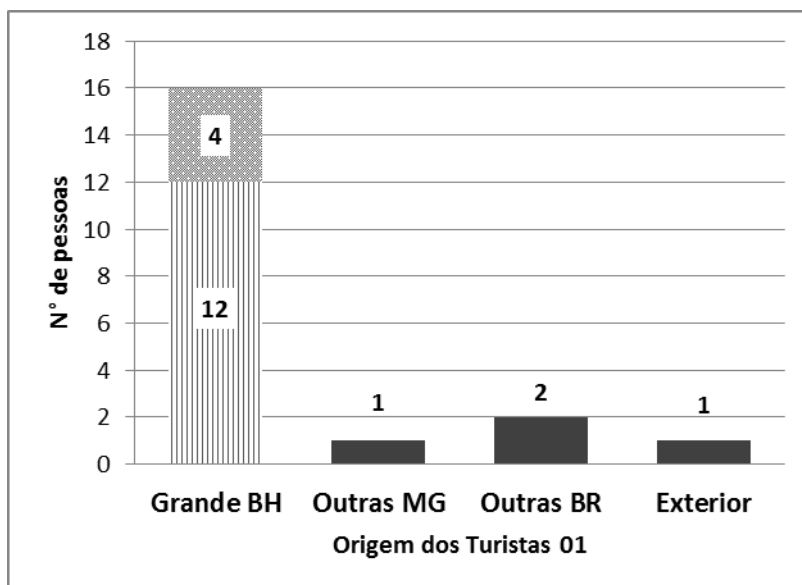


Figura 7: Cidades onde os Turistas 01 moram. Grande BH: 12 são de Belo Horizonte e 4 da região Metropolitana. Outras Cidades: 1 de Itajubá; 2 de Brasília; 1 da Alemanha.

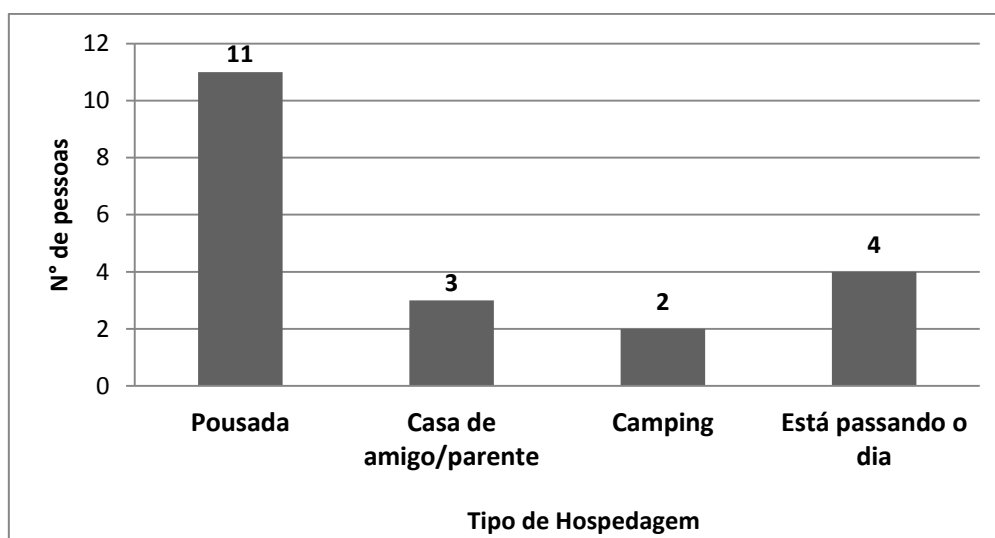


Figura 8: Meios de hospedagem em que os Turistas 01 entrevistados estavam. Quatro turistas estavam apenas passando o dia, no distrito.

Assim como o perfil dos turistas que visitam a Serra do Cipó é diverso, o motivo pelo qual visitam a região também é. A escolha para visitar a Serra do Cipó é feita por um conjunto de fatores. Todos os fatores citados pelos turistas estão apresentados na Tabela 8, com o respectivo número de pessoas que os citaram. O motivo mais citado (por dez pessoas) foi a existência de belezas naturais e a vontade de ficar próximo à natureza

Tabela 8: Número de pessoas que citou cada motivo para explicar o motivo pelo qual visita a Serra do Cipó.

Motivos pelos quais as pessoas visitam a Serra do Cipó	Nº de pessoas que citou cada motivo
Pela natureza, pelas belezas naturais	10
Para descansar	5
Pelas pessoas do lugar/amigos/parentes	4
Para se divertir	4
Para escalar	3
Para nadar/pela cachoeira/ pela água	2
Pela energia do lugar	2
Para fazer caminhadas	2
Pela tranquilidade do lugar	2
Para sair à noite, paquerar	1
Pelo artesanato	1
Pela proximidade de BH	1
Porque vem desde criança/ há uma história familiar	1

4.1.3. Turistas 02

Foram 20 entrevistados, entre os Turistas 02, sendo 9 mulheres e 11 homens de diferentes idades (Tabela 9) e alta escolaridade (Figura 9). Destes, 18 mantêm casa própria e dois, casa alugada.

Tabela 9: Idade dos Turistas 02 entrevistados no distrito Serra do Cipó

Idades dos entrevistados	Nº de entrevistados
Entre 23 e 32 anos	2
Entre 33 e 42 anos	5
Entre 43 e 52 anos	4
A partir de 53 anos	9
Total	20

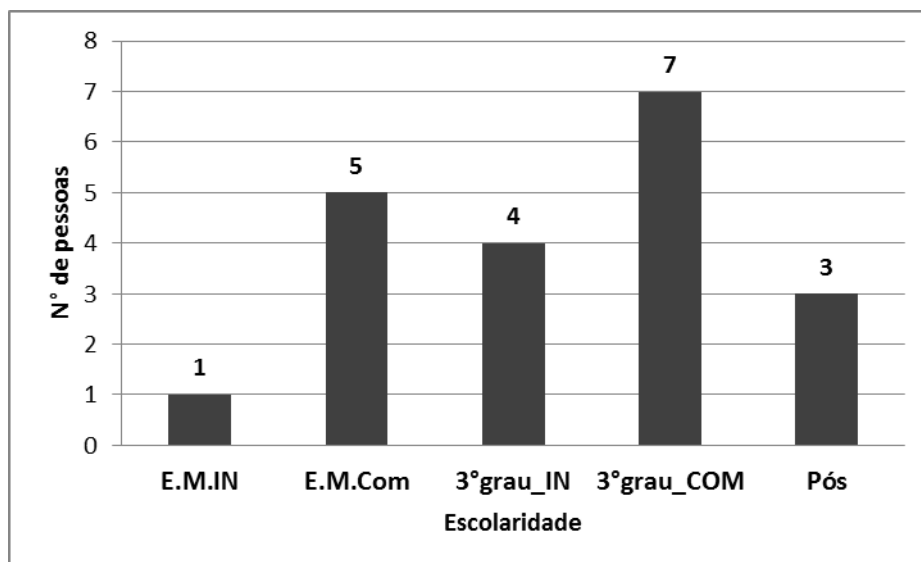


Figura 9: Escolaridade dos Turistas 02 entrevistados. E.F.= Ensino Fundamental; E.M.= Ensino Médio; C.T.= Curso Técnico; Pós= Pós Graduação. IN = incompleto; COM=Completo.

Os Turistas 02, que mantêm casa na Serra do Cipó, moram principalmente em Belo Horizonte (Figura 10) e a maioria frequenta o distrito semanalmente (Tabela 10). Um comportamento comum encontrado é o de pessoas que passam a metade da semana na Serra do Cipó, podendo ser considerados semiresidentes. Para classificar estas pessoas como turistas ou moradores, foi questionado a elas em qual grupo se encaixam. Os semiresidentes que nasceram na Serra do Cipó ou já há frequentam há décadas, se posicionaram como moradores e os semiresidentes que mantêm casa há menos tempo, se posicionaram como Turistas 02. Muitos Turistas 02 explicaram que estavam em “processo de mudança”. Este também é um comportamento comum, em que as pessoas vão se mudando aos poucos, já que a proximidade com Belo Horizonte permite o trânsito das pessoas entre esses locais com facilidade, em estrada com boas condições e também pelo fato de que para muitos, a fonte de renda é de trabalhos realizados em outras cidades (ex. Belo Horizonte, Lagoa Santa).

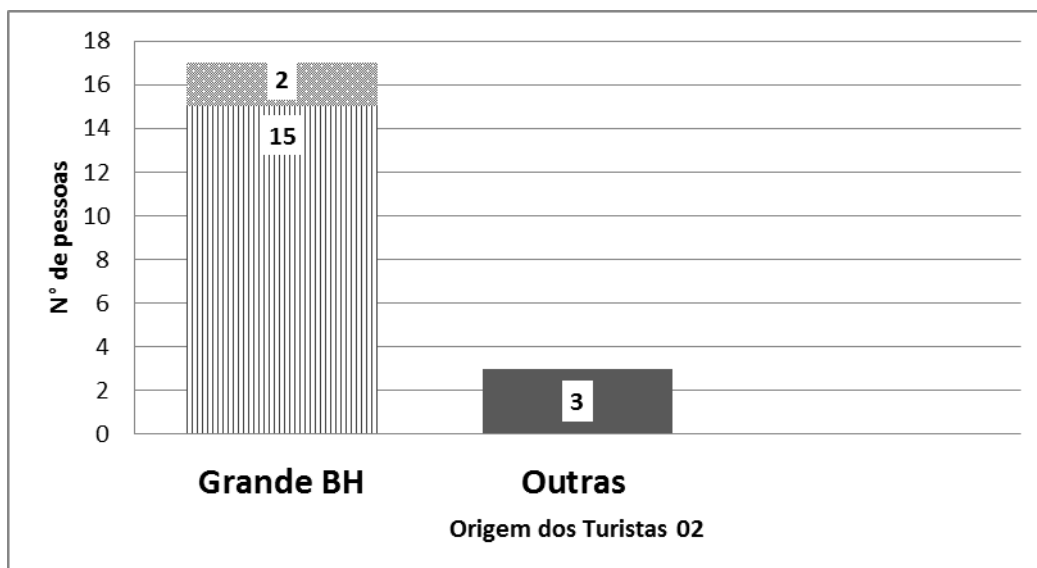


Figura 10: Cidades onde os Turistas 02 moram. Grande BH: 15 moram em Belo Horizonte e 2 em outras cidades da Região Metropolitana. Outras Cidades são: Sete Lagoas, Lagoa Santa, Paraopeba.

Tabela 10: Frequência em que Turistas 02, com residência, visitam a Serra do Cipó.

Frequência em que visitam a Serra do Cipó	N
Semanalmente	13
15 em 15 dias	5
Mensalmente	1
< que mensalmente	1

Quando questionados se pretendem mudar-se para a Serra do Cipó e 14 responderam positivamente. Contando apenas com este grupo de pessoas que se pretende mudar, 28, 57% se programam que isso aconteça nos próximos cinco anos. Se pensarmos que a quantidade de Turistas 02 entrevistados é apenas uma pequena amostra do total existente, é preciso que os gestores do município pensem em estruturas e políticas públicas que atendam a esta crescente população (Figura 11).

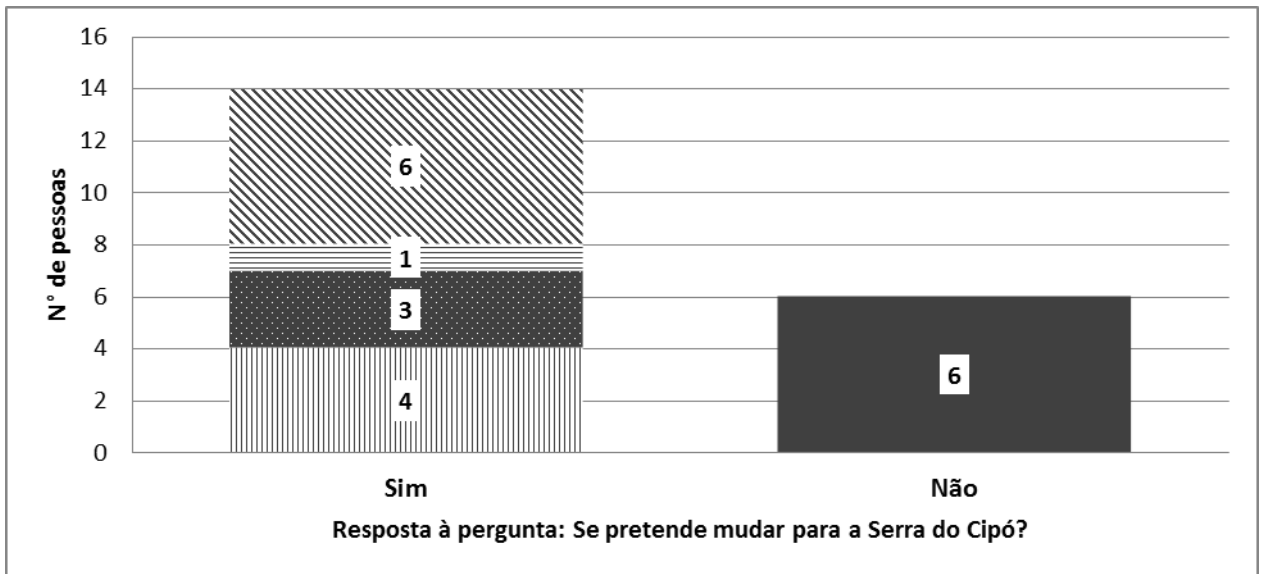


Figura 11: Quatorze Turistas 02 pretendem se mudar para a Serra do Cipó: quatro nos próximos cinco anos; três nos próximos 10 anos; um daqui a mais de 10 anos; seis pretendem se mudar, mas não sabem quando.

A maioria dos Turistas 02 conhecem a Serra do Cipó desde a década de 90 e mantêm a casa neste distrito desde a primeira década do século XXI (Figura 12). O que condiz com os depoimentos de crescimento da atividade turística e expansão imobiliária relatados na região (ítem 4.4. Histórico do Turismo na Serra do Cipó).

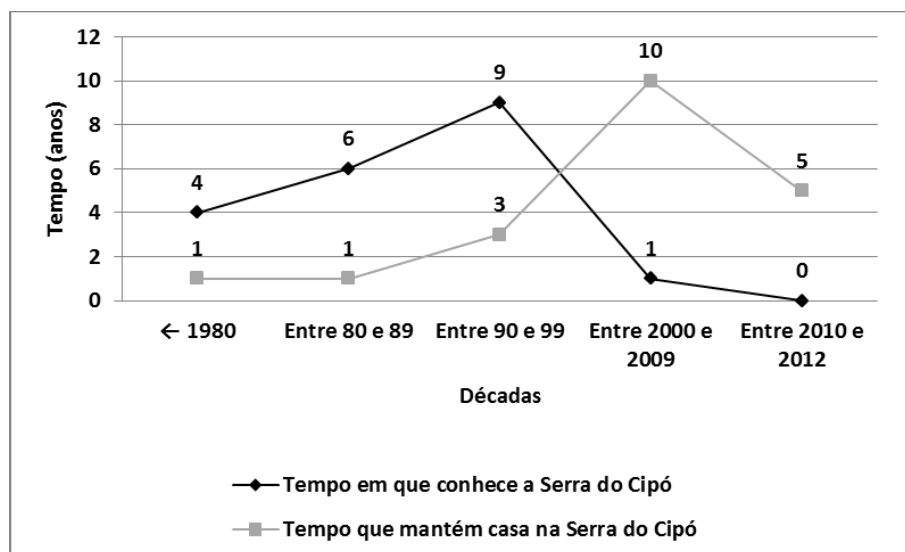


Figura 12: Tempo em que Turistas 02 conhecem a Serra do Cipó e mantêm casa neste lugar.

Quarenta por cento (40%) dos Turistas 02 visitam a Serra do Cipó porque possuem uma história familiar neste lugar, e o frequentam desde a infância. Além deste, são vários os motivos pelos quais as pessoas visitam a Serra do Cipó, como mostra a Tabela 11. A história familiar também é um fato importante para que os turistas queiram manter uma casa no distrito. Esta e a vantagem econômica são as duas justificativas mais citadas pelos turistas para explicar o porquê de se manter casa na Serra do Cipó (Tabela 12).

Tabela 11: Motivos pelos quais os Turistas 02 entrevistados visitam a Serra do Cipó.

Motivos pelos quais as pessoas visitam a Serra do Cipó	Nº de pessoas que citou cada motivo
Porque vem desde criança/ há uma história familiar	8
Pela natureza, pelas belezas naturais	5
Pelas pessoas do lugar/amigos/parentes	5
Pela tranquilidade do lugar	5
Pela proximidade de BH/ facilidade de acesso	4
Para nadar/pela cachoeira/ pela água	3
Pela energia do lugar	3
Para fugir de BH	3
Para descansar	2
Para sair à noite, paquerar	2
Para se divertir	2
Pela fazer caminhadas	1

Tabela 12: Motivos pelos quais os Turistas 02 entrevistados mantêm uma casa na Serra do Cipó.

Porque manter uma casa na Serra do Cipó?	Nº de pessoas que citou cada motivo
Por possuir história de vida e/ou familiar no lugar	6
Fica mais barato do que se hospedar em pousada	5
Pela natureza, pelas belezas naturais	4
Por investimento/ para montar um negócio	4
Pela privacidade/ liberdade	3
Pela tranquilidade do lugar	2
Para nadar/pela cachoeira/ pela água	2
Pelas pessoas do lugar	1
Porque está se preparando para mudar aos poucos	1
Pela energia do lugar	1

4.2. História Comentada da Serra do Cipó

“Os fatos estão todos aí, objetivos e independente de nós. Mas cabe a nós fazer com que se tornem fatos históricos, mediante a identificação das relações que os definem, seja pela observação de suas relações de causa e efeito, isto é, sua história, seja pela constatação da ordem segundo a qual eles se organizam para formar um sistema, um novo sistema temporal, ou melhor, um novo momento do modo de produção antigo, um modo de produção novo, ou a transição entre os dois.” (Santos, 2007).

4.2.1. Descrição do processo de transformação do espaço do distrito da Serra do Cipó, a partir do século XX

O distrito da Serra do Cipó, até o século XX fazia parte integralmente da Fazenda Cipó. Em 1920, iniciou-se o seu desmembramento onde se deu a instalação da Fazenda Alto Palácio. Sendo assim, até a década de 1980 o distrito era formado por grandes Fazendas, sendo algumas de famílias conhecidas nos tempos atuais: a Fazenda Cipó, pertencente à família de sobrenome Santos Ferreira ao sul do distrito, incluindo o atual território de Jaboticatubas; à norte do distrito, a Fazenda Alto Palácio da família de origem inglesa Davis. Posteriormente, houve também o desmembramento das terras que deram origem a Fazenda Samambaia da família Teixeira; Fazenda Paraúna e Fazenda Coqueiros da família Orville e; Fazenda Mandinga, cuja família a qual pertencia não foi relatada nas entrevistas. Na primeira metade do século XX, as casas construídas na Serra do Cipó pertenciam ou a pessoas destas famílias ou aos seus funcionários, muitos deles ganharam terrenos ou moravam em casas emprestadas pelos donos das fazendas.

“(...) meu marido começou a trabalhar para o Zeca Nogueira [da família da Fazenda Cipó], que ofereceu essa casa pro meu marido, porque a casa estava vazia, pra casa não cair. Ele deixou a agente ficar na casa, na época não cobrava não. Isso

tem 51 anos. Tem 51 anos que moro aqui”. (Moradora do setor 1 desde antes de 1980).

Também houve casos de pessoas que foram chegando na região e construindo. Ao perguntar à um dos entrevistados se o terreno foi comprado ou doado ele respondeu:

“Isso aqui era do povo da Fazenda Cipó. Era dono desse trem tudo aqui. Então ele viu nós construindo a casa e nunca pediu nada não. Agora o dono mais velho morreu e ficô o único filho casado, o João Nogueira. João Nogueira morreu... aí ficô otro dono, mas num amola a gente com nada... Ele passô uma escritura pra mim, pra me dá uma segurança” (Morador do setor 2 desde antes de 1980).

Em entrevista com um dos entrevistados (que tem 84 anos e nasceu na região), ele e seu filho explicaram como a ocupação aconteceu na primeira metade do século XX:

“Entrevistado: Ah, antigamente era assim, num tinha divisão, né. Os dono das terra era muito poco, muita gente foi chegando, construindo, criando fãmia, era aquele embolado...”

Filho do entrevistado: E era pobrezim também, num tinha terra não, num tinha fazenda não.

Entrevistado: É, num tinha, construia em terra dos otro, né, num importava, né. Hoje que cabô isso.

Filho do entrevistado: costumava dá aquelas cartazinha de arrenda, só pra dizê que era arrendada, né. Igual os Davis fazia” (Moradores no setor 3, desde antes de 1980).

De acordo com Ferreira (1999), com a abertura da estrada MG-010 na Serra do Cipó no início do século XX, a cachoeira do Parauninha foi usufruída para a construção da Usina Pacífico Macarenhas, inaugurada em 1927.

“Aqui tem luz da Cemig e luz da Usina [Cedro Cachoeira]. Essa é desde quando montaram a usina lá. Eu não sei se ele foi o primeiro, mas a fazenda era do pessoal dos Davis, né. Quando ela era toda inteira, sem divisão nenhuma, ela pertencia a 4 cidades. Eles pagavam imposto em Santana, Jaboticatubas, Morro do Pilar e Conceição. Ela pertencia a essa região aqui toda. Então essa região toda aqui era palácio. Ela começava do Zezé pra cá. Inclusive o Chapéu do Sol, pertencia aqui. Se a casa deles não tiverem reformada, a construção deve ser quase igual a essa daqui. Eles falam que é de 1926” (Morador do setor 3 desde a década de 1990).

Nesta época a Serra do Cipó era utilizada como passagem de viajantes que transitavam entre a capital mineira e as regiões à norte da Serra do Espinhaço, sendo o Chapéu do Sol a única estalagem da região (Ferreira, 1999).

Este movimento de viajantes, aliado à abertura da estrada, à construção da Usina Pacífico Mascarenhas, à própria produção agrícola das fazendas e à atividade minerária nas conhecidas Pedreiras (uma na Fazenda Cipó, uma na atual Fazenda Coqueiros e outra no atual Morro da Pedreira), fez com que a Serra do Cipó fosse ocupada desde a primeira metade do século XX por famílias das regiões do entorno para trabalhar. Ferreira (1999), ao recensear os moradores da Serra do Cipó na década de 1950 descreveu, por exemplo, que grande parte dos operários que construíram a barragem da Usina era de Morro do Pilar. No presente estudo, 40 moradores entrevistados, ou seja, 50% da amostra são de outras cidades. Os motivos pelos quais os atuais moradores se mudaram para a Serra do Cipó são tanto aqueles citados acima quanto outros. Entre os outros motivos, estão incluídos o estudo e o ensino na escola. O trabalho com turismo e a busca por uma vida mais tranquila também apareceram como motivos de mudança das pessoas, mas a partir da década de 1990.

Do início do século XX até os dias atuais as mudanças foram muitas, inclusive no nome do distrito. A área entre a Fazenda Cipó e o sopé da serra era chamada de Vacaria e a serra de Serra do Cipó. De Vacaria, o nome do vilarejo foi modificado, em 1956, para Cardeal Mota, quando ainda era distrito

de Jaboticatubas. Atualmente, com a separação dos municípios de Jaboticatubas e Santana do Riacho, o distrito é constituído pelas áreas da margem direita do rio Cipó incluindo tanto a parte baixa, quanto o alto da serra.

Os entrevistados relatam também que até a década de 1980, quase não havia moradores na Serra do Cipó. As áreas mais ocupadas eram o Retiro (que atualmente está inserido na área do Parque), a Fazenda Cipó e o bairro Vacaria. Relata-se que, além do Chapéu do Sol, havia apenas três comércios no distrito.

O atual bairro Vila Santa Rita, por exemplo, até a década de 1970 tinha apenas 4 casas, quando surgiu o primeiro loteamento da região. Na década de 1980 havia ainda casas sem luz neste bairro e as ruas não existiam, sendo que as trilhas formavam o caminho para chegarem nas casas. Nesta época para que houvesse ruas abertas e energia elétrica era preciso que os moradores contratassem o serviço.

A fábrica de sabão de coco macaúba, instalada na Fazenda Cipó e, portanto da mesma família proprietária, era bem conhecida e foi citada em diversos trabalhos (Cardoso, 2008; Ferreira, 1999). Um dos moradores entrevistados é natural de Baldim e se mudou para a Serra do Cipó em 1948 para trabalhar nesta fábrica. Ele conta que todo o coco da macaúba era aproveitado. Da poupa saía o azeite que se fazia o sabão da marca “Sabão Cipó”. Era vendido em varejo, mas o principal comprador era de Vespasiano. Segundo o morador, saíam caminhões cheios de sabão para este comprador, que fazia questão de comprar toda a produção para revender. A massa que sobrava após a extração do azeite era utilizada para fazer ração que era tanto vendida quanto consumida na própria fazenda. Já a casca era vendida como carvão.

Grande parte do distrito da Serra do Cipó no início do século XX ainda pertencia a esta mesma família. Este morador entrevistado, como era funcionário da família, participou de vários acontecimentos relacionados à ocupação do distrito. Conta, por exemplo, que ele auxiliou na demarcação da área da Igreja Católica Santa Terezinha e de um dos primeiros loteamentos da Serra do Cipó, na margem direita da Rua do Engenho, ambos no Bairro Santa Terezinha. Ainda sobre terrenos neste bairro, há relatos sobre conflitos familiares que existiram no processo de abertura do loteamento. Este

loteamento foi concluído no início da década de 1980, com aproximadamente 200 lotes. Alguns foram vendidos e outros foram entregues como pagamento a funcionários.

Na região do centro, na margem esquerda da rodovia MG-010, entre esta e o córrego Soberbo, estas terras eram também da família da Fazenda Cipó, que depois foi subdivida e passou a pertencer à três famílias. Uma parte delas, onde atualmente é a Associação Comunitária, foi adquirida pela família Orville. Esta família loteou esta parte de seu terreno, doando alguns para funcionários e vendendo outros. O segundo trecho passou a pertencer ao Sr. Francisco José de Souza, ex-funcionário da fábrica de coco, e criou ali a sua família conhecida como “os Rosa”. Neste trecho havia uma plantação de cana e um moinho para a fabricação de rapadura e açúcar. Conta-se que saiam caminhões de açúcar para ser vendido em Lagoa Santa e Vespasiano, mas vendiam também para moradores locais. Uma das entrevistadas contou que se utilizava muita canela de ema (*Vellozia* spp.) para acender os tachos e a lenha utilizada era retirada nas proximidades, numa mata de cerradão conhecida como “Gerônio”:

“Nós usava muito aquilo [canela de ema] pra nós fazê rapadura, lá na casa onde eu morei. O pessoal buscava carro mais carro de canela dema pra podê ajudá na lenha, né. Aí pra acendê fogo era uma beleza, a canela dema. Então, o pessoal lá em casa, quando era época de fazê rapadura, eles buscava o mês interinho. Tinha assim uns 10, 12 homens arrancando canela de ema, direto e reto. (...) Uai era muita [rapadura], fazia meses e mais meses... E lenha buscava, agora, que não pode mais cortar. Lá no terreno nosso, lá no Gerônio, cortava era lá, era carro e mais carro que saía. Era muita lenha mesmo. Porque fazia rapadura, era mês inteiro, era caminhão, mais caminhão de rapadura, ali no Donana” (Moradora do setor 06 desde antes da década de 1980).

O terceiro trecho passou a pertencer à família Moreira e, assim como todos os outros trechos, foram loteados pelos filhos herdeiros e, atualmente toda esta área é urbana, com casas e comércio.

Nos relatos sobre a área que hoje é o bairro Progresso, mais conhecido como Cerrado, há controvérsias. Algumas pessoas falam que esta área também pertencia à família da Fazenda Cipó, alguns alegam que estas terras foram doadas ao Padre Olavo e, parte das terras, posteriormente à prefeitura, mas nem todos concordam com esta versão. O que se sabe é que parte das casas construídas neste bairro é em terrenos doados pela prefeitura e parte é o resultado de invasão. Ainda há relatos sobre pessoas que receberam doação da prefeitura e que posteriormente mudaram a cerca de lugar expandindo desta forma a sua propriedade. Alguns lotes foram doados pela prefeitura para famílias que não tinham condições de comprar, algumas que moravam no Retiro e saíram de lá após a criação do parque, outras que moravam no Vau da Lagoa que tiveram que ir para a área urbana para os filhos estudarem, após o fechamento da escola que havia onde eles moravam. Muitos entrevistados relataram também que vários terrenos foram doados em época de campanha eleitoral, em troca de votos e até mesmo da transferência de título de eleitor. Nestes casos as famílias que receberam os lotes nem sempre eram carentes.

Mais acima do bairro Progresso, entre este bairro e a área do Retiro, encontra-se a Fazenda do Engenho. Esta Fazenda foi adquirida em 1973 por um proprietário de Belo Horizonte. Com o avanço do turismo, aproximadamente há 12 anos a família idealizou transformar a fazenda em pousada, o que de fato aconteceu em 2006. Em 2010, a família voltou a trabalhar com o agronegócio e busca integrar as duas atividades, promovendo o que se chama de turismo rural. Com a especulação imobiliária e o “boom” dos condomínios no distrito, a família viu nesta atividade uma oportunidade. A área então que foi loteada, é um exemplo de local em que se percebe a mudança de valores em processos de transformação do espaço. Foi uma área adquirida para a instalação de uma fazenda e que na verdade era um grande pasto bem arborizado. Este grande pasto sempre foi muito visitado por moradores do distrito, por ser repleto de árvores frutíferas do cerrado, principalmente a mangaba. Nos dias atuais, a área está toda fechada e não pode ser mais visitada pelos moradores do distrito. Ainda não há casas construídas, mas quase todas as árvores já foram cortadas para a “limpeza dos terrenos”, comum quando são colocados à venda.

Hoje, esta área é valorizada pela vista que tem para o Parque Nacional da Serra do Cipó.

O mesmo aconteceu com o vizinho desta Fazenda, que adquiriu um terreno no final da década de 1990. Ele relata que na época o chamavam de “burro” e o questionavam porque queria “comprar cascalho”:

“Na época que eu comprei, 1998, as pessoas falavam “deixa de ser burro, cê tá comprando cascalho”. Mas eu tô comprando vista. Tô comprando a vista pro parque. É uma outra concepção. Naquela época num vendia muito terreno não”
(Morador do setor 5 desde a década de 1990).

Os bairros Mandinga e Vacaria também pertenciam à família da Fazenda Cipó. Parte desta área foi adquirida pela família Orville nas décadas de 1950 e 1970. Esta família também loteou e continua loteando suas terras para a venda. Alguns lotes foram também doados a ex-funcionários desta fazenda que saíram do Retiro devido à criação do PARNA SCipó. Ainda no bairro Vacaria, haviam plantações e também duas pedreiras de mármore que hoje estão desativadas. Uma delas é o Morro da Pedreira, conhecido nacionalmente e internacionalmente por escaladores, montanhistas e por ter sido homenageado na criação da APA de mesmo nome. O movimento de criação da APA teve como marco o Movimento Pró-Morro da Pedreira e o simbólico Abraço ao Morro da Pedreira (AME - Associação Mineira de Escalada, 2013).

Atualmente existe um conflito de uso do Morro da Pedreira entre os grupos de escaladores, em que alguns preferem a abertura de novas vias utilizando furadeiras, o que acarreta na abertura de um número maior de vias rapidamente. Há também grupos de escaladores que defendem o uso moderado das vias de escalada, visando a prática de mínimo impacto estabelecidas internacionalmente pela União Internacional de Associações de Alpinismo (UIAA). Desde 2004, de forma a organizar e regulamentar a escalada no Morro da Pedreira, reuniões são realizadas em conjunto com a comunidade escaladora e local interessada e o órgão gestor da UC. O problema central não está na questão de se abrir muitas vias e sim no respeito à ética do montanhismo, mundialmente estabelecida. Outra preocupação é em

relação à falta de metodologia para se ocupar o espaço sem que haja um planejamento de manejo e conservação do local o que pode no futuro gerar mais conflitos não somente entre esses grupos de ideais distintos como também com os proprietários das terras e o ICMBio. Em 2012, duas reuniões entre os grupos de escaladores foram realizadas a fim de se entrar em um consenso. Na última reunião houve uma votação para a definição de quais seriam os tipos de práticas de escala permitidas no Morro da Pedreira e o grupo que visava abertura de mais vias venceu. Por não concordar com a proposta ganhadora, a AME decidiu não mais ser a instituição responsável pela prática da escalada no Morro da Pedreira e que quem deverá assumir todas as responsabilidades perante aos proprietários da terra, comunidade escaladores, aos conselhos das UC's e seus gestores é a recém-criada Associação de Escaladores da Serra do Cipó.

Ainda sobre o bairro Vacaria, um dos entrevistados que adquiriu seu terreno no início da década de 1990, conta que foi um dos primeiros turistas a ter sítio no distrito. Atualmente, são pelo menos quatro loteamentos abertos na zona urbana do distrito da Serra do Cipó. Um dos entrevistados conta que nos últimos dois anos aproximadamente dois mil lotes foram colocados à venda. Mas nem todas as áreas do distrito passaram por um aumento da população e rápida ocupação humana. Alguns setores passaram nos últimos anos pelo movimento contrário, como será mostrado a seguir.

O Retiro é uma região em que muitas famílias viviam, dentre elas, os descendentes do Sr. Joaquim Emanuel Siqueira, dono de grande parte das terras, e que teve onze filhos. Lá, estas famílias plantavam milho, feijão, mandioca e cana. Com a cana produziam rapadura, açúcar e cachaça. Algumas mulheres da família Siqueira produziam também telha, tijolo de adobe e vasilhas de barro. Uma das moradoras entrevistadas produzia estes produtos com a sua avó e mãe. Ela conta que na época não tinha depósito de construção e as telhas das casas do local eram elas quem produziam. Esta região foi incluída na área do PARNA SCipó, sendo as famílias que viviam neste local, indenizadas. O processo de indenização foi conflituoso por dois principais motivos: a inflação da época fez com que surgissem diversos questionamentos sobre os valores da indenização e pela complexidade da

situação familiar dos indenizados (ICMBIO, 2009). Sendo assim, muitas pessoas que moravam no Retiro não apenas sentem falta deste local, mas sentem que foram prejudicadas no processo de criação do parque o que gerou ressentimento em relação ao órgão ambiental. Diegues (2001) chama a atenção para outro fator delicado que ocorre nas famílias que são desapropriadas das áreas de UCs e que também ocorreu no caso do PARNA SCipó. A baixa escolaridade das pessoas e o pouco poder político para se posicionar perante as questões jurídicas que têm que enfrentar e ao novo local onde vão viver.

No caso do Retiro, de acordo com o Plano de Manejo do parque (ICMBio, 2009) as famílias que não foram indenizadas e que possuem pessoas idosas e com deficiência mental ainda permanecem no Retiro. Estas áreas ainda ocupadas foram definidas como Zona de Ocupação Temporária e Zona Histórico-Cultural. Todo este processo está detalhadamente descrito no Plano de Manejo do Parque. Ressalta-se aqui, que esta é uma área de grande importância social para o distrito de Serra do Cipó. Aqueles que moravam ou que tinham parentes no Retiro, sentem muitas saudades daquele tempo, se emocionam ao conversar sobre este lugar e, muitos ainda visitam o local. Uma das entrevistadas, explica porque que o Retiro é o seu lugar predileto na Serra do Cipó:

“Por causa da infância, é a lembrança da infância. Várias tias moravam lá. E cê ia andando... Era uma cidadezinha só de parente. Aí cê ficava o dia intirinho, indo em uma e em outra, sabe. Final de semana era dia de visita. E eu acompanhava a minha vó, pra ela visitar as filhas, que são minhas tias. Eu tinha tias que casaram com irmãos. Era engraçada essa região”
(Moradora do setor 6 desde antes de 1980).

O Mato Grande é outro vilarejo que das últimas décadas para o presente, a população diminuiu, porém os motivos são outros. Segundo conta um dos entrevistados, o Mato Grande é um lugar afastado, sem muita estrutura e oportunidade de trabalho, então os jovens saíram de lá para procurar trabalho e estudo, como é o caso de seus filhos:

“Antigamente aqui tinha festa religiosa de 3, 4 dias. Aqui era muito mais povoado, há 40, 50 anos atrás do que hoje. Agora aqui só tem gente velho. Igual tá o Melo, igual o Riacho tá caminhando. Porque? Porque através de não tê estrutura pro pessoal ficá, o pessoal novo vai tudo embora trabalhá, procurá alguma coisa. É por isso que diminuiu tanto o pessoal. Tanto é que cê pega o censo são tantos habitantes, cê vai pegar o número de eleitores, são mais do que os habitantes. Por isso, porque o pessoal sempre que vai, fica com o vínculo, continua votando aqui, mais sai. Então o censo vem e olha só quem tá e quem fica lá em cá, não mora aqui. O pessoal tem voltado, mas sempre já de terceira idade. Os novos, difícil. Quem já tá com aposentadoria, vem, constrói. No mais, quem tem situação razoável, vem, constrói pra final de semana. Mais aqui tudo, teve muito morador, não era uma fazenda não. Tinha muitas casas. Era um vilarejo. O pessoal que morava no vilarejo aqui foi embora” (Morador do setor 2 desde antes de 1980).

Relata-se que antes da década de 1980, as famílias do Mato Grande *“plantavam de tudo, menos soja e trigo”*. Era comum encontrar plantações de arroz, feijão, milho e cana. O milho não era apenas para consumo próprio, mas também para alimentar a criação de galinha e porco, comum nas famílias da região. Da cana era tirado o caldo, com o qual o café era preparado. Todos plantavam para o consumo próprio e aqueles que conseguiam plantar em maior quantidade, vendiam o excesso para cidades vizinhas como Morro do Pilar. Chamava atenção nesta mesma época a produção de banana neste vilarejo. A plantação era grande e a produção era vendida para o Ceasa, que abastece a região metropolitana de Belo Horizonte. Esta não é mais uma realidade na região.

A região do Vau da Lagoa foi ocupada pela família Teixeira há aproximadamente 100 anos, onde foi constituída a Fazenda Samambaia. Não se sabe como foi o processo de ocupação/aquisição das terras, mas conta-se que na época da instalação da Cedro Cachoeira e construção da barragem da hidrelétrica, houve conflitos por conta dos limites das propriedades. Uma das

questões envolvidas neste conflito foi o acesso às casas, pelos moradores da família Teixeira. Acontece que para acessar as casas por estrada, é preciso passar dentro do terreno da empresa e, portanto na portaria da mesma. Por um tempo esta empresa proibia as pessoas desta família de entrarem em seu terreno e atualmente esta passagem é garantida por decisão judicial à todos os proprietários das terras da redondeza. Nas terras desta empresa circulam vigias que não permitem o acesso de outras pessoas. Acontece que esta questão delicada, proporcionou também um isolamento desta região por muitos anos.

Na área da Fazenda Samambaia, cultivava-se feijão, milho, mandioca e arroz e, além disso, havia a criação de gado. Atualmente, estas atividades ainda são realizadas, porém em menor escala. Mas é comum não encontrar os homens em casa por que foram “campear”, prática de ir à procura do gado que fica livre nos campos nativos.

Quando a escola parou de funcionar no Vau da Lagoa, em 2003, algumas famílias se mudaram para a área urbana do distrito, mais especificamente para o bairro Progresso, para que as crianças não ficassem sem estudar. Nesta ocasião o prefeito em exercício doou lotes para que estas famílias pudessem se mudar. Atualmente o transporte escolar da prefeitura busca as poucas crianças que ainda moram no Vau da Lagoa para estudar na zona urbana. Há casos também de pessoas que se mudaram por problema de saúde, afinal na área urbana há um posto saúde, e também o acesso à rodovia que leva à capital mais próximo. Até há 15 anos atrás não havia luz, não tinha estrada acessível por carro. Além disso, na zona urbana, há mais possibilidades de trabalho.

“Entrevistada: As casas era até mais, eles foram mudano, mudano, e as casas foi caindo menina, mas inté que tinha muito morador aí, agora que foi quase tudo embora.

Pergunto: E o pessoal foi embora pra onde?

Entrevistada: Ah, mudou tudo, mudou, pro Morro, pra Belo Horizonte, Riacho, Cardeal Mota [atual Serra do Cipó], foi saindo tudo.

Pergunto: Pra trabalhar?

Entrevistada: É, pra trabalhar, porque aqui não tinha serviço, então eles foi saindo pra trabalhar. É, estudar, trabalhar, porque aqui não tá tendo nem aula, nem serviço.

Pergunto: Então aqui na verdade tá é diminuído o número de pessoas?

Entrevistada: É, aqui tá é diminuindo, porque tinha muito morador e agora quase num tá tendo.

Pergunto: Mas aqui tá tendo mais gente de fora, ou não?

Entrevistada: É esses de fora andô comprando algum sítio aí na mão de alguém, mas não mora aí também não. Só vem de vez em quando passear”

(Trecho de entrevista com Moradora do setor 02 desde antes de 1980).

Em 2001, a família começou a desmembrar os terrenos para comercialização. Conta-se que são procurados constantemente por pessoas ligadas a imobiliárias e também por pessoas físicas com interesse de comprar os terrenos. Os compradores são pessoas de outras cidades. A saída dos moradores do Vau da Lagoa, fez com que necessitassem vender terrenos para conseguirem construir suas novas casas. Há casos de famílias que mantêm casas tanto no Vau da Lagoa quanto na zona urbana. Aqueles que permaneceram foram os que conseguiram manter um trabalho como caseiro nas casas das famílias dos turistas que compraram seus terrenos.

A região da Serra Morena, conhecida pela cachoeira com o mesmo nome, nem sempre foi chamada assim. Antigamente, a região era conhecida como a Várzea do João Ribeiro e a cachoeira, do Cornélio, dono do terreno.

Um dos entrevistados nesta região da Serra Morena mora na casa que construiu há 60 anos. Ele mesmo buscava a madeira nas matas da região, fez as paredes de abode, o forro de taquara. Comprou pronto apenas as telhas. Em relação à madeira, explicou que para cada utilidade existem madeiras diferentes:

“ Pergunto: E como que o senhor construiu essa casa aqui?

Entrevistado: Ah! Com muita dificuldade. Casa de madeira, buscava madeira, distância de uma légua rastada com boi. Boi trelado na frente e arrastando as madeira. Uma légua, mais de légua de distância.

Pergunto: Onde, que ia pegar madeira? Entrevistado Pai: Aí fora tudo... Até lá no Cachoerão... [atual Cachoeira da Capivara]. É até de lá tem madeira nessa casa. Daqui lá, duas hora a cavalo.

Filho do entrevistado: Nessa época num existia IBAMA nem no sonho.

Entrevistado: Num tinha estrada de carro, que vinha praqui, né, pra dizê que vinha material de depósito, teia, né... Então tinha que cê tudo coisa de roça memo. As parede é de adrobo, num é tijolo não. Adrobo de terra pura. Desse terreno mesmo.

Pergunto: Que mais que usava, além da madeira e da terra?

Entrevistado: Agora, teia, teia, vinha de longe, puxado no carguero. Lá do Cardeal Mota. Num tinha cerâmica de teia na região não. A região mais próxima que tiha cerâmica de teia era lá no Cardeal Mota. Então teia vinha no lombo do carguero praqui. Do burro. Era dalí mesmo do pé da Serra, no ACM que fazia. É... aqueles que tinha mais recurso, né. Buscava no cargueiro, que num tinha estrada de carro. Buscava no cargueiro pra cobri teia. Ó, menina, aqui criô, uma família, num era do meu tempo não. Criô uma família de gente aí, eles era muito irmão, muito irmã, nenhum nunca morô na casa coberta de teia. Tudo de sapê. Era de sapê. É só esse, era o avô da minha esposa que possuiu uma casa de teia. Eles morreu tudo em casa coberta de sapê. Coitado, eles num tinha condição de pagá teia, pagá carroto, né. Morava na casa coberta de sapê.

Pergunto: E esse forro aqui?

Entrevistado: Isso aí, isso aí a gente mesmo que fez, mas as taquara vem de longe. Lá do...Campo Redondo”

(Trecho de entrevista com Morador do setor 03 desde antes da década de 1980).

Este morador conta que vida toda plantou tanto na região onde mora, quanto na Lapinha, outro vilarejo do mesmo município. Plantava milho, feijão, arroz, amendoim. Como a família era grande, toda a produção era utilizada para consumo próprio. Atualmente ele planta apenas no quintal.

A região constituída pelo Palácio, Alto Palácio e Campo Redondo é também conhecida como “alto da serra”. Estas áreas por serem constituídas pelos campos rupestres são áreas de nascentes, mas com o solo raso, portanto pouco adequadas para o plantio. As terras no alto da serra onde as pessoas plantavam eram, principalmente nos arredores da Cachoeira da Capivara (Cachoeirão), na Lapinha e na região de Tabuleiro. A atividade típica e que ocorre até os dias atuais é a criação de gado, motivo este que causa questões conflituosas com o ICMBio. A forma como gado é criado, solto nos pastos nativos, é consorciada à queima da vegetação para a rebrota do capim. Segundo os moradores, esta queima também ajuda a manter o mato baixo e as matas ciliares preservadas:

“Lá a gente colocava fogo no campo, acerava as matas pra não pegar fogo nas matas, em beira de córrego nenhum, por isso que tem aquelas matas até hoje. Por que a gente mantinha o campo limpo. Agora entrou o parque, eles querem criar o capim, criar o mato...Vai pegar fogo na mata” (Moradora do setor 01 desde antes de 1980, mas que nasceu e foi criada no alto da Serra).

A forma com que os terrenos eram adquiridos e os seus valores foram comentados pelos entrevistados. Uma das entrevistadas conta como foi quando o seu avô adquiriu o terreno onde ela vive, na década de 1960:

“Antigamente o pessoal comprava, mas num existia esse negócio de caçá documento igual existe hoje, né? Meu avô deu pro sobrinho dele uma égua por este terreno” (Moradora do setor 02 desde antes de 1980).

Muitas casas do alto da Serra eram de madeira, retiradas da própria região. Como o material utilizado era bruto, sem técnicas de melhoramento e proteção

da madeira, de tempos em tempos as casas caíam e tinham que ser refeitas, e assim as árvores iam sendo cortadas. Devido à deteriorização da madeira, é raro encontrar este tipo de casa nos dias atuais, sendo a Casa de Tábuas, utilizada como ponto de apoio dentro do Parque, uma das poucas que ainda resiste.

Uma construção marcante no alto da Serra, é a sede da Fazenda Palácio, que data da década de 1920. Conta-se que a família inglesa Davis adquiriu vários alqueires de terra, que abrangiam 4 municípios (Santana do Riacho, Jaboticatubas, Conceição do Mato Dentro e Morro do Pilar). O motivo pelo qual esta família adquiriu estas terras é controverso. Há relatos de que havia um interesse pela exploração de diamante na região, mas há também relatos que contam que esta família foi para abrir a estrada que liga Belo Horizonte à Conceição do Mato Dentro. Nesta época também foi contruído o Chapéu de Sol, primeira estalagem da região, que servia de base de apoio para trabalhadores e viajantes.

Percebe-se aí a aquisição e ocupação das mesmas terras, por famílias diferentes e de formas distintas. Este tipo de acontecimento, comum na região aumentou a ocorrência de conflitos na época da aquisição de terras para a criação do parque.

Na segunda metade do século XX, os herdeiros da família Davis, venderam parte do terreno que os pertencia. A partir desta época, os compradores eram principalmente pessoas da região metropolitana de Belo Horizonte, com a finalidade de construir casas de veraneio e até fazer loteamento. Por se tratar de uma região de campos rupestres, com várias nascentes, várias construções foram embargadas. Há uma grande discussão que envolve a prefeitura, o ICMBio, os compradores de terrenos e pesquisadores, que é a questão da ocupação dos Campos Rupestres. Em se tratando de conservação de espécies endêmicas e de manutenção de nascentes, sabe-se que este é um bioma vulnerável se ocupado. Porém a legislação é confusa em quesitos básicos como na própria definição do que é um campo rupestre e qual é o limite das áreas de campos rupestres da Serra do Cipó. Outra questão relacionada não apenas à ocupação dos Campos Rupestres, mas de todo o distrito é a definição de competências dos órgãos públicos. Até mesmo os getores dos

órgãos públicos se perdem em relação à divisão de competências ficando nítido o “jogo de empurra-empurra”. Nesta situação, a troca constante de gestores tanto do ICMBio, quanto da prefeitura só prolongam a conclusão desta discussão. A comunidade científica, por sua vez, já que realiza vários trabalhos na região, pode e deve contribuir na resolução deste conflito, já que representa o grupo de pessoas mais adequadas para definir quais são os limites dos campos rupestres. Em 2011, houve um Seminário que reuniu vários pesquisadores para que fosse definido tanto o conceito quanto os limites dos Campos Rupestres, mas o documento final ainda não foi apresentado aos gestores locais e percebe-se que esta ponte pesquisa-gestão precisa de fato ser estreitada.

No ano de 2005, quando houve o asfaltamento da rodovia MG-010 no trecho entre a Serra do Cipó e Conceição do Mato Dentro, algumas compensações e mitigações socioambientais foram requeridas. Entre elas está o Projeto Avenida-Parque, que prevê a construção de passeio, ciclovia e canteiro central no trecho da rodovia que passa pela área urbana do distrito, que vai da ponte do Rio Cipó até o ACM. Este projeto visou a segurança dos moradores e a organização da ocupação urbana ao longo deste trecho devido ao provável aumento de fluxo de veículos devido à obra. Parte do projeto foi concluído em 2008 e, no final de 2012 as obras foram retomadas para a sua conclusão. Além desta compensação, ações relacionadas à revegetação de taludes e recuperação de áreas degradadas também foram realizadas por técnicos do Parque (Ribeiro *et al.*, 2005) e por professores e alunos da UFMG (Barbosa; Fernandes, 2008). Estas ações visavam a não introdução de espécies exóticas invasoras, que são uma ameaça às espécies endêmicas dos campos rupestres da Serra do Cipó.

Contudo percebe-se que, como o distrito é muito extenso, cada local tem diferentes áreas de influência. As pessoas que moram na zona urbana do distrito têm a sua história muito vinculada à história da Fazenda Cipó e do Retiro e, mais recentemente com Belo Horizonte. As pessoas da zona rural, entre o rio Cipó e o sopé da Serra têm a sua história tanto relacionada à Fazenda Cipó, mas também à sede municipal. As pessoas que moram na Serra Morena e no Vau da Lagoa são muito vinculadas às pessoas da Lapinha

da Serra, muitos têm a sua origem neste vilarejo, possuem grau de parentesco com pessoas de lá. É interessante que as pessoas desta região circulem entre suas casas e a Lapinha pelo alto da Serra do Breu, à cavalo. As famílias que vivem no Campo Redondo tem relação mais próxima com as áreas de Conceição do Mato Dentro. Estas plantavam nos arredores de Tabuleiro e trabalhavam tanto com plantação, como na carvoaria na Serra do Intendente. Quando precisam ir a um centro urbano, seja para ir ao hospital, ou a algum comércio vão à Conceição e não à região metropolitana de Belo Horizonte, como é o caso das pessoas que moram mais ao sul do distrito.

Fica claro também que ao longo das últimas décadas, em alguns setores do distrito, houve um aumento da população local, já em outros setores houve uma evasão da população. Porém estes locais em que houve a diminuição da população estão passando pelo início de um período de venda de terrenos e aos poucos se vê a chegada de turistas construindo casas de veraneio. Como explica Santos (2007): “cada estrutura do todo reproduz o todo”. É como se história dos setores mais populosos repetisse.

Sabe-se que em algumas destas áreas, principalmente nas de alto de Serra, existem, para o mesmo lugar tanto projeto de loteamento quanto proposta de ampliação do Parque Nacional da Serra do Cipó e Parque Estadual do Intendente. Este empasse é discutido por Diegues (2001), uma vez que ambas as ações irão desalojar populações tradicionais. Neste contexto, o autor considera a criação de UC positiva para a conservação.

Outro uso da terra que não foi relatado pelos entrevistados, mas que está aos poucos aparecendo na paisagem da Serra do Cipó e do município vizinho ao sul, Jaboticatubas, são as plantações de eucalipto em escala comercial. Não é possível afirmar que são as primeiras plantações na região, pois não foi feito nenhum levantamento específico sobre isso, mas é algo a se monitorar.

4.2.2. A população e o alimento

As áreas de plantio eram concentradas principalmente na baixada do Rio Cipó, nas regiões das areias (“zareias”), terra de arroz e do barro preto (aos redores

da lagoa comprida) todas pertencentes à Fazenda Cipó; na várzea do Córrego Soberbo; no Vau da Lagoa e; ao redor da Cachoeira da Capivara. Eram destaques a produção de arroz, feijão, milho e cana. O milho e seus derivados serviam de alimento humano e para criação de animais. Da cana, tirava-se a garapa, produzia-se o açúcar, a rapadura e a cachaça. Em menor escala outros produtos também eram produzidos, como foram citados pelos entrevistados: o café, o amendoim, a batatinha, a banana, a mandioca e hortaliças, por exemplo. Estes alimentos produzidos eram utilizados para a subsistência da população local e também eram vendidos tanto nas vendas locais como enviados para a região metropolitana de Belo Horizonte.

As famílias arrendavam as terras dos grandes proprietários ou trabalhavam diretamente para eles. No caso do arrendamento, as pessoas trabalhavam com a troca de dias e isto era feito em grupo:

“A plantação era mais troca, né. Trocava dia. Eu trabalhava procê hoje, procê ir pra mim amanhã. Eu num te pagava o dia não, sabe. Aí, por exemplo, eu fazia uma marca, vai fazê uma marca de capina pra dia 20 de junho. De hoje até 20 de junho, só ficava trabalhando pros otro. Aí chegava dia 20, vinha aquele turmão que tava tudo pago” (Morador do setor 06 desde antes de 1980).

Quando se trabalhava diretamente para um proprietário de terra, o mais comum era trabalharem “pela meia”. O proprietário oferecia a terra e a semente, enquanto o trabalhador preparava a terra, plantava e colhia. Ao final da colheita, a produção era dividida entre o proprietário e os trabalhadores. Poderia acontecer também do proprietário pagar em dinheiro os dias de serviço, mas isso era raro e a quantia pequena.

As fontes de proteína animal eram raras e por isso tinham que ser diversificadas. As famílias eram humildes, não tinham condição de comprar carne, então tinham que ter criação. Mesmo assim, há relatos de que “carne era coisa de final de semana”. A maioria das famílias criava galinha e porco. A carne de boi não era tão comum. Alguns entrevistados comentam que raramente matava-se um boi por causa da dificuldade em armazenar a carne.

Esta prática era mais comum no alto da serra. As famílias matavam o boi e repartiam a carne. A atividade de “campear” que é ir atrás do gado, criado solto, para juntá-lo e trata-lo, era muitas vezes realizada junto com a coleta de flores nativas. As flores de sempre-vivas, orquídeas, bromélias eram muito visadas para a venda.

“ Entrevistada: De primero o povo pegava muita flor pra vender, né... ninguém falava nesse povo do IBAMA nem nada, nós ia lá pro Travessão, pro Salitrero, caçá uma flor que chama abacaxi dourado, bonito mesmo, amarelinho, grande assim. Que ele dá toucera dessa altura assim. Ela é dura, seca. Mas ela é bonita demais, tem lugar que ela dá quase branquinha. Mas ela dá bonita mesmo.

Pergunto: E a senhora campeava a cavalo?

Entrevistada: A pé.

Pergunta: Nossa, a senhora andava muito então.

Entrevistada: É, todo dia.

Pergunto: Mas a senhora já foi no campo redondo?

Entrevistada: Já. Caçando coroinha, sempre viva...

Pergunto: E fazia o que com as florzinhas?

Entrevistada: Vendia. Nó, era muito comprador de flor que tinha. Eles vinha com carro. O povo todo da Serra panhava flor e vinha de fora pá panhá. Quando apareceu o povo do IBAMA parou tudo”

(Trecho de entrevista com Moradora do setor 03 desde antes de 1980).

No século XX também eram comuns às práticas de pesca e caça. Para a pesca, utilizava-se armadilha de bambu e também com pano. Este era utilizado principalmente quando se tratava da pesca de piaba. Além da piaba, outros peixes também eram e ainda são encontrados nos rios do distrito. A introdução da tilápia foi comentada por alguns entrevistados em três áreas do alto da Serra: nas lagoas da mãe d`água, na nascente e em outro ponto do Paraúna.

Em todos os casos forma levados alevinos da espécie por pessoas que gostam de pescar.

“ Pergunto: A Tilápia sempre teve aqui?

Entrevistado: Não, o pessoal (...) trouxe o alevino e jogou aí. Ele gosta de pescar. Mas de uns tempos pra cá ele parou...”
(Morador do setor 02 desde a década de 1990).

O consumo de carne de caça também era comum até a chegada do IBDF, na década de 1980. Ela era realizada de diversas maneiras, seja através de armadilhas ou caça. Conta-se que se formavam turmas para a caça.

“Todo domingo aqui em casa, juntava a turma e ia caçá. Caçá e depois jogá truço” (Morador do setor 06 desde antes de 1980).

Atualmente a caça e a pesca ainda são realizadas, mas por um número muito pequeno de pessoas, devido às restrições legais. Algumas famílias ainda plantam, quase que em uma demonstração da resistência de um costume.

Ao perguntar aos entrevistados porque que eles pararam de plantar, de caçar e de pescar, a resposta é sempre a mesma: “por causa do IBAMA, que chegou proibindo tudo”. Tentando conseguir a compreensão de como foi a chegada do órgão ambiental (na época IBDF) e como que as restrições das práticas consideradas proibidas foram apresentadas à comunidade, percebeu-se que um conjunto de fatores interferiu para que tais práticas praticamente acabassem no distrito.

Um dos entrevistados que já morava na Serra do Cipó quando o IBDF chegou para gerir o Parque conta como que as pessoas da região caçavam e como que esta prática foi diminuindo:

“Entrevistado: De primero a gente, o povo, todo mundo da região caçava, né. Caçava bicho. E eu caçava, mais era sozinho ou então levava companhia, mas num levava cachorro não. Mas os dono de fazenda aí caçava veado, matava veado, matava onça... Eu caçava era passarinho grande: jacu, essas

verdadeira eles fala, aquela pomba truca, tudo a gente matava naquele tempo. Eu era novo, era com espingarda porvera. Todo mundo tinha espingarda porvera. Que num podia compra cartucheira, aí era com espingarda porvera, que era mais barata. Agora se fô pra mim dá um tiro em qualquer passarinho, em qualquer bichinho, eu num tenho coragem de mata mais não. Naquele tempo a gente era novo, a gente acompanhava o batido dos mais véio, né. O povo do lugar, tudo... os dono de fazenda caçava... aqueles que era mais novo, né. Saia cachorrada pro mato, matava veado, matava onça. Depois cabo isso, agora, agora todo mundo hoje num tem coragem de mata bicho nenhum. Só se fô bicho assim... nem onça que pega criação do povo, eles num mata mais, porque IBAMA proibi, né.

Pergunto: mas tem gente que caça ainda, não??

Entrevistado: Tem gente que caça, mas por aqui num tem não. Aqui cabo isso, porque o IBAMA tá aí dia e noite, né...De primero vinha florestal, batia as barraca nesses gramado na bera do rio, bera da estrada aí, num tinha asfalto ainda não... E à noite eles andava na berada do rio afora aí, a noite intera. Florestal vinha e olhava. É... eles é que vinha. Assim que foi cabando caçada. E eles pego foi muito caçado aí. Se panhasse caçador, prendia, levava pra Belo Horizonte, murtava... pra num fica preso tinha que pagá, né... Aí pagava fiança pra num fica preso. Era, depois tomaram as arma de fogo, espingarda. Porque caçava de espingarda. Aí tomava as espingarda. Gente graúdo, que tinha dinheiro mesmo, tinhas as cartucheira boa, tomava tudo. Tem um véio aqui embaixo que xingô florestal, mas eles tomô as cartucheira dele. Era gente rico, né. E tinha muita espingarda. Tinha uma pra ele e um punhado pá emprestar pros caçado que andava com ele. Os companheiro de caçada, né. E ele tinha a cahorrada... uns cachorro bonito, bem tratado... Tava caçando lá pros lado do Antônio Bráz alí. Tava caçando pralí pra cima, praqueles mato alí. Os cachorro latiu no mato. Florestal vai pra bera da estrada afora. Aí foi entrando pros mato afora e pego eles de surpresa. Tomô as

espingarda do homi. O homi xingô, que ele era nervoso. Era muito brabo. Mas, eles levaram. (...) Com isso acabô a caçada dele. Aí foi cabando aos poucos. Depois veio IBAMA bateu... veio com um traile, montou um traile lá em cima, onde é a sede do IBAMA gora. Era só um traile lá, e duas pessoa. Tinha dia que tinha um, tinha dia que tinha duas pessoa. E assim, o povo pescava escondido, armava rede, enquanto era duas pessoa só. Depois agora, já é muita gente olhando, andando pro mato afora, pro mato a fora, vem helicóptero deles também, né. Aí foi piorando pros caçadô. Aí foi parando, teve que pará. (...) Aqui, diz que tem caçador de paca ainda. Mas elas cabo. Cê num vê nem trilho dela mais”

(Trecho de entrevista com Morador do setor 06 desde antes de 1980).

Em relação às plantações, na década de 1980, os donos de fazenda deixaram de arrendar a terra e começaram a se dedicar à criação de gado, que exigia menos mão de obra. Além disso, as pessoas que plantavam foram envelhecendo e os mais jovens, já pegaram a economia de serviços para atender o turismo em crescimento. Esta era uma forma de ganhar dinheiro mais fácil, afinal o trabalho na roça é extremamente desgastante e não há garantia de retorno financeiro. Era pouco o dinheiro que circulava entre os moradores da região e isso vem mudando após a chegada do turismo. A chegada do IBDF proibindo o plantio na área do parque criado, área esta em que morava grande parte da população da época, foi um fator que “esmoreceu”, ou seja, desanimou as pessoas. Além disso, com repressão, por parte desse órgão ambiental ao corte de árvores e à queima das áreas, foi mais um fator que desestimulou a agricultura local, já que a forma que as pessoas limpavam o terreno para o plantio era colocando fogo. Em muitos relatos, as pessoas falam que o IBAMA proibiu de plantar, mas na verdade o que se proibiu foi a utilização das técnicas que estas pessoas utilizavam para o plantio e não o plantio propriamente dito.

“Hoje, se aquela ponte do campinho [do rio Cipó] caí, hoje, e que num colhe mantimento aqui na Serra pra trata duma família 4 dia. Tem plantação de nada aqui. Tudo se num vim de fora. Eu num tô entendendo...vai falta qualquer coisa pra cé. O que que tem de plantio aqui? Nada... Que família aqui, num conhecia não, comprava aqui mais ou menos é sal. Que num tinha jeito. Pegava do coco memo e fazi o óleo né, de cozinha. Engordava um porquinho, fazia óleo. Cana moía pra fazê café. O café já colhia lá memo. Arroz limpado no pilão. Hoje, cadê? Hoje cê pode adulá uma mulhé pra pilá um arroz, que ela num limpa”
(Morador do setor 04 desde antes de 1980)

Além dos alimentos plantados, dos animais criados e caçados e dos peixes, as frutas do cerrado também eram muito utilizadas pelos moradores locais. Era preciso sair cedo de casas, com as vasilhas para a coleta das frutas, ou então no final do dia. Esta prática era realizada principalmente pelas mulheres, que junto com as crianças iam a áreas específicas para buscar cada fruta, onde ocorriam em maior quantidade e tinham os pés mais fartos. Os homens também coletavam as frutas do cerrado, porém não saiam com esta missão específica, coletavam quando achavam no caminho. Atualmente a prática de sair para coletar frutas do cerrado ainda é realizada por algumas famílias, como uma atividade prazerosa para ser feita no final da tarde, quando se gosta da fruta e não por uma questão de necessidade como antigamente. A chegada do supermercado, após a década de 1990, foi um fator de extrema importância para a mudança deste hábito.

“Pergunto: Cês vão lá buscá?”

Entrevistada: Muito raramente, mais nossa, só quando alguém trás. Que assim, com o passar do tempo cê vai perdendo o interesse, cê vai tendo outras coisa, vai vindo outras coisas, incorporando outras comidas, aí cê vai esquecendo, aí quando cê lembra, ‘ó época disso’, então alguém trás porque sabe que gosta. Mas perdeu aquela coisa de você ir atrás, de você ir buscá. Só aquela fruta que irresistível mesmo. Mas antes era mais a fruta do cerrado é que era aquilo que era, assim, de

todo mundo ir procurá. Cê saia de manhã, por exemplo, no caso da mangaba. Cê saia de madrugada pra podê procurá mangaba, porque cê chegava lá e já tinha muita gente. Pequi é a mesma coisa. E quando cê chegava lá, saia escuro mesmo, de madrugada. Eu já saí várias vezes com minha mãe pra procurar mangaba. Quando chegava lá: “ah, já passou gente”. E realmente, você já via as pessoas já saindo, com a vasilha” (Moradora do setor 01 desde antes de 1980).

Das plantas do cerrado não eram retiradas as frutas apenas para a alimentação. Algumas plantas também eram como princípios medicinais. Os remédios retirados da natureza eram os únicos que a comunidade da Serra tinha acesso durante muitos anos. Atualmente, com o posto de saúde (desde a década de 1970) e o acesso a centros urbanos com hospitais esta realidade vem mudando e a prática dos moradores de utilizar espécies nativas está sendo desvalorizada:

“O povo antigamente, parecia assim que até adivinhava o que era bom pra sará, por que na época não tinha médico, né.(...) A gente usava era isso. Agora hoje, né, a gente que é mais velho ainda faz isso, às vezes panha assim, mas mais vai é... ao médico, né. Fala assim: “ah, não mas agora pode fica tomando coisa do mato não”, mas o que a gente confia que pode, dá pro menino, a gente confia e pode fazê o chá e dá. Que num vai fazê mal. Se num fazê o bem pra melhorá, mal não faz. É isso” (Moradora do setor 02 desde antes de 1980).

4.2.3. O distrito Serra do Cipó e o turismo

A primeira construção hoteleira da Serra do Cipó data de 1946. O histórico Hotel Veraneio fica às margens do rio Cipó e pertence à família da Fazenda Cipó. Nesta época, o local era frequentemente visitado por casais em lua de mel (Cardoso, 2008). Até a década de 1980, o turismo na Serra do Cipó se

restringia aos hóspedes deste hotel e a famílias e grupo de amigos que ia acampar nas margens do mesmo rio.

O turismo passou a ser uma atividade relevante no distrito a partir da década de 1980. Com o aumento do número de visitantes, os moradores locais começaram a trabalhar com o turismo, seja guiando os turistas, vendendo alimentos nas cachoeiras ou servindo almoço. Nesta época, as primeiras pousadas foram abertas e alguns moradores recebiam os turistas nos quintais das suas casas, como camping e hoje o número de meios de hospedagem chegou, segundo o SEBRAE (2012) a 101, apenas no distrito.

Neste período, não apenas o número de visitantes na Serra do Cipó aumentou, mas o perfil dos turistas e as áreas de interesse. Conta-se que antes, as pessoas vinham à Serra do Cipó para se divertirem no Rio Cipó, não havia interesse pelas cachoeiras, que na época eram praticamente desconhecidas. O público que frequentava a Serra do Cipó na década de 1980 era um público que gostava de acampar, seja em grandes turmas que chegavam nos ônibus escolares, seja com o perfil mais explorador, conhecidos como mochileiros. Entre o final da década de 1980 e meados da década de 1990, a “invasão” dos ônibus escolares se destacou em três locais: no Rio Cipó, na Cachoeira da Serra Morena (ou do Cornélio) e na Ponte da Usina. Estes acontecimentos que ocorriam nos feriados chamou a atenção tanto de donos de terrenos quanto dos órgãos ambientais para a necessidade da organização do turismo, que começou a ser predatório. A primeira medida que foi feita então, foi fechar o acesso das áreas de rio e cachoeiras com a cobrança de portaria. O dono de um dos empreendimentos na Serra do Cipó, proprietário de um terreno que tem cachoeira relata como foi este “boom” do turismo e o processo de controle de entradas das pessoas nos atrativos:

“Começou em 1988, 1987... foi que começou essa história mais efetiva do turismo aqui, com camping, com muito ônibus especial vindo nos feriados e isso agredia muito e então eu comecei a controlar e criar uma estrutura pra poder atender esse pessoal, tá. (...) Primeiro, eu vim com a intenção de morar, de viver por aqui, mas quando surgiu, que eu vi que o turismo tava crescendo eu comecei a, tava surgindo um

turismo, eu comecei a trabalhar nem por opção, mas por necessidade, não minha, mas do próprio tipo de turista que tava chegando, que era uma coisa muito agressiva, então carecia um controle disso aqui. E eu comecei a organizar esse turismo aqui na região. E daí pra frente eu implantei o meu empreendimento e tô aqui até hoje (...). A Serra do Cipó se não tivesse hoje o Parque Nacional e não tivesse essa política da APA, hoje a gente teria um polo de turismo predatório, seria uma área aqui completamente degradada. Se não tivéssemos, taria tudo detonado. Quando a gente chegou pra cá, é... a prefeitura não era nada. E o que começou a controlar aqui a atividade do turismo aqui foi o Parque Nacional. Chamava-se IBAMA. Era o IBAMA. E na figura de 2 pessoas a gente conseguiu, pegamo isso aqui, que era muito interessante, que eram 2 homens só, do Parque Nacional, um chamava Moreira e outro era o Paulo Sérgio, que era o diretor do Parque. Eles tinham 1 carro, mas eles tinham uma comunidade que eles tavam apoiando. Criou-se uma imagem de que o IBAMA chegou e começou a ser o órgão regulador.

Pergunto: A comunidade apoiava?

Entrevistado: Ela tinha que apoiar. Era a única ferramenta que eles tinham era, que nós tínhamos era o IBAMA. Cê num tinha polícia, o IBAMA era a nossa polícia, você num tinha uma ambulância, o IBAMA fazia o resgate. Você não tinha prefeitura aqui dentro, não tinha nada... nada... nada... Não tinha luz, não tinha telefone. Não tinha nada... não tinha asfalto. Era completamente desamparado e o turismo bombando. Em julho de 1992 ou 93. Um desses anos, eu tive... um dia eu saí aqui na porta, tava um pessoal aqui e eu fui até mais na frente, nós contamos 52 ônibus especiais parados aqui nessa estradinha da Serra Morena, tá. 52 ônibus especiais, significam que são... numa média de 40 pessoas por ônibus, são 2080 pessoas soltas sem nenhum controle, invadindo tudo isso aqui. Isso num domingo. No domingo às 6 horas da tarde, eu gostaria que cê imaginasse o que que era esse local.

Pergunto: Isso no seu terreno?

Entrevistado: Aqui tudo! Aqui tudo! Iam chegando e entrando e num tinha controle de nada, eu num tinha portaria, a gente tava começando... É, o lixo que era gerado nisso aí, era um problema tão grande pra gente, porque, por exemplo, alguns velhos proprietários jogavam no rio”

(Trecho de entrevista com Morador de setor 03 desde a década de 1980).

Desde esta época, até os dias atuais, o perfil socioeconômico do turista que frequenta a Serra do Cipó mudou. Um dos entrevistados conta em detalhes esta mudança:

“Tem. É o seguinte, quando começou, começou com um público com datas bem definidas que eram somente nos feriados. Esse público era principalmente o cara que acampava e que descia no ônibus alí com a mochila nas costas, que trazia a comida dele, que trazia o vinho chapinha, tal e era um cara que ele, era até bacana, mas era um povo muito desorganizado, que o camping, a base desse turismo era camping, era muito... gerava muita sujeira, depredação ambiental. Com a chegada do asfalto (Lagoa Santa - Serra do Cipó), em 1988, esse público começou a mudar. Nesse período houve uma mudança radical porque o pessoal que tinha um carro, um veículo melhor começou a frequentar a Serra, e aí as relações começaram a mudar, as coisas começaram a ficar mais tensa até porque o pessoal que vinha acampar já vinha de carro também, já começou a facilitar mais as coisas e começou um pessoal, é... uma época mais agressiva.

Pergunto: Agressiva em que sentido?

Entrevistado: Nas relações, o pessoal batia, é... ação predatória da natureza ela era muito grande, porque o número de pessoas era muito grande aqui dentro, e isso gerava muito atrito, principalmente comigo, porque eu sô uma pessoa que sempre... nunca gostei desses abusos dessas coisas, eu sempre quis controlar isso. Gerou muito problema sabe? Muito problema mesmo, muito desgaste assim. É, de 95 pra cá, a

gente começou a ter um público mais seletivo, acho que até 2000, 2000 e pouquinho a gente começou a ter um público muito bacana.

Pergunto: Que é que tipo de público?

Entrevistado: era um público de São Paulo, Rio, um pessoal mais de Belo Horizonte também, muita gente de Belo Horizonte, mas um nível melhor, veículos melhores, umas pessoas mais educadas. E esse pessoal eu senti que hoje foi embora, ele não tá tanto por aqui mais. E pra mim mudou muito também porque eu fechei o camping que há 8 anos atrás eu tinha uma área de camping e essa área eu acabei porque a coisa mudou e eu depois desse surgimento de crack, de cocaína, essas coisas assim, que ficou esse negócio muito público, eu optei por fechar porque não, não dava mais pra conviver com isso. Hoje eu vejo que tem um público legal sim, mas a gente já teve uma coisa mais bonita, um pessoal muito mais elegante frequentando aqui a Serra do Cipó. Não sei porque hoje, por falta de uns eventos legais, uma coisa mais apurada igual nós tínhamos aí, o festival internacional de dança e cultura indígena, que era um evento fantástico, é rali dos sertões que foi uma coisa que a gente trouxe pra cá, que foi muito bacana, copa baja e vários outros eventos que a gente fazia e que, hoje parou. Agora sim, que eu acho que tá retomando, que tá começando a surgir uma coisa legal.

Pergunto: Esse público que você falou, da década de 80 até 90/95 até 2000 e pouco, que é um público legal, você sentia alguma... que você falou que tinha um público na década de 80 que degradava muito, um pessoal desorganizado, a relação deles com essas áreas naturais era de desorganização e degradação pelo nº de pessoas, né? Esse público 95/ 2000 e pouco já era um público que a relação deles com as áreas naturais, você acha que em termo de degradação era de que tipo?

Entrevistado: Eu acho que existe um marco, que deve ser lembrado que foi 1992, nós tivemos a 1ª conferência pra

preservação ambiental, que foi a Eco 92, foi no Rio de Janeiro, que foi uma conferência que deu repercursão e a partir daí se plantou mais efetivamente a ideia da preservação ambiental, tá. Essa ideia foi, começou a ser abraçada, a partir disso aí e a partir desse momento a relação com o meio ambiente mudou muito e os efeitos foram muito bons. Consequentemente mudou o comportamento, e a gente tá vendo isso até hoje, né, que a coisa tem mudado gradativamente, tá melhorando, nesse aspecto tá melhorando, mas em termos de turista, do turista que vem pra Serra do Cipó que você perguntou, ele mudou sim, mas hoje eu vejo que essa proximidade do grande centro, essa mudança, esse crescimento grande da população, isso já tá trazendo pra cá um público diferente. E esse público tá aí, tem que ser trabalhando, cê não pode desprezar, ele é um tem que se tornar um público alvo, pra gente poder aproveitar, que tá na nossa mão e fazer uma educação ambiental e propor uma mudança de comportamento, né, porque não tem jeito de tirá-los.

Pergunto: Diferente como? Cê consegue caracterizá-los? O perfil desse turista?

Entrevistado: Acho que existe uma estratificação social, as classes, A,B, C, D e E. Acho que é por aí. Hoje, com a própria condição financeira dos brasileiros, essa facilidade de aquisição de bens, esse acesso fácil ao dinheiro, ao crédito que teve aí, principalmente nessa era aí do presidente Lula, que privilegiou a classe mais oprimida, ela começou a andar mais, e hoje ela é presente e ela é uma economia potencial, só que elas tem suas características, ela tem um certo... um baixo nível de escolaridade, um comportamento diferenciado pela própria... pelos locais de moradia onde essa classe se instala, né. Essas coisas, sabe. então existe um padrão diferente de comportamento.

Pergunto: Então se acha que agora vem um pessoal de uma classe econômica mais baixa...

Entrevistado: Ele sempre veio, ele sempre veio, mas o que tinha uma condição econômica melhor deixou de vir, tá...”
(Trecho de entrevista com Morador do setor 03 desde a década de 1980).

Sobre os mochileiros, um dos entrevistados, dono de uma pousada conta que este público não é tão comum mais no distrito. Estas pessoas, que procuram um local com características de vilarejo, de roça, procuram outros locais mais afastados, com menos estruturas urbanas e com o movimento menor.

“Na minha opinião o turista com o perfil que gosta de fazer uma caminhada, curtir natureza, este está diminuído. Agora tem vindo mais casais que querem passar o final de semana fora de BH. 30 a 40% não vão à cachoeira mais. Ficam na piscina, dão uma voltinha rápida, comem alguma coisa, saem à noite. Vão à cachoeira, mas ficam pouco tempo lá. Ele vem pra sair de BH, pela proximidade. E assim, poderiam ir pra outro lugar também. Acho que isso vai existir por muito tempo, por que as pessoas não aguentam ficar em BH, então vempra cá como válvula de escape. O poder aquisitivo das pessoas está aumentando” (Morador do setor 05 desde 2010).

Atualmente, com o comércio mais desenvolvido, principalmente o de atendimento aos turistas, o que os atrai não são apenas as áreas naturais. Alguns entrevistados contaram que gostam de frequentar a Serra do Cipó por ter tanto opções de cachoeiras, quanto opções de lazer à noite, com bares, música ao vivo.

Os moradores ficam divididos em relação ao que acham sobre o turismo. Sessenta e quatro moradores foram questionados se sentem beneficiados com o turismo na Serra do Cipó. Destes, 64,7% (35 pessoas) contaram que se sentem beneficiados, já que foi a partir do turismo que a estrutura do distrito melhorou e que a prestação de serviços que atende o turismo é a principal atividade econômica do distrito. As pessoas que não se sentem beneficiadas (24 pessoas, ou seja, 37,5%), relatam que com turismo “acabou o sossego”, as

drogas apareceram e a violência aumentou. Cinco pessoas, porém comentam que justamente por ser uma cidade turística o distrito deveria oferecer infraestrutura básica melhor, como um melhor posto de saúde, coleta de lixo em todo o distrito, e por isso consideram que o turismo trás benefício apenas no sentido que oferecer trabalho às pessoas. Um dos moradores entrevistados relata o que pensa sobre o assunto:

“Tem um lado... Tem um lado meu que é comercial, então, por exemplo, eu dependo também do turismo. Porque eu vendo produtos pra comércio. Se o comércio tá bombando, é bom pra mim. Agora, no geral, eu acho que o turismo da Serra degrada muito e... Ele é mais violento pro ambiente... No geral eu acho que o custo X benefício é ruim pra Serra. Mas interfere na minha vida sim, nesta esfera comercial sou sim. É difícil aliar isso. Porque eu também vejo muita coisa ruim também. Cê vai no rio, cê vê turista jogando, fazendo cocô, fazendo tudo na beira do rio. Cê vai num lugar desses depois do feriado, tá tudo sujo. Tá detonado. A invasão descontrolada” (Morador do setor 05 desde 2000).

Percebe-se que os desafios em relação ao turismo são vários com: a proximidade em relação à capital mineira, a educação do turistas e questões que são inerentes à ocupação humana como a questão dos resíduos sanitário e sólidos.

Outra questão a ser trabalhada no distrito é a forma com que os moradores e empreendedores lidam com o turista. Pelo relato das pessoas, o turismo é visto como uma fonte de renda. E isso explica a forma com que as pessoas que atuam com o turismo se relacionam entre si e com o turista, que reflete também nos preços cobrados, por exemplo, para se visitar uma cachoeira particular. Estas são reclamações constantes tanto dos moradores, que relatam que os empresários da Serra do Cipó não se unem e dos turistas que reclamam ter que pagar vinte e cinco reais para entrar em uma cachoeira que não tem nem mesmo sanitários. Os Conselhos Municipais CODEMA e COMTUR discutem constantemente questões como a criação de regras para a definição da capacidade suporte e a segurança nos atrativos, a questão dos

resíduos. Estas questões podem ser melhoradas com ações da prefeitura, por exemplo. A grande dificuldade que é colocada pelo poder público é o fato do município não ter um fiscal, falta clareza na legislação, sendo esta também insuficiente.

4.3. Relação das Pessoas com as Áreas Naturais

Para compreender a relação das pessoas com as áreas naturais, as respostas relacionadas às seguintes perguntas foram analisadas em conjunto: a)Quais áreas naturais você conhece na Serra do Cipó?; b) Com que frequência você visita essas áreas? c) O que essas áreas naturais representam para você?; d) O que você mais gosta nas áreas naturais?; e) O que mais incomoda nas áreas naturais?; f) Utiliza algum elemento do Cerrado da Serra do Cipó?; f) Como você gostaria de ver as áreas naturais da Serra do Cipó no futuro?

O resultado desta análise de agrupamento (Figura 13) mostra que os Turistas 01 (grupo 7) estão separados do grupo de Turistas 02 (grupo 8) e ambos estão separados dos Moradores (outros grupos). O único morador que está inserido no grupo 7 é uma pessoa (indivíduo 78) que mora na Serra do Cipó há menos de 6 meses. Um Turista 02 ficou isolado no grupo 11 na análise de agrupamento. Os outros grupos (1,2,3,4,5,6,9 e 10) são exclusivamente de Moradores.

Os Moradores que vivem nos mesmos setores permaneceram no mesmo grupo, o que indica que o local onde moram tem relação com a forma que se relacionam com as áreas naturais. Isto aconteceu nos grupos 1 e 2 formados exclusivamente por Moradores do setor 1; o grupo 3 que é exclusivamente de Moradores do setor 2; o grupo 4, formado por Moradores do setor 3; o grupo 5 que possui apenas Moradores do setor 5 e o grupo 6 que possui predominantemente Moradores do setor 6. Outro fator que se mostrou importante na relação das pessoas com as áreas naturais é o tempo em que vivem na Serra do Cipó. Os grupos 9 e 10 são formados por moradores de todos os setores, mas predominantemente aqueles que vivem na Serra do Cipó desde antes da década de 1980. As informações descritas aqui estão detalhadas no ANEXO D.

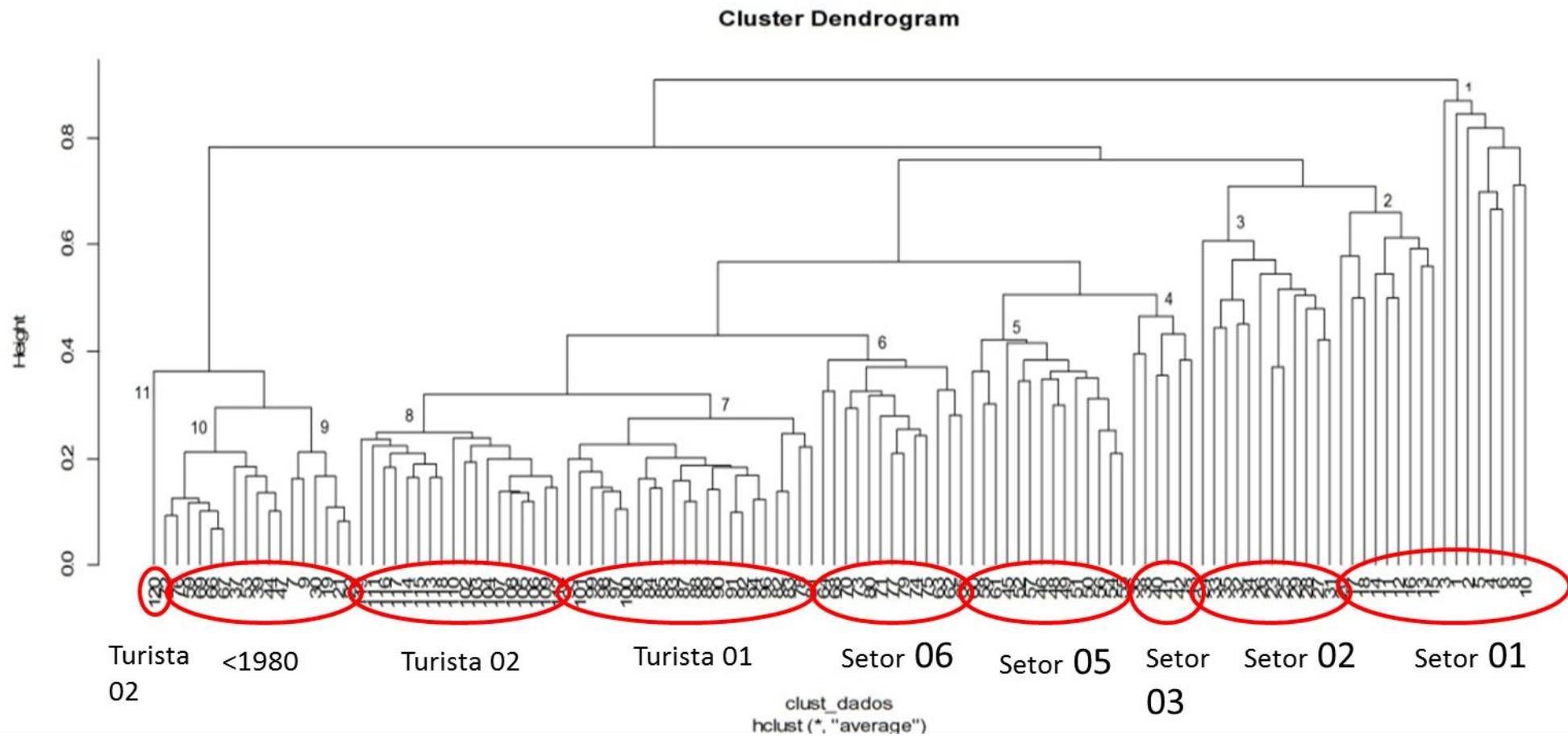


Figura 13: Resultado da análise de agrupamento sobre a relação das pessoas com as áreas naturais da Serra do Cipó. A identificação dos setores que cada indivíduo mora com o respectivo tempo em que vive na Serra do Cipó encontra-se no ANEXO D.

Observa-se na Tabela 13 que na maioria dos grupos, a proporção número de áreas por indivíduo e número de citações por indivíduo é similar. Porém, ao verificar as áreas mais citadas por estes grupos, percebe-se que estas são diferentes, indicando que o local (ou setor) onde as pessoas moram tem relação com as áreas que elas conhecem. Alguns grupos se destacam pela variação destes números. Os grupos 7 e 8 formados por Turistas 01 e 02 respectivamente, por exemplo apresentaram a média de áreas citadas por indivíduo e o número de citações por indivíduo bem inferior aos outros grupos. Além disso, são os únicos grupos que tiveram apenas a Cachoeira Grande como a área natural mais citada.

Tabela 13: Número de áreas naturais citadas e citações 'per se' e por indivíduo em cada grupo. Áreas naturais mais citadas por grupo.

Grupo	Nº de indivíduos	Nº de áreas citadas	Nº de citações	Nº de áreas/indivíduo	Nº de citações/indivíduo	Área(s) mais citada(s)
1	8	29	48	3,62	6	Retiro
2	9	31	65	3,44	7,22	Cachoeira Grande
3	12	43	78	3,58	6,5	Cardeal Mota, Chapéu do Sol, Juquinha, Rio Cipó, Varginha
4	6	27	39	5	6,5	Cachoeira da Capivara, Cachoeira Grande, Serra Morena
5	14	41	119	2,92	8,5	Cachoeira da Farofa
6	13	50	122	3,84	9,38	Cachoeira Grande, Retiro
7	22	28	83	1,27	3,77	Cachoeira Grande
8	18	46	149	2,55	8,27	Cachoeira Grande
9	6	120	720	20	120	São pessoas que conhecem toda a Serra do Cipó
10	11	120	1311	10,9	119,18	São pessoas que conhecem toda a Serra do Cipó
11	1	120	120	120	120	É dessas pessoas que conhece toda a Serra do Cipó

A Cachoeira Grande é considerada um cartão postal da Serra do Cipó. Localizada no Rio Cipó, está inserida na Reserva Particular de Proteção à Natureza Reserva da Cachoeira (RPPN) e é gerida pelo Zareias Empreendimentos. É bastante atrativa para os turistas tanto pela sua beleza cênica, por ser uma área com grande quantidade de água e, principalmente pela proximidade do asfalto. Para se chegar à Cachoeira Grande é preciso caminhar por aproximadamente 800 metros. A área gerida pelo Zareia Empreendimentos é um complexo de quedas d'água, onde estão as cachoeiras Grande, Chica, Lajeado e uma área localmente conhecida como "rela". Atualmente, existem algumas questões conflituosas relacionadas a esta área. Por ser uma área de acesso privado, é cobrada uma taxa de R\$25,00 (vinte e cinco reais) para entrar no local. Os turistas que visitam esta área reclamam, pois consideram este preço elevado para se aproveitar de um recurso natural, que todos deveriam ter o direito de aproveitar. Reclamam principalmente porque não visualizam estruturas e manutenção adequada na área. Não há banheiro e a área encontra-se constantemente suja com lixo deixado pelos turistas.

“Acho que o maior problema é que as cachoeiras são particulares, aí tem que pagar caro para entrar. Acho certo pagar, mas é muito caro. Fica restrito e é sem fundamento, por que não tem retorno para o lugar. O lixo também incomoda muito. O gado na beira do rio”. (Moradora do setor 06, desde 2010)

O responsável pelo empreendimento relata que não é cobrada a entrada dos moradores da Serra do Cipó. Porém há moradores que relatam que pagam para entrar na área do Zareias. Percebe-se, portanto, que se o morador for conhecido pelos funcionários do empreendimento ele não paga a entrada, caso ele não seja conhecido, paga. Os Turistas 02, por sua vez, por terem casa na Serra do Cipó, consideram-se no direito de não pagar a entrada de acesso à estas cachoeiras. A justificativa que utilizam é pelo fato de pagarem impostos, usufruírem do comércio local, assim como um morador. Esta confusão acontece, principalmente, por não estar claro para muitas pessoas que a área do Zareias, que inclui a Cachoeira Grande é privada. Muitos acham que esta é

uma área do Parque Nacional e isso se deve à mídia tanto escrita quanto televisiva. É comum encontrar matérias com imagens da Cachoeira Grande, como se fosse uma área do Parque Nacional da Serra do Cipó. O responsável pelo empreendimento relata que o controle da área é complicado, pois há um acesso paralelo, onde não é cobrada a entrada e, por isso proibido, porém muitos moradores e turistas que conhecem a região o acessam. Sempre que este acesso é cercado pessoas retiram a cerca e continuam passando pelo local.

Foram várias as reuniões do CODEMA, em 2012, em que a situação do Zareias foi discutida. A preocupação do Conselho é principalmente referente à não existência de banheiro na área, além da falta de controle em relação ao número de pessoas que entra no local. A prefeitura tenta definir uma regra que estabeleça a capacidade suporte dos atrativos turísticos, só que para esta definição existem várias metodologias, considerada uma limitação técnica por partes dos gestores tanto da área quanto públicos. A prefeitura então tenta simplificar esta definição através do número de sanitários. Exigiu-se que o responsável pelo empreendimento apresentasse um plano de gestão para os próximos anos, incluindo a construção de estruturas para receber os turistas. No final do ano, o responsável pela área foi substituído por outra pessoa da mesma família. E, no início do ano, com a nova gestão municipal houve também a troca do Secretário de Meio Ambiente e Turismo. Resumindo, muito foi discutido, porém a situação continua sendo a mesma.

Sobre a questão dos sanitários nos atrativos turísticos em áreas naturais na Serra do Cipó, esta é uma questão delicada, pois a maioria destes locais não apresenta esta estrutura. Quando os responsáveis pelas áreas privadas são cobrados para a realização desta estrutura, pela prefeitura, obtém a resposta de que nem mesmo nos atrativos dentro do Parque Nacional há sanitários.

Observa-se que os grupos 9, 10 e 11, que apresentam-se separados dos outros grupos, são formados por pessoas que conhecem toda a Serra do Cipó. As pessoas destes grupos são predominantemente pessoas que vivem ou conhecem a Serra do Cipó desde antes da década de 1980, sendo algumas nascidas no alto da Serra, em áreas onde hoje é o Parque Nacional. Além

disso, são pessoas que fazem travessias, algumas possuem fortes costumes de sertanejos, criam gado, plantam, vendem produtos agropecuários (leite, queijo, alugam cavalo).

“Tem algum lugar que cê num conhece aqui? Resposta: Da onde? Pergunto: Daqui da Serra do Cipó? Resposta: Ah nega, eu acho que num tem não, né. A gente já andô tudo aí. Pergunto: Eu sei que das áreas naturais, do parque cê conhece tudo... E fora do Parque? Resposta: Do parque, no entorno dele...Pergunto: O alto da Serra, fora do Parque, o rio... o morro da Pedreira...Resposta: Uai, isso aí é o redor. Vô falá, o redor do parque aqui, uns 30 km, eu conheço tudo envolta. Mato, de andá.Conheço bastante cachoeira aí. O negócio da gente conhecê as coisa, igual isso aqui. A gente tá nessa Serra. Ah, eu conheço essa Serra! Eu conheço bandirinha, conheço nos currais, conheço tudo. Uai, às veze já passo, mas se dá a noite num sai de lá. E eu, qualquer hora da noite que soltá eu aí, eu vô embora.” (Morador do setor 04 desde antes de 1980)

A lista das dez áreas naturais mais citadas como conhecidas pelos entrevistados está ilustrada na Figura 14. Destas dez áreas, apenas três encontram-se na área do Parque Nacional da Serra do Cipó. As outras áreas são privadas e estão localizadas dentro da APA Morro da Pedreira.

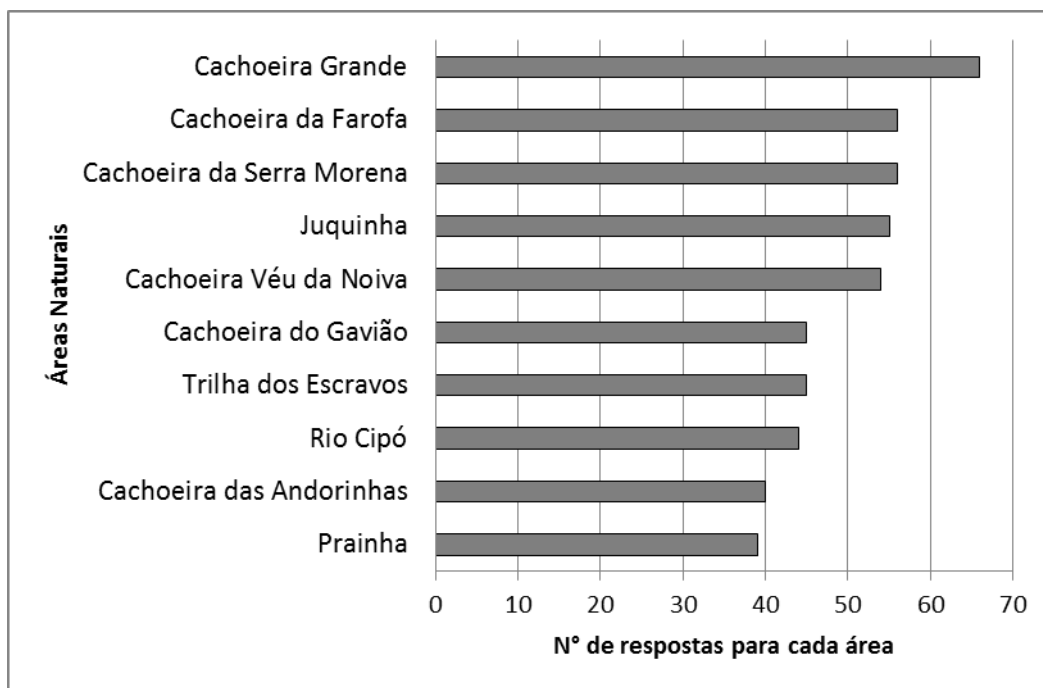


Figura 14: As dez áreas naturais mais citadas pelos entrevistados ao serem questionados quais áreas naturais conheciam.

Apesar de não ter sido uma das áreas mais citadas entre os grupos analisados, um local com muitos conflitos é a Prainha. Muito conhecida por turistas e moradores, a Prainha está localizada na margem direita do rio Cipó, à montante da Cachoeira Grande e na mesma RPPN, porém não é gerida pelo Zareias. Existe um acesso por trilha, até o rio Cipó, e não há controle algum de entrada. Sendo assim, não se sabe ao certo quantas pessoas visitam esta área, mas sabe-se que as pessoas vão, fazem churrasco, acampam, não há sanitários e são muitas as reclamações dos moradores em relação ao volume de lixo encontrado na Prainha após os finais de semana e feriados. Vários mutirões de limpeza já foram realizados no local, sendo esta apenas uma medida pontual que não soluciona o problema. Outra questão grave e frequente na prainha são os afogamentos. Apesar de ser um local em que não há quedas d'água, e o rio é calmo, muitas pessoas já faleceram neste local. O ICMBio já interviu neste local algumas vezes, fechando-o. Porém, no início de 2012, em uma das reuniões do CODEMA e do COMTUR cuja pauta eram as preparações para o carnaval, o ICMBio se posicionou afirmando que não era de sua responsabilidade atuar naquela área, já que se tratava de uma área particular, o mesmo foi colocado pela Polícia Militar. O dono da área, por sua

vez não se pronunciou. A prefeitura colocou faixas comunicando aos turistas e moradores que a entrada na Prainha estaria proibida. Infelizmente, a solução sugerida pelo CODEMA e COMTUR para resolver os conflitos nas áreas naturais é a proibição do acesso.

Mais uma vez, um reflexo do que Diegues (2001) denomina de o “mito da natureza intocada”, em que se defende que para proteger uma área natural é necessária a retirada do ser humano. Está internalizado nas pessoas e o fechamento de áreas naturais é colocado como solução para problemas de uso, como foi citado para solucionar os casos da prainha e da mãe d’água. A falta de medidas preventivas e o manejo adequado causou a necessidade real de fechamento de algumas áreas como o Poço Azul (dentro do Parque) e uma das entradas da Cachoeira Grande. Em algumas áreas ações de manejo já foram realizadas, com intuito não de proibir, mas de regularizar e controlar o uso de alguns atrativos, como foi o caso da Serra Morena e Zareia. Estas áreas foram cercadas e hoje é cobrada entrada. Para estas áreas, o novo conflito é o preço considerado por muitos entrevistados como abusivo.

Em relação à frequência com que os entrevistados visitam as áreas naturais, a maioria das pessoas as visitam mais que uma vez por mês (Tabela 14). Até porque a existência destas áreas naturais na Serra do Cipó é o motivo pelo qual muitas pessoas moram e visitam este lugar. Além disso, há pessoas que vivem na zona rural e passam nas áreas naturais para realizar atividades cotidianas, como campear ou pegar lenha.

Tabela 14: Porcentagem de respostas por grupo à pergunta: Com que frequência você visita essas áreas? Fa = 1 vez por mês ou mais; Fb= De 2 ou 3 vezes por ano; Fc= 1 vez por ano; Fd = menos que 1 vez por ano ou é a primeira vez que visita a Serra do Cipó.

Grupo	Nº de indivíduos	Fa (%)	Fb (%)	Fc (%)	Fd (%)
1	8	37.5	25	0	37,5
2	9	33,3	33,3	0	33,3
3	12	66.6	8,3	8,3	16,6
4	6	0	0	50	50
5	14	71.4	21,4	0	7,1
6	13	76.9	7,7	7,7	7,7
7	22	9,1	31,8	27,3	31,8
8	18	72.2	22,2	5,6	0
9	6	100	0	0	0
10	11	63.6	18,2	0	18,2
11	1	0	100	0	0

Ao serem questionados sobre o que as áreas naturais representam em suas vidas, os entrevistados apresentaram diversas respostas (Tabela 15).

Tabela 15: Porcentagem de respostas por grupo à pergunta ‘O que as áreas naturais da Serra do Cipó representam para você?’

G r u p o	N º d e I n d i v i d u o s	% das citações															
		Beleza	Natureza	Boas sensações	Não representam nada	Lembranças do passado	A Vida	Espiritualidade	Lazer, descanso	O Mineiro	Patrimônio da Humanidade	Exploração Turística	A Serra do Cipó	Algo que tem que ser cuidado	Dependência do humano pelos Recursos Naturais	Objeto de Pesquisa	A diferença entre biomas
1	8	0	25	37.5	0	37.5	0	0	0	0	0	0	12.5	0	0	0	0
2	9	22.2	22.2	22.2	0	22.2	0	0	11.1	0	11.1	22.2	0	0	0	0	0
3	12	8.3	16.7	25.0	25.0	16.7	0	0	0	0	0	0	0	16.7	25.0	0	0
4	6	50.0	25.0	25.0	25.0	0	0	0	0	0	0	0	0	25.0	25.0	0	25.0
5	14	0.0	7.1	14.3	21.4	28.6	0	0	7.1	0	0	21.4	7.1	0	0	0	0
6	13	7.7	23.1	46.2	0	7.7	15.4	0	15.4	0	0	0	0	15.4	0	0	0
7	22	9.1	40.9	22.7	4.5	13.6	0	0	22.7	4.5	4.5	4.5	0	4.5	0	4.5	0
8	18	28.6	21.4	50.0	14.3	7.1	21.4	14.3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9	6	0	0	0	16.7	50.0	0	0	0	0	0	0	0	16.7	16.7	0	0
10	11	18.2	27.3	36.4	0	27.3	0	0	0	0	0	27.3	0	18.2	9.1	9.1	0
11	1	0	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Destaca-se o fato de que os grupos que apresentaram a resposta “Lembranças do Passado” (grupos 1,2,5 e 9), são justamente os grupos formados por pessoas que vivem na área urbana do distrito e que vivem na Serra do Cipó desde antes da década de 1990. Algumas pessoas que vivem na zona rural já respondem de forma diferente, sem romantismo, principalmente devido às dificuldades do dia a dia.

“É cês acham aqui bonito porque não tem costume, né? A gente que mora aí, já infarô. Eu não acho muito bonito não. Vai indo ocê enjoa. Porque é longe procê buscá uma coisa de comida, tudo quanto há dá mais dificuldade. É não é muito boa coisa não. Não acho muito bonito não. Quem vem de fora acha, mas agente que mora aí, já acostumô demais ai enjoa, enjoa. Nós tão querendo mudar lá pra baixo, porque vai indo vai indo e a gente... Na hora que nós vende esse trem, esse terreno aqui nós tão querendo descer lá pra baixo.” (Moradora do setor 02 desde antes de 1980)

A água e a vegetação foram consideradas os fatores que as pessoas mais gostam das áreas naturais da Serra do Cipó (Figura 15). A água foi o fator mais citados entre os grupos de Turistas 01 e 02 e entre moradores da zona urbana (1,2 e 5). Os moradores da zona rural (grupo 3) assim como grupos formados por moradores da zona urbana, mas que nasceram na zona rural antes de 1980 (9 e 10) citaram a vegetação como fatores que mais gostam das áreas naturais. As montanhas foram o elemento mais citado pelo grupo que mora no alto da Serra (grupo 4) e também pelos Turistas 01(para este grupo juntamente com a água). As informações completas estão tabeladas no ANEXO E.

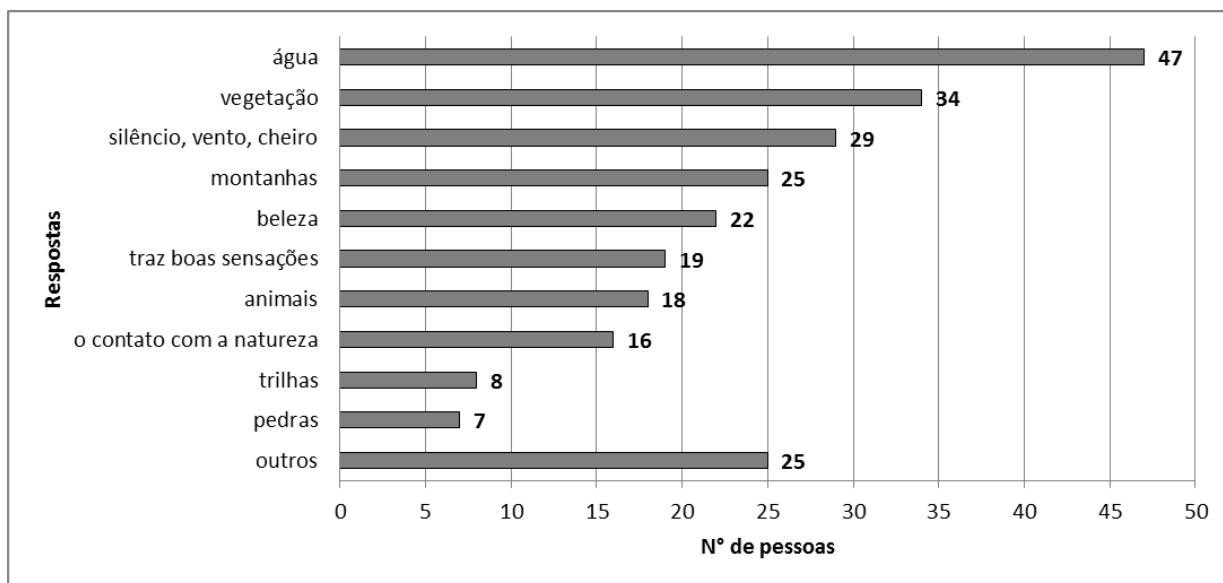


Figura 15: As dez respostas mais citadas e os respectivos número de entrevistados ao serem questionados sobre o que gostam nas áreas naturais da Serra do Cipó.

Foi perguntado aos entrevistados o que mais os incomodam nas áreas naturais e a maioria das pessoas respondeu que é a presença de lixo (Figura 16). Esta resposta foi a mais citada pelos grupos formados por Moradores da zona urbana (grupos 2,5 e 6) e Turistas (grupos 7 e 8). No ANEXO F é possível observar que alguns grupos apresentaram como uma das respostas mais citadas o fato de não haver “nada que incomoda”. As pessoas que não se incomodam com nada são as pessoas que moram na zona rural, em locais onde ainda não há interferências diretas do turismo, presente nos grupos 3, 4, 9 e 10. É interessante perceber que foram estes (3, 4, 9 e 10) grupos que também citaram a presença de “animais peçonhentos” como fatores que incomodam nas áreas naturais. São pessoas que vivem na zona rural e foram atacados por estes animais.

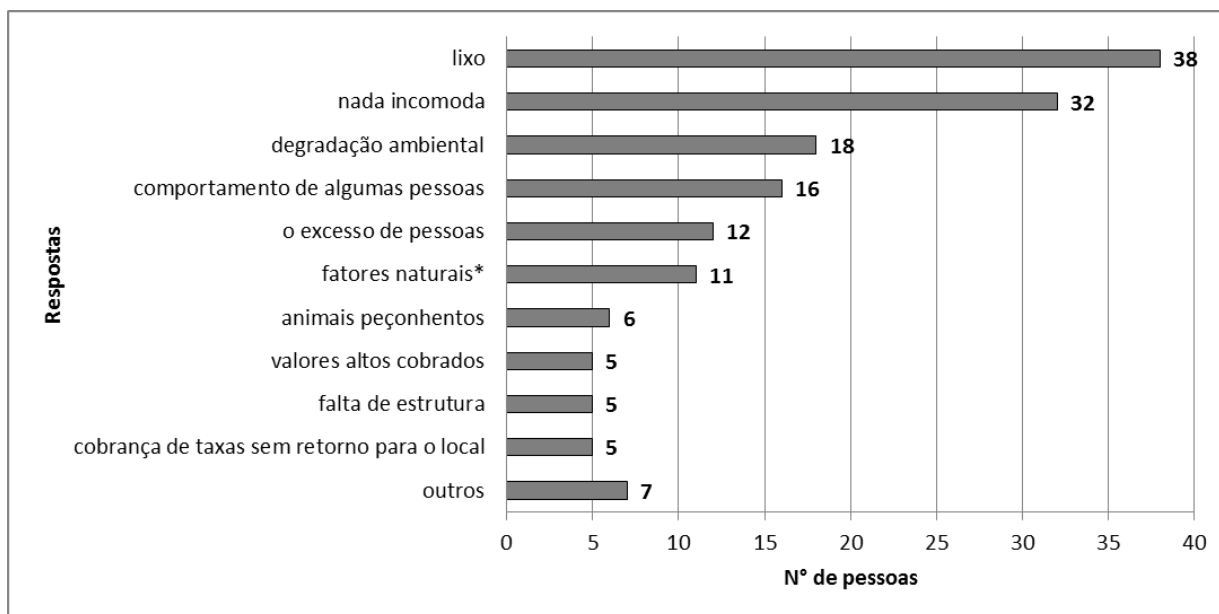


Figura 16: O número de pessoas que respondeu à pergunta: O mais incomoda nas áreas naturais? *fatores naturais citados: chuva, pernilongo, carrapato.

Ao serem questionados sobre os elementos que utilizam do cerrado da Serra do Cipó, todos os grupos apresentaram respostas. A grande maioria das respostas foi referente às espécies vegetais. Ainda assim, alguns elementos como terra, água e paisagem também foram citados. É importante ressaltar que a análise das respostas foi feita de acordo com o que as pessoas comentaram, sendo assim necessária uma análise botânica, inclusive para averiguar se as espécies citadas são ou não nativas. A indicação da manga como uma fruta do cerrado, por exemplo, ocorreu em todos os grupos, sendo esta uma espécie asiática. Ao serem questionados pelos elementos do cerrado, os moradores explicaram que diferenciam as espécies “de mato”, que são as nativas e as “plantadas” ou “de quintal”.

O grupo que apresentou o maior número de citações e de elementos citados foi o 3, formado por moradores do setor 4 (Tabela 16). Este setor está localizado na zona rural do distrito, incluindo áreas do alto da serra como Campo Redondo e Vau da Lagoa, mas também pelos vilarejos Usina, Picador, Pequi, Sucupira, Mato Grande e margem direita da comunidade do Berto. Estes vilarejos chamam a atenção pelas vastas áreas de cerrado em bom estado de conservação. Foram áreas onde já foram realizadas atividades agrícolas, houve extração de madeira e queima constante das áreas, mas nos últimos

anos foi possível perceber a regeneração da vegetação. A saída dos moradores jovens aconteceu nestes vilarejos e as pessoas mais velhas que permaneceram nestes lugares continuam com as práticas de uso dos elementos do Cerrado.

A flor de macela foi citada apenas no grupo 4, dos moradores do alto da serra, onde esta espécie ocorre (Tabela 16). Na região do Campo Redondo, no alto da serra, porém na vertente leste, as pessoas se relacionam tanto com espécies de campos rupestres quanto de mata atlântica. Um dos entrevistados que mora no Campo Redondo, ao ser questionado se tem fruta boa onde ele mora, responde que não e explica que as frutas boas ocorrem no cerrado (sertão):

“Pergunto: Não tem outra fruta boa aqui não? Resposta: não, não. Pergunto: Nem na beira do córrego? Resposta: Nem na beirada do córrego. Só o Ingá mesmo. Igual, clima de sertão já tem outras frutas, né. No sertão. clima de sertão. Clima de Sertão é um e de Serra é otro. O clima de Sertão as árvores não cresce, é tudo torta. E o clima de Serra, aqui, as árvores da mata elas cresce assim. Elas cresce quase igual eucalipto, elas alinha tudo. Aqui é de Serra, cresce. E o de Sertão, igual lá em Cardeal Mota já é de Sertão. Cê pode olhá naqueles cerrado lá as árvore tudo baxinha. Alí já dá mais fruta de aproveitá. Dá o pequi, tem o jatobá, gabioba.” (Morador do setor 02 desde antes de 1980)

Ao falar das espécies que ocorreu na região onde mora, fala do indaiá, palmeira típica da mata atlântica. Conta que, quando criança, trançava fibra de indaiá com sua mãe para fazer chapéu de palha. Este chapéu de palha é um artesanato típico de Morro do Pilar (município vizinho). O morador conta como que sua mãe fazia:

“Pega aquela palha, enrola ela e põe pra cozinhá. Numa vazia água, ela cozinha.

Pergunto: Pega o meio do indaiá, não é a fibra da folha não?

Entrevistado: é, é... É uma folha comprida, eles tiram aquilo. E pega ela, enrola ela e marra com aquele negócio mesmo que eles tiram, aquele pau eles tiram aquilo, pra num desenrolá né. E põe pra cozinhá, numa vazia cheia d'água, e cozinha. Desposi que ela cozinha aí agora cê vai o põe no sol. Aí ela crareia e enrola toda. Depois que tivé enrolado, cê vai e põe no sereno. Aí ela abre. Aí cê vai costurá, tem o lugar de rachá ela. Racha ela fininha pra trançá. É aí depois que trança ela, aí agora vai trançando ela. Depois que trança ela, agora, aquelas ponta que fica, cê tira as ponta toda, aí cê vai, tem um jeitosim de passá ela pra ela ficá certim, e depois que passa num gem aí que cê vai costurar ela. Aí formô o chapéu. E depois tem a forma procê concertá ele.

Pergunto: Nossa, mas então são quantos dias pra fazê, um chapéu desse?

Entrevistado: O negócio é o seguinte... demora...pra trançá uma trança dessa o nego deve trançá uns 2 dias sem pará. Mamãe trançava isso, eu tranço.

Pergunto: o senhor trança? Mas parou de fazê o chapéu?

Entrevistado: Porque de noite, mamãe ia mexê com trança, aí...

Pergunto: Ah! O senhor ajudava a sua mãe.

Entrevistado: É, é. Então, mamãe, não sabia andá sem a trança não. Se ela andasse sem a trança, ela caia, ela trupicava. O dedo dela era tudo torno de trançá. Ela tava conversando com cê e com a trança debaixo do braço. E o chapéu o mesmo jeito, ela tinha aquele tato. Na hora que uma paia ia acabando ela colocava a outra. Na hora que acaba uma paia, cê imenda a outra. Imenda ela mas não é de nó não, cê parecia ela e anda pra frente.

Pergunto: E por aqui tem indaiá?

Entrevistado: Tem, tem, do outro lado da estrada tem alí. Cê já desceu pra Morro do Pilar? Cê já viu aquele coco, que dá

aquele trem bonito balançando aquele trem? Cê já viu aquele trem? Cê chega fica fazendo até barulho.

Respondo: Sei, é bonito demais, né.

Entrevistado: É, aquilo ali. No lado de lá da estrada tem."

(Trecho de entrevista com Morador do setor 02 desde antes de 1980)

Observa-se também que a porcentagem de pessoas que cita que não utiliza elementos do cerrado é maior apenas no grupo 7, formado por Turistas 01 (Tabela 16). Este também é o grupo com menor número de itens utilizados, seguido do grupo formado por Turistas 02 (grupo 8). Isso se deve pelo fato dos Turistas 01 de fato não conhecerem as riquezas dos elementos do cerrado e o que realmente atrai este grupo para a região são as cachoeiras.

Tabela 16: Tabela explicativa sobre as respostas à pergunta 'Utiliza algum elemento do cerrado da Serra do Cipó? Caso sim, quais?'

Grupo	Nº de indivíduos	Nº de elementos citados	Nº de citações	Nº de elementos/ indivíduo	Nº de citações/ indivíduo	Elemento(s) mais citado(s)
1	8	16	33	2.0	4.1	Pequi e Mangaba
2	9	19	43	2.1	4.8	Pequi
3	12	60	110	5.0	9.2	Pequi
4	6	20	30	3.3	5.0	Macela
5	14	34	59	2.4	4.2	Araticum
6	13	34	80	2.6	6.2	Pequi
7	22	17	32	0.8	1.5	A maioria das pessoas não utilizam elementos. Os mais citados são Boldo e Pequi (empate)
8	18	27	62	1.5	3.4	Pequi
9	6	31	38	5.2	6.3	Lenha
10	11	31	63	2.8	5.7	Pequi
11	1	3	3	3.0	3.0	Gabirola

O pequi, o araticum, a mangaba e a cagaita foram as frutas mais citadas pelos entrevistados (Figura 17). Todas elas são frutas típicas do Cerrado e com grande potencial de uso na culinária local. Muitas pessoas utilizam o pequi para fazerem as receitas de arroz com pequi e frango com pequi, por exemplo. O suco de cagaita foi outra receita citada, principalmente por donos de pousadas que servem para os seus hóspedes. É possível perceber que há um potencial de uso das frutas locais para consumo entre moradores e Turistas.

A lenha é também outro elemento bastante utilizado entre os entrevistados (Figura 17). Aquelas pessoas que responderam que compram lenha não entraram nesta contabilidade, sendo este o resultado do número de pessoas que contaram pegar lenha “no mato”. O uso do fogão a lenha é típico não apenas na região, mas em todo o estado de Minas Gerais. As pessoas que não compram lenha e usam mais o fogão à lenha do que o a gás alegam que não tem renda suficiente para realizar tais compras. Além disso, moram em áreas distantes da zona urbana e a questão do transporte é um fator limitante para muitos. Os moradores que retiram lenha da vegetação nativa explicam que levam apenas galhos secos e vegetação morta. Como a derrubada de árvore sem autorização do órgão ambiental é um ato proibido, pode acontecer de pessoas retirarem lenha de vegetação nativa viva e não relatarem. Além disso, em algumas áreas do distrito há afloramentos de calcário como o complexo do Morro da Pedreira, que aparece, por exemplo, entre a Usina e o Picador. Na estação seca, muitas árvores ficam com aspecto de mortas, porém não estão. A retirada desta vegetação impacta esta vegetação decídua conhecida como Mata Seca.

Os moradores do alto da serra, por sua vez, explicam não ter lenha de vegetação nativa com tanta abundância e, devido à proibição do “IBAMA” em relação à retirada da lenha, alguns têm plantado em frente às suas casas dois ou três pés de eucalipto e contam que destas árvores retiram lenha.

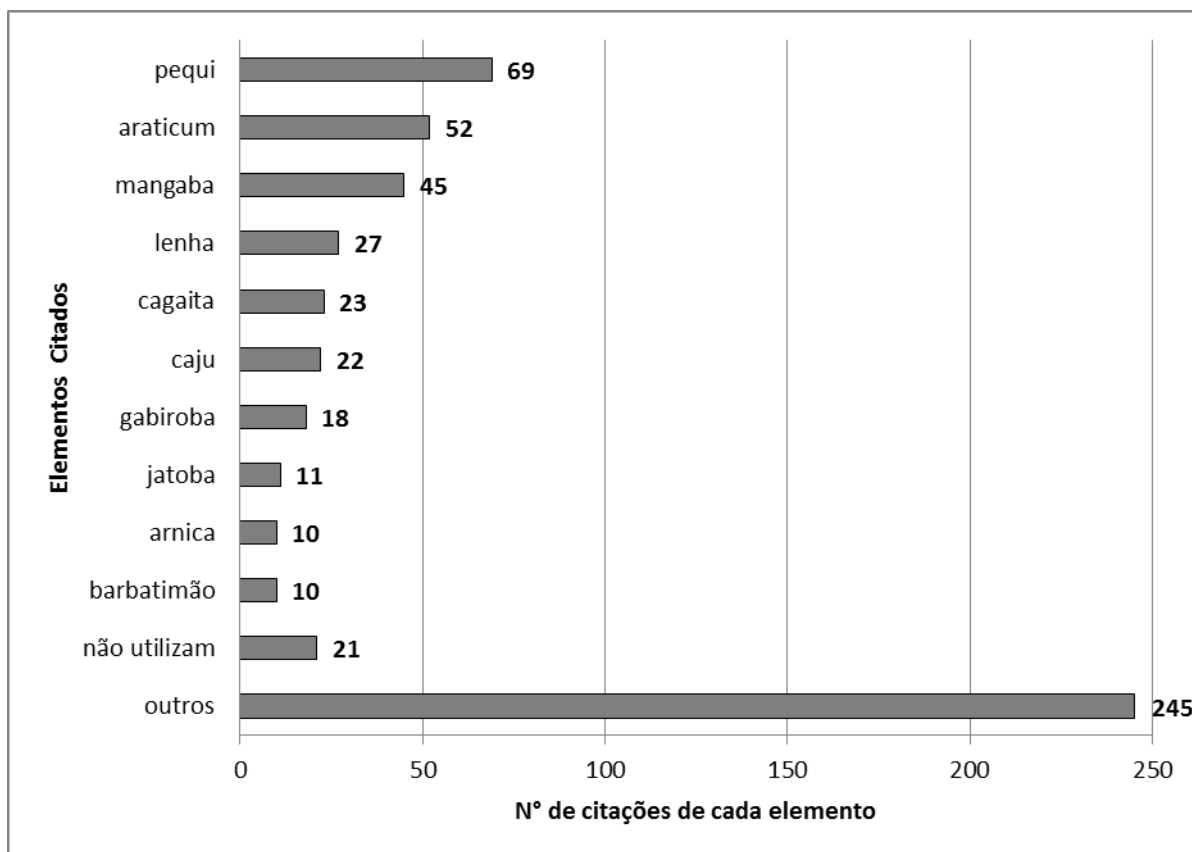


Figura 17: Utiliza algum elemento do cerrado da Serra do Cipó? Caso sim, qual?

Outra pergunta feita aos entrevistados foi como que eles gostariam de ver as áreas naturais da Serra do Cipó no futuro. Mais da metade dos entrevistados responderam que gostariam de ver as áreas mais conservadas do que estão (Figura 18). Isto é um alerta às autoridades, aos empresários e a todos que frequentam a Serra do Cipó, pois mostra de certa forma a insatisfação em relação à falta de cuidado, ou manejo destas áreas. As pessoas que responderam que gostariam de ver as áreas naturais como antigamente são moradores da Serra do Cipó desde antes da década de 1980 e gostariam de ver as plantações que haviam e as pessoas morando no Retiro novamente. As informações completas estão anexadas no ANEXO G.

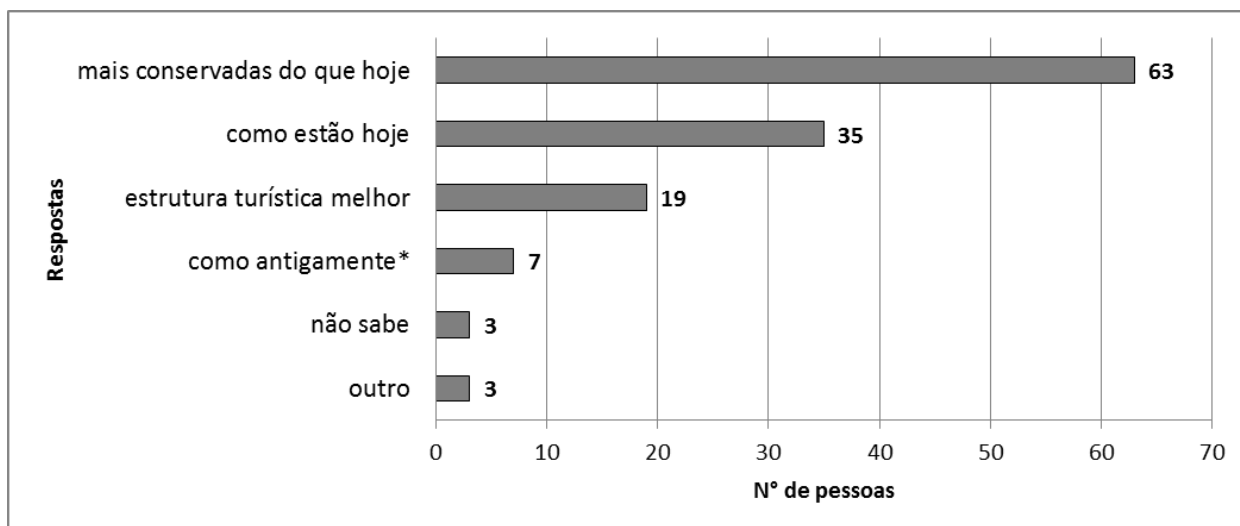


Figura 18: Respostas mais citadas à pergunta “Como você gostaria de ver as áreas naturais no futuro?” *como antigamente, as pessoas que responderam assim é porque gostariam de ver as pessoas plantando novamente, as pessoas morando no Retiro de novamente.

Outras perguntas foram feitas a alguns entrevistados. Por não terem sido feitas para todos eles, não foram utilizadas para a análise de agrupamento. Como fornecem informações relevantes, o resultado também será descrito.

A pergunta “qual animal as pessoas já tinham avistado na Serra do Cipó” foi realizada para os 60 moradores. Os dez animais mais citados pelos moradores e pelos turistas estão apresentados na Figura 19 (a, b e c, respectivamente). Ao todo, entre os moradores, foram 467 citações, ou seja, uma média de 7,7 citações por pessoa. Foram 93 animais citados, uma média de 1,55 animais citados por cada pessoa.

Para os sete Turistas 01 questionados sobre os animais que já visualizaram, houve 17 citações, uma média de 2,42 citações por pessoa. Foram 13 animais citados pelos Turistas 01, uma média de 1,85 espécies citadas por pessoa.

Entre os 19 Turistas 02 questionados foram apresentadas 111 citações, uma média de 5,84 citações por pessoa. Ao todo, foram 50 animais citados pelos Turistas 02, uma média de 2,63 espécies citadas por pessoa, número este maior até em relação aos moradores.

Percebe-se, com estes números que os moradores tiveram maiores oportunidades de avistar os mamíferos da região, o que é normal. É

interessante perceber que os Turistas 02 citam também grupos de invertebrados, o que não acontece com os moradores nem Turistas 01.

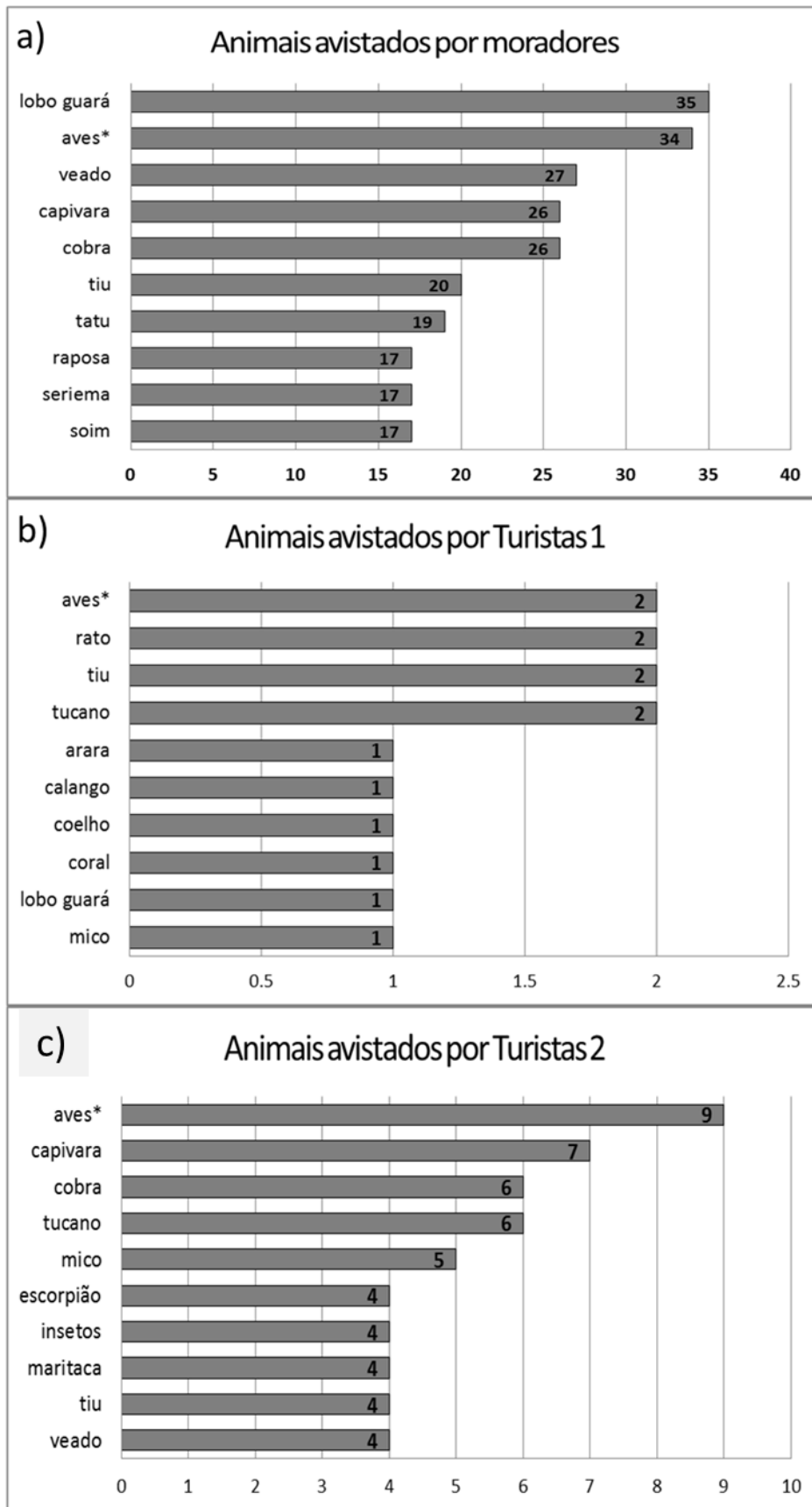


Figura 19: Número de: a) Moradores; b) Turistas 01 e; c) Turistas 02 que avistaram animais da Serra do Cipó. *aves contam com passarinhos e pássaros

Tanto os Moradores (Figura 20a) quanto os Turistas 02 (Figura 20b) também têm conhecimento sobre os peixes que ocorrem na região. Apenas quatro Turistas 01 relataram que sabem que ocorre “piaba” ou “lambari” nos cursos d’água da Serra do Cipó. Os moradores têm mais conhecimento sobre as espécies de peixe que ocorrem na Serra do Cipó do que os turistas.

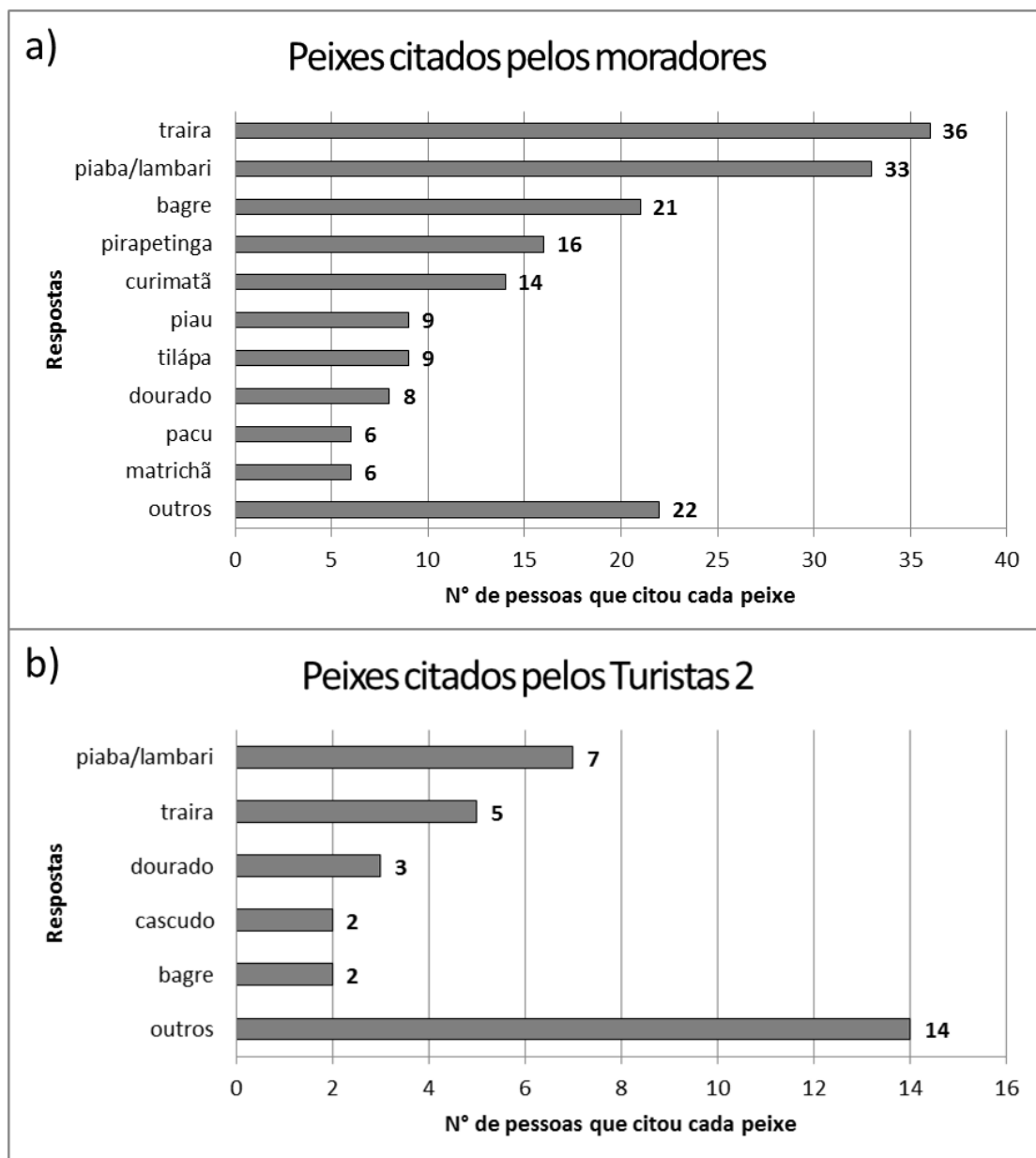


Figura 20: Nomes de peixes mais citados pelos: a) Moradores e; b) Turistas 02 e o respectivo número de pessoas que citou cada uma das espécies.

Além de saberem em quais cursos d'água cada espécie está presente os moradores sabem em quais locais do curso d'água elas ocorrem. Há uma diferença nas áreas de ocorrência de peixes principalmente no Rio Cipó: montante da Cachoeira Grande suas águas são tipicamente lênticas e a jusante, lóticos. Para explicar a ocorrência das espécies de peixes no Rio Cipó, o morador usou a ponte que passa por cima do rio Cipó, que fica a poucos metros da Cachoeira Grande, como referência:

“Ah, tem muita qualidade de peixe aí, nó... Nosso aqui né, que conta é da ponte (do rio cipó) pra cima... Ah, tem sarapó, bagre, traíra, piaba, pirapitinga, tem uns bobozim timburé, agora tem uns pintadinho, que num larga os outro né...Anda em manadinha, mínimo que eles anda é de 5, 10. Onde um vai e para os outro vai lá e pará, anda em manadinha igual piaba. Só que o nome deles mesmo é tombatelo. Agora aí da ponte pra baixo tem mais qualidade né, mas aí num sobe não...tem pacu, Matrinchã, curumatã, piau.” (Morador do setor 04 desde antes de 1980)

Das 33 pessoas que afirmam já ter se alimentado de carne de caça na Serra do Cipó, 30 são moradores e 3 são Turistas 02. Os Turistas 02 afirmam que se alimentaram de carne de caça na casa de amigos que são moradores locais.

Entre os 30 moradores que afirmaram já ter comido carne de caça, citaram 31 espécies de animais. As mais citadas estão apresentadas na Figura 21. Os animais são: verdadeira (ave), tatu e paca foram os animais da fauna local que cada um dos três Turistas 02 se alimentaram.

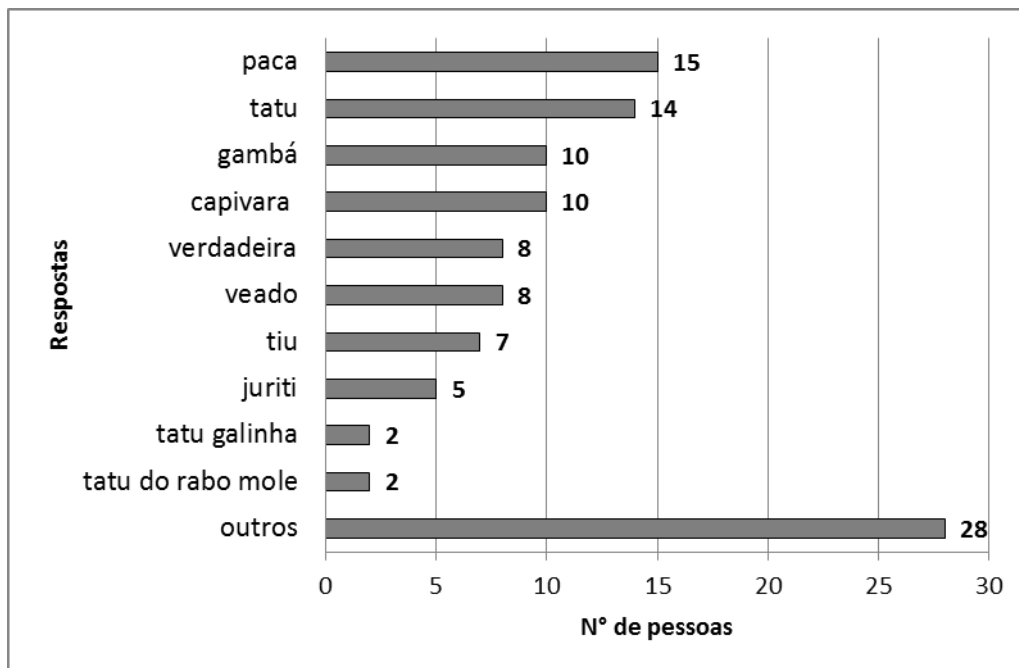


Figura 21: Animais que já foram consumidos pelos moradores da Serra do Cipó.

Entre todos os entrevistados, 6 contaram que já caçaram no passado. Todos são Moradores do sexo masculino desde antes da década de 1980 e relatam que esta prática parou na região após a chegada do “IBAMA”. A partir da proibição do órgão ambiental, as pessoas foram deixando de ter costume de comer carne de caça e hoje, muitos acham este costume estranho:

“Pergunto: Tem outro bicho que cê já comeu?”

Entrevistado: Ai, nossa... não. Não lembro. Mais era passarinho, paca eu tenho certeza que eu já comi, que eu lembro.

Pergunto: E num come mais?

Entrevistado: Ah não. Num dá, num desse. Nossa, num dá, dá dó. Hoje em dia dá dó. Cê vê os bichim tadim. Nó, num dá. Só se eu comê enganada. Falá assim, coma essa carne e come.”

(Trecho de entrevista com Moradora do setor 01 desde a década de 1980)

Entre os 120 entrevistados, 15 relataram que conhecem pessoas que ainda caçam nos dias de hoje. Alguns por ser um complemento na alimentação

outras como entretenimento como é dito pelos moradores, “para entreter”. A caça mais comum ainda é a paca.

Diferentemente da caça, a pesca ainda está bastante presente no costume dos moradores e Turistas 02 da região e é, inclusive assumida com mais facilidade. Entre os moradores entrevistados, 20 afirmam que pescam. E entre aqueles que afirmam não pescar, 16 contam que já pescaram. Entre os Turistas 02, quatro contaram que pescam.

Entre os entrevistados, 49 afirmaram considerar que fazem alguma atividade voltada para a conservação ambiental da Serra do Cipó. As ações que estas pessoas realizam estão listadas na Tabela 17.

Foi possível perceber a diferença na relação que os moradores com idade acima de 50 anos tem com as áreas naturais, se comparado com os moradores com idade abaixo de 50 anos. As pessoas mais velhas são preocupadas com pessoas, se estas são boas ou ruins. Pensam e se preocupam com a saúde das pessoas. Na juventude, trabalhavam na roça e no momento de descanso ou lazer, faziam visitas a parentes e amigos. Não era comum as pessoas irem às cachoeiras e aproveitar as áreas naturais, já que estas faziam parte do cotidiano.

Além disso, estamos em uma época em que as questões ambientais são faladas na mídia, na escola e as belezas naturais são o principal motivo pelo qual os turistas estão na Serra do Cipó. O discurso de conservação ambiental está assimilado na fala dos mais jovens e nem sempre faz sentido para as pessoas mais velhas. Isto é ilustrado pela fala de um morador com idade acima de 50 anos ao ser questionado “O Sr. faz alguma atividade voltada pra conservação?”:

“Conservação, tipo de conserva? Conserva de fruta... não, não faço não...”

Após esta resposta a pergunta foi refeita com outras palavras.

“Agente fazi sim, porque a gente não deixa o fogo entrar na mata, né. Porque se tem um capim muito perigoso, cê espera a chuva vim, aí cê põe um fogo e apaga. (Faz aceiro).”

Pergunto: Tendo gado ou não, o senhor faz isso?

Entrevistado: é, tendo gado ou não, eu faço isso. Porque cê num pode dexá cabá com a natureza, né?”

Tabela 17: Lista das atividades de conservação e o respectivo número de Turistas 01, Turistas 02 e Moradores que as realizam.

Ação que realiza	Moradores	Turistas 01	Turistas 02	Total de pessoas/atividade
Coleta lixo nos atrativos ou áreas que visita	10	4	4	18
Conversa com as pessoas/realiza atividades de educação	11	1	2	14
Cumpre a lei/é educado: não desmata, não põe fogo, não joga lixo na rua	10	0	2	12
Planta mudas, recupera áreas	4	0	2	6
Separa o lixo para a coleta seletiva/faz composteira	5	0	0	5
É voluntário em ações como apaga fogo voluntariamente	4	0	1	5
Através envolvimento institucional	3	2	0	5
Faz aceiro, evita fogo	3	0	1	4
Leva o lixo para BH	1	0	2	3
Põe fogo nas áreas de tempos em tempos para não acumular mato	1	0	0	1
Não joga gordura na pia	0	0	1	1
Reaproveitamento da água	1	0	0	1
Tem aquecimento solar em casa	1	0	0	1

Percebeu-se com as informações como a questão do lixo é um ponto bastante observado e discutido entre moradores e turistas da Serra do Cipó. A sua presença é ao mesmo tempo o que mais incomoda as pessoas nas áreas naturais, foi a sua retirada a ação de conservação citada como a mais realizada entre os entrevistados. A questão dos resíduos sólidos também é discutida em todas as reuniões do CODEMA e do COMTUR. Em 2012, através do Fundo de Turismo (FUNTUR) foram implementadas lixeiras na zona urbana do distrito, que até então não havia. Sabe-se que este é um reflexo não apenas de uma necessidade local, mas de uma campanha nacional que teve em 2010 após a instituição da Política Nacional de Resíduos Sólidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“The world will continue to change and become less familiar to those that walked on it or wrote about it centuries ago.”

Ariel E. Lugo

As transformações do espaço são inevitáveis, já que a sociedade humana está em constante mudança. A história destas transformações é importante para a compreensão das relações das pessoas entre si, entre elas e as instituições atuantes em uma comunidade e entre elas e o meio onde vivem.

O levantamento de como as pessoas se relacionam com as áreas naturais é útil, na medida em que é necessária uma organização dessas informações para um futuro planejamento local. O entendimento sobre como as comunidades interpretam e valorizam os elementos do espaço é o início da garantia de que serão respeitados. Apenas assim será possível que a gestão territorial possa ser feita com equilíbrio de interesses, incluindo a proteção dos recursos naturais e o respeito à cultura das comunidades presentes.

Com este estudo, foi possível demonstrar que turistas e moradores têm conhecimentos e relações diferentes sobre as áreas naturais. O conhecimento dos moradores é muito rico, principalmente sobre as espécies nativas. O uso das frutas, por exemplo, está totalmente ligado à sobrevivência e a partir da chegada do supermercado ele ficou menos necessário, pela facilidade de acesso ao alimento comprado. Percebeu-se o potencial para que uma campanha de valorização dos frutos do cerrado entre moradores e turistas seja realizada. Esta campanha pode acontecer em parceria com os membros da Feira de Agricultura e Artesanato do distrito e também com os moradores da zona rural. O conhecimento sobre as cachoeiras, por sua vez, foi algo adquirido nas gerações mais jovens, já que antes da década de 1980 não havia o costume, entre os moradores, de se visitar estas áreas. As pessoas andavam nas áreas naturais com outros intuitos, como por exemplo, para a plantação.

Os turistas, por sua vez, possuem outra forma de se relacionar com as áreas naturais. Além de conhecerem mais as cachoeiras, que é o principal motivo pelo qual frequentam a Serra do Cipó, relatam que são áreas que proporcionam tranquilidade, descanso e alguns falam até mesmo de relações de espiritualidade.

A água é um recurso abundante e limpo na região e é o elemento das áreas naturais que as pessoas mais gostam. A garantia da qualidade da água é fundamental, tanto para a manutenção de toda a biodiversidade envolvida com este recurso, quanto para a manutenção da qualidade de vida das pessoas que vivem na Serra do Cipó. Além disso, a manutenção da qualidade da água é o elemento chave para a permanência da atividade turística atual, principal atividade econômica da região.

O que mais incomoda as pessoas nas áreas naturais da Serra do Cipó é a presença de lixo. A produção de lixo aumentou com o fluxo de turistas e novos moradores. Além disso, os novos padrões de consumo inseridos nesta comunidade também causam o aumento da produção de lixo.

Sobre o turismo, foi demonstrado que o seu histórico na Serra do Cipó é de uma atividade desordenada. A maioria das áreas visitadas pelos turistas está fora do Parque, e grande parte dos gestores locais visualiza o fechamento de certas áreas, principalmente as de acesso gratuito, como a forma de se controlar o turismo desordenado. Infelizmente, pouco se fala em realizar atividades de gestão adequada e educação com moradores e turistas.

A presença do órgão ambiental federal (IBDF, IBAMA e posteriormente ICMBio) na região, foi importante para controlar o desmatamento, a caça e o turismo predatórios. Esta instituição em certos momentos é vista pela população como “polícia” em seu poder de comando e controle, em outros como aliado e parte da comunidade, no momento em que seus funcionários fazem parte dali e ajudam na proteção dos recursos naturais e naquilo em que a população quer proteger.

A chegada deste órgão ambiental federal na Serra do Cipó foi muito marcante na região, principalmente em dois aspectos: no início de um ordenamento do

turismo; e no controle do uso dos recursos naturais da região. Os moradores que viviam das práticas de agricultura e pecuária não poderiam mais colocar fogo, nem cortar árvores, sendo esta a forma que eles sabiam limpar o terreno. Sendo assim, o discurso que se escuta é que “o IBAMA não deixa a gente plantar”. Conclui-se, portanto a importância do acompanhamento técnico agrícola nos processos de implementação de Unidades de Conservação, para que seja ensinado ou criado junto com os moradores novas técnicas de manejo da terra para o plantio. Os sistemas agroflorestais, por exemplo, são um boa alternativa. Outra necessidade emergente é a melhor formação dos gestores tanto federais quanto municipais no que se refere à interpretação e aplicação da legislação assim como na consciência das competências de cada órgão.

Não apenas a presença do órgão ambiental auxiliou na diminuição de algumas práticas impactantes como o desmatamento, mas também, devido às discussões num contexto global sobre conservação ambiental. Ao mesmo tempo, o tamanho da população no distrito vem aumentando fortemente e com ele, o impacto causado para atender as necessidades de moradores e visitantes. Entre os exemplos destes impactos estão a construção de casas de alvenaria cada vez maiores, a abertura de novas estradas e a crescente produção de resíduos. Estes impactos são severos e interferem negativamente na resiliência as áreas naturais.

Apesar da Serra do Cipó ter um turismo voltado para o ecoturismo, existe uma história muito rica, sobre a cultura sertaneja. Esta história deveria ser resgatada e valorizada, principalmente dentro do Parque, nas regiões do Retiro e Vale do Mascate, locais em que a população local tem uma forte ligação. Além disso, os resquícios da presença destas famílias ainda existem na forma das casas e da vegetação em estagio de recuperação. Esta seria uma forma de enriquecer a experiência do turista e de aproximar a comunidade local do parque.

O aumento da população juntamente com a demanda do mundo moderno e os padrões urbanos que estão sendo buscados por esta população, fazem com que seja necessário um planejamento ambiental que contemple essas mudanças. Além disso, a promoção do fortalecimento e participação comunitária se vê necessária, uma vez que as suas demandas devem ser

respeitadas. Outra questão importante de ser levada em consideração é que o órgão ambiental mais influente é o ICMBio, do governo federal. Por muitos anos, foi o único órgão público atuante na região. Porém a recorrente mudança de gestores influencia na forma em que os impactos são lidados e a comunidade, portanto não pode ficar à mercê destas mudanças. O empoderamento desta comunidade deve ser estimulado para que este não aconteça.

Há também a necessidade de trabalhar a união e o fortalecimento das instituições públicas que atuam na região: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo, CODEMA, COMTUR, Subcomitê de Bacia, Conselho Consultivo do Parque Nacional da Serra do Cipó e APA Morro da Pedreira, e Escola Estadual Dona Francisca Josina, incluindo o Curso Técnico em Meio Ambiente. A efetiva participação da comunidade da Serra do Cipó nestes grupos é extremamente necessária para a criação de uma política ambiental local forte e que atenda às necessidades locais. A educação é o eixo central para esse fortalecimento acontecer.

Aliados à educação vislumbra-se a necessidade da geração de renda voltada à busca de soluções ambientais para a região. Destaca-se na Serra do Cipó que há um grande potencial para que estas ideias sejam executadas, já que a cada ano se formam vários alunos do Curso Técnico em Meio Ambiente com projetos de intervenção passíveis de serem implementados. Além disso, pesquisas que embasem a tomada de decisão e a interlocução entre pesquisadores e gestores também são necessárias.

A região tem a presença constante de pesquisadores. Existe a necessidade de ampliar a troca de saberes entre pesquisadores e moradores com a finalidade de aumentar a compreensão dos dois grupos sobre as questões ambientais e de produção, tornando o modo de vida dos moradores mais sustentável.

Um planejamento estratégico e coletivo é importante para que a construção da projeção futura para o que se quer para a Serra seja construída, fomentando assim o papel de cada um na sociedade em que vive.

O Cerrado da Serra do Cipó é diverso, está ameaçado, e é visto com olhares e saberes diferentes. O mais importante é que ele existe. Cabe a todos nós, enquanto sociedade, fazermos a nossa parte para conservá-lo.

6. DESDOBRAMENTOS DO ESTUDO

Este estudo poderá subsidiar vários outros na região, relacionados à educação ambiental dos diversos atores que formam a sociedade da Serra do Cipó: moradores, turistas, gestores e empresários. Além disso, este estudo fornece elementos que poderão ser utilizados para enriquecer as discussões para a tomada de decisão e planejamento do distrito.

De certa forma, o subsídio a algumas ações feitas pela própria pesquisadora já vêm ocorrendo gradualmente, durante a sua participação em alguns momentos, como:

- participação, em 2012, das Câmaras Técnicas do CODEMA de Corte e Poda de árvores, e de Parcelamento de Solo.
- participação, em 2012, de reunião da comunidade da Serra do Cipó com gestores da APA Morro da Pedreira como etapa do seu Plano de Manejo.
- apresentação, em 2012, de palestra com título “Conflitos socioambientais na Serra do Cipó”, em evento sobre (In) Sustentabilidade na Serra do Cipó, organizada pelo Instituto de Observação da Terra.

Vislumbrou-se, com este estudo a importância de se proporcionar um curso para os gestores públicos e membros dos Conselhos Municipais (CODEMA e COMTUR) e Conselho do Parque e da APA. Os temas-chave do curso seriam:

1. A história de ocupação da Serra do Cipó
2. Biodiversidade da Serra do Cipó
3. A compreensão sobre os processos de ocupação e transformação do Espaço
4. Gestão Participativa
5. Noções sobre Sustentabilidade

No Encarte 4 (Zoneamento) do Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Cipó (ICMBio, 2009), o Retiro, tão citado nas entrevistas do presente estudo, é considerado como Zona Histórico Cultural. As informações geradas

neste estudo podem ser utilizadas para enriquecer e até mesmo fomentar a execução de um projeto de implementação desta Zona.

Este estudo também gerou informações relativas a aspectos socioeconômicos que podem subsidiar os processos de ampliação do Parque Nacional da Serra do Cipó e Parque Estadual do Intendente.

Vislumbrou-se, por fim, a necessidade de realização de um fórum com os vários atores locais para discutirem o que querem para o futuro da Serra do Cipó e incentivar as pessoas a agirem coletivamente e participarem das questões do município.

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, U.P.; Lucema, R.F.P; Alencar, N.L. Métodos e Técnicas para Coleta de Dados Etnobiológicos. In: Albuquerque, U.P.; Lucema, R.F.P.; Cunha, L.V.F.C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: Nuppea. Cap.2. 2010.

Almada, E.D. Entre as Serras: Etnoecologia de duas comunidades quilombolas no sudeste brasileiro. Universidade Estadual de Campinas, 226p. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Instituto de Biologia. Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais. Campinas. 2012.

Amorozo, M.C.M.; Viertler, R.B. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: Albuquerque, U.P.; Lucema, R.F.P.; Cunha, L.V.F.C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: Nuppea. Cap.3. 2010.

Antônio, D.G.; Guimarães, S.T.L. Emprego do Patrimônio Imaterial na Gestão Ambiental em Unidades de Conservação: conservando a natureza, a cultura e o conhecimento. **Olam Ciencia e Tecnologia**. Ano VIII, v. 8, n. 1, pg. 6 – 34. 2008.

Associação Mineira de Escala (AME). Disponível em: <http://www.amescalada.org.br/>. Acessado em fevereiro de 2013.

Barbosa, N.P.U.; Fernandes, G.W. A Destruição do Jardim. *Scientif American Brasil*. Disponível em: www.sciam.com.br. 2008.

Becker, L.C.; Pereira, D.C.; Rosa, J.C. Mineração na capital mineira do ecoturismo: impactos socioambientais do Projeto Minas-Rio. Anais do VIII Congresso Nacional de Ecoturismo e do IV Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação. *Revista Brasileira de Ecoturismo*. São Paulo, v.4, n.4, 2011.

Brasil, Cláudia; Oliveira, Marcelo. Conceição do Mato Dentro: impacto socioambiental preocupa moradores e autoridades. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/a-camara/conheca/camara-destaca/mineracao/conceicao->

do-mato-dentro-impacto-socioambiental-preocupa-moradores-e-autoridades. Acesso em: 2 de agosto de 2012

Cardoso, C. V. As Interfaces Socioambientais De Um Lugar Em Reconstrução: distrito Serra do Cipó/Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais, 146p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. Belo Horizonte. 2008.

Coelho, L.F.. Turismo em Áreas Naturais Protegidas: algumas reflexões sobre o caso da APA Cairuçu-RJ. In: **Anais do II Encontro de Grupos de Pesquisa**. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia. Uberlândia. 2006.

Costa, H. S. M.; Oliveira, A.M.; Ramos, M.V. População, turismo e urbanização: conflitos de uso e gestão ambiental. **GEOgrafia**. Ano V. n. 10. 2003.

Cruz, R.C.A. A produção do espaço – ponto de chegada e partida. IN: Cruz, R.C.A; Sabino, A.L.; Molina, F.S.; Chagas, R.P. **Geografias do Turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Roca. 2007.

Diamond, J. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. 7ª.ed. Rio de Janeiro: Record. 2010.

Diegues, A.C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e áreas Umidas Brasileiras. Universidade de São Paulo. 2001

Ditt, E. H.; Montovani, W.; Padua, C.V.; Bassi, C. Entrevistas e aplicação de questionários em trabalhos de conservação. In: Cullen Junior, L.; Rudran, R.; Padua, C.V. **Métodos de estudos em Biologia da Conservação e Manejo da Vida Silvestre**. 2ª.ed. Curitiba: UFPR. 2009.

Drummond, M. A.; Giovanetti, L.; Guimarães, A. **Técnicas e ferramentas participativas para gestão de unidades de conservação**. Brasília: Série Cadernos ARPA. 2009.

Dunning Jr., J. B.; Groom, M. J.; Pulliam, H. R. Species and Landscape approaches to conservation. In: Groom, M.J.; Meffe, G.K.; Carrol, C. R. e colaboradores. **Principles of Conservation Biology**. 3ª.ed. Sunderland, Massachusetts: Sinauer Associates. 2006.

Ferreira, José Carlindo. **Memórias de um Rescenseador**. Belo Horizonte: Cipó Voador. 1999.

Foster, D. R.. The importance of Land use History to Conservation Biology. In: Groom, M.J.; Meffe, G.K.; Carrol, C. R. e colaboradores. **Principles of Conservation Biology**. 3ª.ed. Sunderland, Massachusetts: Sinauer Associates. 2006.

Gontijo, B. M. A ilusão do Ecoturismo na Serra do Cipó/MG: o caso de Lapinha. Universidade de Brasília, 192p. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Brasília. 2003.

Gotelli, N.J.; Ellison, A.M. **Princípios de Estatística em Ecologia**. Porto Alegre: Artmed. 2011.

Groom, M. J.; Vynne, C. H.. Habitat degradation and loss. In: Groom, M.J.; Meffe, G.K.; Carrol, C. R. e colaboradores. **Principles of Conservation Biology**. 3ª.ed. Sunderland, Massachusetts: Sinauer Associates. 2006.

Guimarães, S.T.L.; Dacanal, C. Arquitetar para viver. Educar Para Conservar: faces da qualidade ambiental e da qualidade de vida na conservação do meio ambiente. **Climatologia e Estudos da Paisagem**. v. 1, n. 1/2. 2006.

Houaiss, Instituto. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. 2ª.ed. 2007.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.ibge.gov.br. Data: 20 de julho de 2012.

Instituto Chico Mendes de Conservação à Biodiversidade. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Cipó e APA Morro da Pedreira**. Brasília. 2009.

KREBS, Charles, J. Ecological Methodology. 2ª.ed. Menlo Park: Benjamin Cummings. 1999.

Lopes, C.G.F. Diferença e Conflito: uma perspectiva teórica para análise do fenômeno do turismo a partir das transformações do/no modo de vida dos lapinhenses. Universidade Federal de Minas Gerais, 305p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. Belo Horizonte. 2008.

Mendonça, R. Neiman, Z. Ecoturismo: discurso, desejo e realidade. **Meio Ambiente, Educação e Ecoturismo**. São Paulo: Manole. 2002.

Nascimento, J. S. Estudo da paisagem como base para o desenvolvimento e monitoramento de estratégias de conservação, com uso de análise multicriterial, em ambiente SIG, no Mosaico de Unidades de Conservação da Serra do Cipó, MG. Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. 2010.

Neto, G.G.; Carniello, M. A. Etnoconhecimento e saber local: um olhar sobre populações humanas e os recursos vegetais. In: Albuquerque, U.,P.; Alves, A., G., C.; Araújo, T. A. S. **Povos e Paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFRP. 2007.

Pedro, 2010. Construindo dendrogramas usando o R. Disponível em:

<http://dendrolab.wordpress.com/2010/11/03/construindo-dendrogramas-usando-o-r/>. Acessado em fevereiro de 2013.

Ribeiro, K.T.; Filippo, D.C.; Paiva, C.L.; Madeira, J.A.; Nascimento, J.S. Ocupação por *Bachiaria* spp. no Parque Nacional da Serra do Cipó e infestação decorrente da obra de pavimentação da rodovia MG-010 na APA Morro da Pedreira, MG.. In: **Anais do I Simpósio Brasileiro de Espécies Exóticas Invasoras**. Brasília. 2005.

Ribeiro, K. T.; Nascimento, J. S.; Madeira, J. A.; Ribeiro, L. C. Aferição dos limites da Mata Atlântica na Serra do Cipó, MG, Brasil, visando maior compreensão e proteção de um mosaico vegetacional fortemente ameaçado. **Natureza e Conservação**. v. 7. n. 1. 2009.

Ribeiro, M.C. A Reprodução Crítica Do Espaço Na Porção Meridional Da Serra Do Espinhaço De Minas Gerais: modernização do espaço e crise da sociedade do trabalho. Universidade de São Paulo, 134 p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. São Paulo, 2013 (no prelo).

Santos, A. L.S.; Pereira, E. C. G.; Andrade, L. H. C. A construção da paisagem através do manejo dos recursos naturais e a valorização do etnoconhecimento. In: Albuquerque, U.,P.; Alves, A., G., C.; Araújo, T. A. S.. **Povos e Paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFRP. 2007.

Santos, M. **Pensando o Homem do Espaço**. 5ª.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2007.

SEBRAE. Foco Competitivo. Palestra. Serra do Cipó, 2012.

The Ecotourism Society. Disponível em: <http://www.ecotourism.org>. Acessado em novembro de 2012.

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA POPULAÇÃO RESIDENTE / ENTREVISTA – INDIVIDUAL

Nome: _____ Data: _____ Bairro: _____

Setor IBGE: _____

PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS MORADORES:

PS. 1. Sexo: Feminino Masculino

PS.2. Idade: _____

PS.3. Estado civil:

PS.4. N° de filhos: Nenhum 1 2 3 Acima de 3

PS. 5. Escolaridade:

PS.6A. Há quanto tempo mora na Serra do Cipó?

a vida toda/desde criança desde antes da criação do parque

desde a década de 80 desde a década de 90

entre 2000 e 2009 de 2010 em diante

PS. 6B. Caso seja de outra cidade, de onde é? _____

PS. 6C. Caso seja de outra cidade, por que veio para a Serra do Cipó?

PS.7. Bairro onde mora:

Vacaria Progresso Santa Terezinha ver entre

soberbo e rodovia ver atrás do soberbo Vila Santa Rita

PS.8. Há quanto tempo mora aqui neste bairro:

- a vida toda/desde criança antes da criação do parque
 desde a década de 80 desde a década de 90
 entre 2000 e 2009 de 2010 em diante

PS.9. Mora de aluguel ou é casa própria?

- aluguel casa própria outro_____

PS.10. Você possui algum outro imóvel que aluga? sim não

Quantos? 1, no mesmo terreno que mora 1, em outro terreno

2, no mesmo terreno que mora 2, em outro terreno

PS.11A. Quantas pessoas moram na mesma casa? _____

PS. 11B. E no mesmo lote?_____

PS.12. Com o que trabalha?

- estudante instituição pública restaurante pousada/hotel
 comércio serviços gerais condutor ambiental outros:_____

PS.13. Fontes de renda da família:

PS.14. Cria algum animal ou tem plantação?

ANEXO A'

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA TURISTA () 1 () 2 / ENTREVISTA – INDIVIDUAL

Nome: _____ Data: _____

Local da entrevista: _____

PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS TURISTAS:

PS. 1. Sexo: () Feminino () Masculino

PS. 2. Idade: _____

PS. 3. Estado civil:

PS. 4. N° de filhos: () Nenhum () 1 () 2 () 3 () Acima de 3

PS. 5. Escolaridade:

PS. 6. Em qual cidade mora? _____

PS. 7. Há quanto tempo conhece a Serra do Cipó?

() a vida toda/desde criança () desde antes da criação do parque

() desde a década de 80 () desde a década de 90

() entre 2000 e 2009 () de 2010 em diante

PS. 8. Com qual frequência vem à Serra do Cipó?

() é a primeira vez () a última vez que vim tem muitos anos

() venho nas férias e feriados () todos mês () todo final de semana

PS. 9. Veio para ficar:

() durante o dia () o final de semana/feriado

PS. 10. Tipo de hospedagem em que está:

- casa alugada casa de parente hotel/pousada camping
 veio passar o dia casa própria

Turista 02:

PS. 11A. Bairro onde é a casa na Serra do Cipó

- Vacaria Progresso Santa Terezinha ver entre
soberbo e rodovia ver atrás do soberbo Vila Santa Rita

PS. 11B. Há quanto tempo tem casa na Serra do Cipó?

- a vida toda/desde criança desde antes da criação do parque
 desde a década de 80
 desde a década de 90 entre 2000 e 2009 de
2010 em diante

PS. 11C. Pretende se mudar para a Serra do Cipó?

- Sim. Quando? _____ Não

PS. 12. Está com quantas pessoas? _____

- casal amigos família

PS. 13. Com o que trabalha:

- estudante funcionário(a) público(a) empresa privada ONG
 autônomo economia mista

Área: ambiental social economia educação saúde
outros _____

PS. 14A. Por que vem à Serra do Cipó?

Turista 02:

PS. 14B. Por que manter uma casa na Serra do Cipó?

ANEXO B

SOBRE A RELAÇÃO COM O CERRADO – PARA MORADORES E TURISTAS

1. Qual é a história deste terreno?

Apenas para moradores

2. Durante o seu dia, passa por alguma área de cerrado?

3. Quais áreas de Cerrado da Serra do Cipó você conhece?

4. Qual a frequência que visita cada uma das áreas?

5. Em qual ocasião visita cada uma das áreas?/Para turista: Como escolhe em qual área vai visitar?

6. O que estas áreas representam para você? (qualidade de vida, bem estar, sustento...)

7. O que mais gosta nesta/sobre estas áreas? (pontos positivos)

8. O que mais te incomoda nestas/sobre estas áreas? (pontos negativos)

9. Das áreas de Cerrado, onde mais gosta de ir? Por quê?

10. Tem alguma área que você visitava (ou passava) e que não pode mais visitar? Por quê?

11. Utiliza algum elemento do Cerrado de alguma forma, como?

12. Quais animais você já viu na Serra do Cipó? Você caça ou já comeu carne de animais silvestres?

13. Quais peixes tem na região? Você pesca?

14. Realiza alguma ação para a conservação na Serra do Cipó?

15. Como você gostaria de ver áreas naturais da Serra do Cipó no futuro?

Apenas para moradores

16. Se sente beneficiado (a) com o turismo? Ou o turismo interfere em alguma coisa da sua vida?

ANEXO C

TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ANEXO D

Título do ANEXO D: Tabela com as informações sobre os indivíduos entrevistados. Organização da tabela referente ao resultado da análise de agrupamento (Figura 13 do texto).

Grupo	Id	Setor	Classif.	
1	10	1	1980-1989	
	8	1	1980-1989	
	6	1	Antes de 1980	
	4	1	Antes de 1980	
	5	1	1980-1989	
	2	1	1990-1999	
	1	1	1980-1989	
	3	1	2000-2009	
	2	15	1	Antes de 1980
		13	1	Antes de 1980
16		1	1990-1999	
12		1	2000-2009	
11		1	1990-1999	
14		1	2010-2012	
18		1	1990-1999	
17		1	Antes de 1980	
20		1	2000-2009	
3		31	2	Antes de 1980
	27	2	Antes de 1980	
	28	2	Antes de 1980	
	29	2	Antes de 1980	
	25	2	Antes de 1980	
	23	2	Antes de 1980	
	26	2	1990-1999	
	34	2	Antes de 1980	
	32	2	Antes de 1980	
	35	2	Antes de 1980	
4	43	3	Antes de 1980	
	42	3	1990-1999	
	41	3	2000-2009	
	40	3	1990-1999	
	38	3	1980-1989	
	36	3	Antes de 1980	
	5	55	5	1990-1999
		54	5	2000-2009
		56	5	2000-2009
		50	5	2000-2009
51		5	2000-2009	
49		5	2010-2012	
48		5	2000-2009	
46		5	Antes de 1980	
57		5	2000-2009	
52		5	Antes de 1980	
6	45	5	1990-1999	
	61	5	2000-2009	
	58	5	2000-2009	
	60	5	2000-2009	
	65	6	2000-2009	
	62	5	2010-2012	
	63	5	1990-1999	
	75	6	Antes de 1980	
	74	6	1980-1989	
	79	6	Antes de 1980	
7	77	6	1980-1989	
	71	6	2010-2012	
	80	6	Antes de 1980	
	73	6	Antes de 1980	
	70	6	Antes de 1980	
	68	6	2010-2012	
	64	6	2010-2012	
	81	0	T1	
	78	6	2010-2012	
	83	0	T1	
8	82	0	T1	
	96	0	T1	
	94	0	T1	
	92	0	T1	
	91	0	T1	
	90	0	T1	

89	0	T1	
88	0	T1	
87	0	T1	
93	0	T1	
85	0	T1	
84	0	T1	
86	0	T1	
100	0	T1	
97	0	T1	
98	0	T1	
99	0	T1	
101	5	T2	
95	0	T1	
8	112	2	T2
109	2	T2	
106	1	T2	
105	1	T2	
108	1	T2	
107	1	T2	
104	1	T2	
103	6	T2	
102	6	T2	
110	2	T2	
118	5	T2	
113	6	T2	
115	6	T2	
114	6	T2	
117	5	T2	
116	3	T2	
111	2	T2	
119	5	T2	
9	22	2	Antes de 1980
21	2	Antes de 1980	
19	1	Antes de 1980	
30	2	Antes de 1980	
9	1	Antes de 1980	
7	1	Antes de 1980	
10	47	5	Antes de 1980
44	4	Antes de 1980	
39	3	1980-1989	
53	5	Antes de 1980	
37	5	Antes de 1980	
67	6	2000-2009	
66	6	Antes de 1980	
69	6	2000-2009	

59	5	1990-1999	
76	6	Antes de 1980	
72	6	Antes de 1980	
11	120	3	T2

ANEXO E

Título do ANEXO E: Tabela com as porcentagens das respostas referentes à pergunta: O que gosta nas áreas naturais?

O que gosta nas áreas naturais? (%)	Grupos										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Água	37.5	44.4	25.0	16.7	57.1	30.8	40.9	38.9	16.7	54.5	100.0
Boas Sensações	12.5	11.1	33.3	33.3	21.4	23.1	9.1	11.1	16.7	0.0	0.0
Beleza	25	33.3	16.7	33.3	14.3	15.4	22.7	16.7	16.7	0.0	0.0
O Contato com a Natureza	12.5	33.3	0.0	33.3	21.4	0.0	9.1	27.8	0.0	0.0	0.0
Ver/ouvir os animais	25	33.3	16.7	16.7	0.0	15.4	4.5	11.1	50.0	18.2	0.0
A vegetação	25	33.3	41.7	50.0	7.1	15.4	13.6	22.2	66.7	63.6	0.0
Das pessoas que encontra	0	0.0	16.7	0.0	0.0	0.0	4.5	11.1	16.7	0.0	0.0
Características do lugar como: tranquilidade, silêncio, som, cheiro, vento	12.5	33.3	16.7	0.0	21.4	38.5	27.3	22.2	16.7	36.4	0.0
Lavar roupa	12.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Não gosta	0	0.0	0.0	0.0	7.1	0.0	0.0	0.0	16.7	0.0	0.0
Lembranças do passado	12.5	0.0	0.0	0.0	7.1	7.7	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
É um momento de descobertas	12.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	4.5	0.0	0.0	0.0	0.0
Das pedras	0	0.0	16.7	16.7	7.1	0.0	9.1	0.0	0.0	9.1	0.0
Pinturas rupestres	0	0.0	8.3	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Das trilhas	0	0.0	16.7	0.0	0.0	7.7	4.5	16.7	0.0	9.1	0.0
Da preservação da natureza	0	0.0	0.0	0.0	7.1	0.0	4.5	5.6	0.0	0.0	0.0
Pescar	0	0.0	0.0	0.0	7.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Montanhas	0	0.0	0.0	66.7	7.1	23.1	40.9	27.8	0.0	18.2	100.0
Da energia do lugar	0	0.0	0.0	0.0	7.1	0.0	4.5	11.1	0.0	0.0	0.0
Fazer churrasco/tomar cerveja	0	0.0	0.0	0.0	7.1	0.0	0.0	5.6	0.0	0.0	0.0

ANEXO F

Título do ANEXO F: Porcentagem de respostas para a pergunta: O que te incomoda nas áreas naturais?

O que incomoda nas áreas naturais? (%)	Grupos										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Lixo	12.5	44.4	0.0	33.3	50.0	46.2	36.4	33.3	0.0	27.3	100.0
Comportamento de Algumas Pessoas	12.5	33.3	0.0	0.0	21.4	7.7	9.1	16.7	16.7	18.2	0.0
Excesso de Pessoas	12.5	11.1	0.0	0.0	28.6	7.7	13.6	11.1	0.0	0.0	0.0
Valores Altos Cobrados na Entrada	12.5	0.0	0.0	0.0	14.3	7.7	4.5	0.0	0.0	0.0	0.0
Nada Incomoda	12.5	11.1	58.3	33.3	7.1	23.1	31.8	22.2	50.0	27.3	0.0
Perigo de Afogar	12.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Degradação Ambiental (fogo, desmatamento)	25	22.2	8.3	0.0	14.3	30.8	4.5	16.7	0.0	27.3	0.0
Excesso de Estrutura	0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	4.5	0.0	0.0	0.0	0.0
Falta de estrutura	0	0.0	0.0	0.0	7.1	7.7	9.1	5.6	0.0	0.0	0.0
Local muito vazio	12.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Quando cobram a entrada e não há retorno para a conservação do local	0	11.1	0.0	0.0	14.3	7.7	4.5	0.0	0.0	0.0	0.0
Fatores naturais: chuva, carrapato, pernilongo	0	0.0	16.7	0.0	7.1	7.7	0.0	22.2	16.7	18.2	0.0
Animais Peçonhentos	0	0.0	25.0	16.7	0.0	0.0	0.0	0.0	16.7	9.1	0.0
O Fato de não poder mais entrar nas áreas	0	0.0	0.0	16.7	0.0	0.0	0.0	5.6	0.0	0.0	0.0
Reclamações da postura dos órgãos públicos em relação às áreas naturais	0	0.0	0.0	0.0	14.3	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

ANEXO G

Título do ANEXO G: Porcentagens relativas às perguntas: Como você gostaria de ver áreas naturais da Serra do Cipó no futuro?

Grupo	Nº de indivíduos	Mais conservadas que hoje	Como hoje	Melhor estrutura turística	Como antigamente	Não sabe	Outros
1	8	37.5	25	12.5	25	0	0
2	9	66.7	11.1	11.1	0.0	0.0	11.1
3	12	41.7	50.0	0.0	8.3	0.0	0.0
4	6	66.7	33.3	16.7	0.0	0.0	0.0
5	14	57.1	7.1	42.9	7.1	0.0	14.3
6	13	46.2	30.8	0.0	15.4	7.7	0.0
7	22	59.1	36.4	22.7	0.0	0.0	0.0
8	18	61.1	22.2	22.2	0.0	0.0	0.0
9	6	33.3	50.0	0.0	0.0	16.7	0.0
10	11	36.4	36.4	9.1	9.1	9.1	0.0
11	1	100.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

Por que fazer este projeto na Serra do Cipó? Uma breve apresentação da autora

Na Serra do Cipó fui turista, daquelas que apenas passa o dia pela proximidade de BH. Acampeei com amigos na adolescência, fiz travessias. No Parque Nacional, fiz acampamentos sem saber que eram áreas de parque e depois de entrar na faculdade de Biologia, em 2005, fui fazer estágio de férias. Lá acabei encontrando atividades que me completaram, era tudo que eu queria fazer, aprender, trabalhar. Ainda por cima com pessoas ótimas! Fiz amizades e assim “fui ficando”. Após um ano de formada, ainda trabalhando num projeto dentro do parque comecei a lecionar na escola e acabei me mudando para a Serra. Nesta época me falavam “é menina, você bebeu da nossa água... Quem bebe da nossa água não vai embora não...” Que água que é essa Meu Deus? A água que vem da Serra, do alto da Serra, cuja imensa beleza nos leva à gostosura de banhos de cachoeira, banho de rio, que mata a nossa sede que irriga a terra. Durante todo este período, desde o início da faculdade, até agora, o final do mestrado, já se passaram 8 anos. Eu mudei e a Serra do Cipó também mudou. Foram tais transformações que me motivaram a fazer esta pesquisa. Ao mesmo tempo que eu ia compreendendo mais as questões relacionadas à conservação ambiental, mais eu via que os impactos iam aumentando na Serra. Uma mistura de convivência com este lugar e com as pessoas deste lugar me faziam entender a rica relação que elas tem com o Cerrado, com as trilhas, as frutas, o plantio, a terra, o rio, as estações do ano. E assim aprendi muito com tudo isso. Fui vendo, com os meus próprios olhos áreas que as pessoas usavam para caminhar, pegar fruta, pegar lenha, se transformarem em loteamentos. Áreas vastas de cerrado ao longo da estrada também. Aquela coisa de ver a Serra se emendando com a cidade por condomínios fechados. E assim vendo também o número de casas, de pessoas, de comércio aumentando. Melhorias na escola acontecendo, mas também o número de casos de jovens usando drogas, roubando. Água secando. É a dualidade da vida. Ao mesmo tempo, ao acompanhar o lado das instituições públicas que não podem privar o direito das pessoas de construir, de ir e vir. Diante de tantas transformações e informações resolvi refletir sobre o assunto para compreender melhor todo este processo o que resultou na escolha deste tema como produto final do mestrado.